



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Departamento de Educação
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural
PÓS-CRÍTICA / DEDC II Alagoinhas
Linha de pesquisa 2: Letramento, Identidades e
Formação de Educadores



FABIANE FERNANDES GUIMARÃES

**O SABER-FAZER DAS PRETAS DE CAMAÇARI:
DO IMPROVISO ÀS NOVAS FORMAS DE (RE) EXISTIR**

Alagoinhas-BA
Julho de 2019

FABIANE FERNANDES GUIMARÃES

**O SABER-FAZER DAS PRETAS DE CAMAÇARI: DO IMPROVISO ÀS
NOVAS FORMAS DE (RE) EXISTIR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós -
Graduação em Crítica Cultural do
Departamento de Educação do Campus II-
UNEB, como requisito à obtenção do título de
Mestra em Crítica Cultural.

Orientadora: Profa. Dra^a. Suely Aldir Messeder

Coorientadora: Prof.^a Dra. Elaine Cristina
Cambuí Barbosa

Alagoinhas-BA
Julho de 2019

FOLHA DE APROVAÇÃO
"O SABER-FAZER DAS PRETAS DE CAMAÇARI: DO IMPROVISO ÀS NOVAS FORMAS
DE (RE) EXISTIR."

FABIANE FERNANDES GUIMARÃES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural – PÓS-CRÍTICA, em 24 de julho de 2019, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Professor(a) Dr.(a) SUELY ALDIR MESSEDER
UNEB

Doutorado em Cuestions de Filosofia
UNIVERSIDAD DE SANTIAGO DE COMPOSTELA



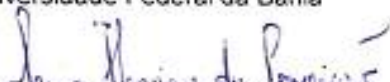
Professor(a) Dr.(a) ELAINE CRISTINA CAMBUI BARBOSA
Ufba - UFBA

Doutorado em Pós-Graduação em Ecologia e Biomonitoramento
Universidade Federal da Bahia



Professor(a) Dr.(a) LÍCIA MARIA DE LIMA BARBOSA
UNEB

Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos
Universidade Federal da Bahia



Professor(a) Dr.(a) SÉRGIO HENRIQUE DA CONCEIÇÃO
UNEB

Doutorado em Educação e Contemporaneidade - PPGEduc
Universidade do Estado da Bahia



Professor(a) Dr.(a) LAURA MOUTINHO
Usp - USP

Doutorado em Antropologia Social
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Professor(a) Dr.(a) ÂNGELA LUCIA SILVA FIGUEIREDO
Ufrb - UFRB

Doutorado em Sociologia
Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro

FICHA CATALOGRÁFICA

G963s Guimarães, Fabiane Fernandes.

O saber – fazer das pretas de Camaçari: do improviso às novas formas de (re)existir./ Fabiane Fernandes Guimarães – Alagoinhas, 2019.

169f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Mestrado em Crítica Cultural.

Orientador: Prof.^a Dr^a Suely Aldir Messeder.

1. Negras – Condições sociais. 2. Mulheres – Condições sociais. 3. Trabalhadoras autônomas. I. Messeder, Suely Aldir. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. III. Título.

Biblioteca do Campus II / Uneb
Bibliotecária: Rosana Cristina de Souza Barretto - CRB: 5/902

Dedico esta dissertação à todas as mulheres que se tornam quem são todos os dias, e que explodem em potência nos ambientes mais áridos e hostis. E à minha avó Didi (*in memoriam*).



AGRADECIMENTOS

Quanto aprendizado cabe em 2 anos? Quanta gratidão cabe numa folha de papel? O exercitar catártico da pesquisa encarnada e sentidora não se faria possível se eu não tivesse vivenciado na pele o conceito de redes. Foram redes tecidas em muitos espaços e muitos momentos e interligadas por fios sólidos de muita generosidade, amor e afetos. Redes que me permitiram criar, repousar, chorar e equilibrar-me em sua mais delicada forma de unir uns aos outros, dar e receber, aprender e ensinar, em um movimento desapegado de olhar as coisas e pessoas com mais empatia, de carregar e ser carregada quando faltaram forças.

Ao exercitar a catarse de confrontar a mim mesma, de olhar no espelho e responsabilizar-me por caminhar sozinha e, ao mesmo tempo, cercada de tantas outras e outros, descobri o exercício da escrita e da gratidão, do olhar sensível aos que me acolheram (e foram muitas pessoas), e da partilha do que construí no caminhar. Ao fim, penso que aprendi definitivamente que eu não ando só, e como diz Bethânia: “*A rainha do mar anda de mãos dadas comigo/ Me ensina o baile das ondas e canta, canta, canta pra mim/ É do ouro de Oxum que é feita a armadura que cobre meu corpo...*”. Nessa tessitura de rede infinita, minha gratidão:

À minha avó (*in memorian*), Didi, que achava que a única coisa que podia me dar era o estudo. À senhora eu devo tudo o que me torno todos os dias. Essa dissertação é fruto de seu investimento e amor, sou muito abençoada por nossas vidas terem sido ligadas uma à outra. “*Aonde quer que eu vá, levo você...*”!

Às mulheres negras, *Martas, Sônias, Marias, Marielles, Mahins...*, à todas NEGRAS que participaram desta pesquisa e que dividiram comigo momentos únicos de puro aprendizado, meu muito obrigada! As gargalhadas, choros e a confiança depositada por vocês no nosso fazer, encheram esse trabalho de sentido e conduziram minha escrita da forma mais prazerosa e potente possível. Que sejamos todas, donas de nós mesmas e protagonistas de nossas histórias. Gratidão pela potência revelada nas suas negras vidas!

À minha orientadora, Suely Messeder, tecelã de primeira, que de forma generosa e afetada conduziu-me nesse caminhar, sendo bússola, porto, mas nunca âncora. Com você aprendi a tecer com esmero fios genuínos de conhecimento, ética e partilha. Compreendi a verdadeira importância de olhar para além do que os olhos podem ver, de sentir o que o universo tem para dar e de ser livre para caminhar.

À família que ganhei em Alagoinhas e que até no sobrenome tem Anjos: Júlia (amiga-irmã), Tia Lau, Tio Benjamin (meu vinho), Dudo e os Panxos, minha eterna gratidão por serem

comigo. Não sei o que seria dos meus dias sem as loucas conversas filosoficamente estranhas que entoavam nosso dormir e acordar diários, amiga. Entre uma garfada de cuscuz e um diálogo com os panxos, a certeza de que família é também aquela que construímos ao longo da vida, obrigada por dividir o frango nosso de cada dia! Amo vocês!

À minha mãe, Maria Gilza, que mesmo sem ter a menor ideia do que é um mestrado se orgulha ao dizer que “minha filha faz mestrado”. Toda essa luta inclui o desejo de te dar uma vida melhor. Obrigada por me esperar esses dois anos e sempre! Te amo!

À minha afilhada e amiga-irmã, Ariadne Cardoso, sem quem eu não conseguiria caminhar, por onde quer que eu vá estarei contigo. Não há palavras que definam a alegria de termos nos escolhido, sou só gratidão por tê-la na vida, obrigada por toda paciência, parceria e amor! Sigamos firmes no projeto de sermos “cada vez melhores” e juntas. Amo você!
#TamoJunta

À minha amiga-irmã, Elica Paiva, a gratidão pelo exemplo de ser-humano que és. Sem ti, essa rede jamais teria sido tecida de forma tão amorosa e, de certo, eu não estaria aqui escrevendo essa dissertação. Para quem acredita em anjo ou anja... pois é, você é a minha. A tua doçura me abraça mesmo de longe, o teu sorriso me lembra de quanta felicidade dispõe o universo. Gratidão por ser SEMPRE comigo, por teu exemplo e todo incentivo na tessitura dos fios que compõem minha vida e o meu existir.

À minha tia Sônia, mãe de todas as mães, que construiu comigo um caminho de descoberta do amor, meu eterno amor e gratidão por toda sinceridade e cuidado de sempre. Essa caminhada se fez mais feliz por tê-la comigo!

À tia Ivanise, minha gratidão eterna por todo incentivo e amparo que sempre me teve. Aos poucos, vamos descobrindo que amor também é cuidar e incentivar que o outro seja sempre mais do que ele imagina poder ser, e isso a senhora fez por mim. Sou imensamente agradecida. Receba o meu amor e gratidão!

À Dinameire Rios, amiga de luz que, enviada pelo Universo, apostou em mim quando nem eu apostava. Que bom tê-la na caminhada e na vida. Obrigada por ter iluminado minha estrada.

À minha amiga Fabiana Duarte que, entre uma xícara de café e alguns cachorros quentes, caminhou comigo toda essa estrada, não me deixando esquecer da imensidão de amor contida nos pequenos gestos. Se tem algo de que tenho certeza é que nada é por acaso e, não por acaso, nossa amizade se fortalece a cada acontecimento das nossas vidas. É muito amor envolvido!

À Jessica Passos, Txu, por todos os fios tecidos de amizade, mesmo que pelo Whats. É muito bom que tenhamos a maturidade de saber que não é preciso estar perto para estar junto. São muitos anos caminhados de uma costura de afeto sem fim. Obrigada por todas as tortas, crepes, sorrisos e cuidado! Mestramos p...

Às amigas de sempre e para sempre, Dayane Leal e Carolina Costa, que pacientemente esperam o dia em que voltarei a vida (kkk), obrigada pela amizade e parceria de vocês, que nossa amizade só cresça e fortaleça com o passar dos anos. Foi muita água que passou debaixo dessa ponte nesses dois anos, a ficha ainda nem caiu para o tanto que mudamos e crescemos, sou feliz por termos mudado e continuado as mesmas, amo vocês! Avisa que eu cheguei!!!!

À Viviane Brandão e Mayane Lima, muito obrigada por fazerem meus dias mais alegres. Sou muito grata pelos presentes que o CAT me deu, a brandura de uma e a energia da outra unem-se para complementar essa ligação. Aprendo todos os dias a ser água e a ser fogo. Gratidão pela amizade!

À Jocineia Santos e Daniela Ribeiro por terem começado e caminhado comigo até aqui. Sem dúvidas, crescemos e aprendemos muito juntas e esse é o mais belo aprendizado da vida, quando aprendemos que nada sabemos. Todos os nossos encontros, bolos e cafés nos ligaram ao chamamento que cada uma de nós precisávamos. Essa conquista também é nossa!

À Fernanda Brito, ser de luz e especial que me acompanha há uns aninhos. Deixo aqui a minha desmedida gratidão e admiração por ser essa pessoa humana e iluminada, não sei como faria se não fossem as horas em que acolheu os meus mais profundos devaneios com a mais pura generosidade. Que tua vida seja sempre doce, gratidão!

A Adilson Paz, Peixinho, agradeço todos os livramentos e aconselhamentos generosos que me destes. Sem dúvidas, nossas comediantes elucubrações filosóficas que explodiam em risos e copos de café tornaram o percurso mais alegre. Se o riso é o remédio para a alma, a nossa vai bem, obrigada! Chegou a hora de pagar seu café!

À Lenade Barreto pela partilha generosa e acolhida diária nessa Salvador abençoada. Nossas conversas virginianamente embasadas fortaleceram os fios de nossa rede e organizaram meus dias. Todos os cafés e tentativas de me explicar como reconhecer um bom vinho valeram muito a pena. Obrigada por me ajudar na caminhada.

A Saulo Robledo que me acolheu e iniciou comigo essa jornada, vivenciando e dividindo tensões e loucuras, meu muito obrigada. Desejo que teu caminho seja leve e criativo.

À Amanaiara Miranda agradeço a colaboração sempre que precisei. Dizem que cada pessoa que passa em nossa vida nos ensina uma coisa, eu diria que ensina várias e, dentre as

tantas que aprendi contigo, a que mais tenho treinado é “não entrar em nada”. Obrigada pela disponibilidade de sempre.

À Elaine Cambuí, pelos momentos de tensão e gargalhadas despreziosas no fazer pesquisa. Agradeço também pela partilha generosa e tão descomplicada daquilo que carrega consigo. O segredo é mesmo ir atrás das borboletas... Gratidão!

Enfim, todas as pessoas do Grupo Enlace, aos que já tecem e aos que chegarão para somar à tessitura dessa rede infinita de troca e afeto, agradeço a generosidade da partilha de tempo, conhecimento, acolhimento e o carinho da escuta. Fazer pesquisa colaborativa me faz esperar por dias em que sejamos todos UBUNTU de verdade. Sou muito feliz por estar nesse grupo, encarnadamente enlaçada!

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), por ter me concedido bolsa de estudo nos quase dois anos do mestrado, gratidão.

À todas e todos colegas do Mestrado em Crítica Cultural que dividiram as angústias e alegrias de ser mestranda desde 2017. Em especial ao corpo docente e técnico da Instituição:

Ao coordenador, Osmar Moreira que, como mestre que é, foi de uma capacidade de acolhida e incentivo absurdos. Sua garra para fazer acontecer o que parece impossível é admirável, me faz esperar em um amanhã em que as armas sejam os livros e a educação prioridade. Que na barbárie do existir possamos nos abastecer com sua energia e potência de transgressão. À você, minha gratidão e admiração.

Às/Os professoras/es do Crítica Cultural, a vocês, meu muito obrigada pela generosidade dos diálogos e trocas. Em especial a José Félix e Lícia Barbosa, pessoas ímpares, de corações extremamente generosos, vocês são muito exemplo para mim, sou muito fã de vocês!

À Adnailsa e Maiara, secretárias dos pós-crítica, minha carinhosa gratidão por todos os sorrisos e conversas diárias, a presteza e competência de vocês fizeram os dias na UNEB mais leves.

Por fim, mas não menos importante, não poderia deixar de agradecer aos novos colegas de caminhada da Unidade Socioeducativa Mello Mattos, que me acolheram e me receberam de forma amorosa e compreensiva. Ao lado de vocês tenho aprendido a (des) aprender diariamente e a ser a minha melhor versão (todos os dias). Em especial agradeço à Sidinea Pedreira por toda compassividade e generosidade no ato de coordenar e colocar-se à disposição do outro, à Neide por todo companheirismo e brilho compartilhado e a Ulisses e Neide, por toda generosidade desprendida diariamente. Sinto-me honrada por encerrar este ciclo da minha vida com vocês ao meu lado, muito obrigada!

A noite não adormece nos olhos das mulheres

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.*

*A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.*

*A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.*

(Conceição Evaristo, 1996)

GUIMARÃES. Fabiane Fernandes. **O saber-fazer das Pretas de Camaçari: do improviso às novas formas de (Re) Existir**. 2019, 169 p. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural - Universidade do Estado da Bahia, Alagoinhas, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa versa sobre a construção do saber-fazer e das subjetividades de mulheres negras, trabalhadoras por conta própria, da Cidade de Camaçari-BA. No caminhar teórico-metodológico percebermos que o mote dos estudos que imbricam o saber-fazer e as relações de gênero valorizam a discussão sobre o protagonismo feminino, entretanto tal protagonismo decorre da estereotipada divisão sexual do trabalho, onde as mulheres ocupam funções de menor prestígio. Notou-se, portanto, a escassez de estudos que abordem o saber-fazer de mulheres negras, sobretudo no que se refere às atividades não vinculadas à vida privada e/ou ditas não femininas. A pesquisa possui procedimentos metodológicos quali-quantitativos. Primeiramente, aplicamos os questionários com os/as trabalhadores/as por conta própria (salão de beleza e bares), cujos conteúdos seguiram três dimensões: 1) Perfil sócio-econômico-cultural; 2) Saber-fazer; 3) Perfil do estabelecimento. Segundo, fomos a campo para reconstruir as histórias de vidas das mulheres pretas participantes da etapa anterior. Nesta empreitada com/sobre as mulheres pretas observamos o quão a violência doméstica, a fome, a desilusão e a solidariedade entre as mulheres conduziram ao desejo de trabalhar por conta própria. Com isto, acolhemos a ideia de um mercado informal estruturado por uma herança escravocrata, mas ao mesmo tempo, sinalizamos como as mulheres pretas agenciam o seu saber-fazer para montar o seu próprio negócio e sustentar a sua família.

Palavras-Chave: Saber-fazer. Subjetividades. Mulheres negras. Trabalhadoras por conta própria.

GUIMARÃES. Fabiane Fernandes. **The know-how of the Blacks of Camaçari: from improvisation to new forms of (Re) Exist.** 2019, 169 p. Dissertation (Master degree) - Post-Graduation Program in Cultural Criticism - State University of Bahia, Alagoinhas, 2019.

ABSTRACT

This research deals with the construction of the know-how and subjectivities of black women, self-employed, from the City of Camaçari-BA. In the theoretical-methodological walk, we perceive that the motto of the studies that interweave the know-how and the gender relations value the discussion about the feminine protagonism, however such protagonism stems from the stereotyped sexual division of labor, where women occupy functions of lesser prestige. Therefore, there was a shortage of studies that deal with the know-how of black women, especially in relation to activities not related to private and / or non-feminine life. The research has qualitative and quantitative methodological procedures. Firstly, we applied the questionnaires with the self-employed workers (beauty salon and bars), whose contents followed three dimensions: 1) Socio-economic-cultural profile; 2) Know-how; 3) Profile of the establishment. Second, we went to the countryside to reconstruct the life stories of the black women participating in the previous stage. In this work with / on black women, we observed how domestic violence, hunger, disillusionment and solidarity among women led to the desire to work on their own. With this, we welcome the idea of an informal market structured by a slave-owning inheritance, but at the same time we signal how black women organize their know-how to set up their own business and support their families.

Keywords: Know-how. Subjectivities. Black woman. Self-employed workers.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura	1	Banner do I Encontro em produção, Gestão e Difusão do Conhecimento no Estado da Bahia	58
Figura	2	Eu, segunda pessoa da esquerda para a direita, no primeiro dia do evento.	60
Figura	3	Eu (em amarelo), os demais organizadores (grupo Enlace), e os alunos do Colégio Estadual de Monte Gordo	60

LISTA DE QUADROS

Quadro	1	Quadro sinóptico da pesquisa	40
Quadro	2	Teses e dissertações selecionadas na segunda etapa da pesquisa Estado da Arte	44
Quadro	3	Teses e dissertações selecionadas na terceira etapa da pesquisa Estado da Arte	45
Quadro	4	Códigos atribuídos aos trabalhos selecionados no Estado da Arte.	46
Quadro	5	Quadro-catálogo: dados dos trabalhos selecionados para análise.	48
Quadro	6	Matriz de Síntese dos eixos de análise do Estado da Arte.	51
Quadro	7	Dimensões e perguntas do questionário aplicado para a pesquisa.	55
Quadro	8	Análise do Referencial Teórico das pesquisas utilizadas para o Estado da Arte.	83

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico	1	Número de trabalhos por Instituição de Ensino e sua Localidade x Número de pesquisadoras/es	82
Gráfico	2	Abordagens metodológicas dos trabalhos selecionados para análise	82
Gráfico	3	Geopolítica do conhecimento – Análise das referências catalogadas	91
Gráfico	4	Publicações por décadas das Referências citadas nos trabalhos selecionados	92
Gráfico	5	Divisão sexual da amostra total	93
Gráfico	6	Divisão sexual por ocupação	95
Gráfico	7	Faixa Etária	95
Gráfico	8	Cor/Raça segundo IBGE	96
Gráfico	9	Cor/Raça segundo autodeclaração	96
Gráfico	10	Estado Civil das entrevistadas	97
Gráfico	11	Local de nascimento das entrevistadas	98
Gráfico	12	Tempo de residência em Camaçari-BA	99
Gráfico	13	Identidade de Gênero	99
Gráfico	14	Relações sexuais com alguém do mesmo sexo	100
Gráfico	15	Como se vê no dia a dia	100
Gráfico	16	Como se vê no trabalho	101
Gráfico	17	Crença Religiosa	101
Gráfico	18	Nível de Escolaridade	102

Gráfico	19	Como aprendeu	102
Gráfico	20	Com quem aprendeu	104
Gráfico	21	Há quanto tempo é dona do estabelecimento	104
Gráfico	22	Já teve estabelecimento em outra localidade	105
Gráfico	23	Tempo de trabalho no ramo	105

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BA	Bahia
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CPEDR	Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
DMMDC	Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do conhecimento
FAPESB	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal da Bahia
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
PED	Pesquisa de Emprego e Desemprego
PEDRMS	Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Salvador
PINAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
Pós-Crítica	Programa em Pós-Graduação em Crítica Cultural
PRONEM	Programa de Apoio a Núcleos Emergentes
QUALI	Qualitativa
QUANTI	Quantitativa
RN	Rio Grande do Norte
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	18
(EN) CARNE, OSSO E PESQUISA: PESQUISADORA E LUGAR DE FALA	18
INTRODUÇÃO	34
I. NA TRILHA DOS ARRANJOS ECONÔMICOS INFORMAIS EM CAMAÇARI: O PERCURSO METODOLÓGICO	39
II SOBRE O SABER-FAZER E O GÊNERO NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS	65
III UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DO UNIVERSO DE MULHERES DONAS DE SALÃO E BARES NO MUNICÍPIO DE CAMAÇARI	93
IV “BRASIL, CHEGOU A VEZ DE OUVIR AS MARIAS, MAHINS, MARIELLES, MALÊS”: AS ENTREVISTADAS POR ELAS MESMAS	107
(IN) CONCLUINDO A PESQUISA.....	131
REFERÊNCIAS.....	136
APÊNDICES.....	141
APENDICE I – ANÁLISES INDIVIDUAIS DOS TRABALHOS SELECIONADOS PARA O ESTADO DA ARTE	141
ANEXOS	161
ANEXO I – QUADRO NORTEADOR DE TESES E DISSERTAÇÕES	161
ANEXO II – ROTEIRO DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA	163
ANEXO III – SAMBA ENREDO DA MANGUEIRA	169

(EN) CARNE, OSSO E PESQUISA: PESQUISADORA E LUGAR DE FALA¹

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa.

(Lélia Gonzalez, p.225)

Ser mulher, negra, falar de si, falar de outras mulheres, demarcar e explorar espaços e lugares, ecoar por entre as mordanças, eis os desafios desta pesquisa: possibilitar um espaço de fala às mulheres negras, que de seus espaços de trabalho, empreendimentos próprios, atuam na (in) formalidade do ser, fazer e existir potente. E possibilitar este lugar também a mim, como mulher negra e pesquisadora.

Em tempos de golpe e morte da democracia no Brasil, salvaguardar as subjetividades periféricas e demarcar o seu lugar no mundo torna-se tarefa urgente e difícil, porém, necessária para (re)existir à opressão e aos retrocessos que se organizam para atacar. Diante desse contexto, eu, Fabiane Fernandes Guimarães, mulher, negra, filha adotiva e pesquisadora, teria várias formas de apresentar um trabalho dito acadêmico. Devo dizer que o iniciei desmedidas vezes e me pus a dissertar brevemente sobre as questões racionais e frígidas que proporcionaram o meu encontro com o objeto pesquisado. Sem mais delongas, coloquei todo meu positivismo racional e intelectual a postos para descrever, da forma mais prática e sintética possível, como e porque decidi pesquisar mulheres negras no mercado informal de Camaçari-BA.

Decerto, e agora sem culpa, este ato automático foi apreendido por mim durante toda a minha vida escolar e acadêmica, onde o positivismo científico sempre exigiu um rigor não apenas teórico, mas estético também na produção de todo e qualquer conhecimento, separando rigorosamente o intelecto das sensações e experiências que nos atravessavam enquanto seres em eterna construção, eliminando nossas possibilidades do sentir, ouvir, tatear, cheirar, tolhendo nossa sensibilidade cocriadora ao fazer pesquisa que, por sua vez, nos impede de

¹ Esta apresentação terá a paginação numerada intencionalmente por tratar-se de um posicionamento político, epistêmico e metodológico do fazer científico no Grupo Enlace e da pesquisadora.

“deixar ser o outro o caminho de sua sensibilidade desejanter” (GALEFI, 2007, p.104), assim como a nós mesmos.

Só após estruturar várias páginas, é que me dei conta do que estava a fazer: repetindo, reproduzindo a forma de ser e fazer colonialmente imposta a mim por toda uma vida. Foi então que após um leve sentimento de traição a mim mesma e às pessoas que caminham comigo no campo das humanidades e subjetividades, rememorei e me apossei de uma comunicação que fiz em um congresso em Belo Horizonte para justificar que, nesta apresentação da dissertação, me empossarei de mim mesma enquanto autora, pesquisadora e mulher negra, assim como buscarei, dentro do meu alcance, a descolonização do meu saber, evocando a sensibilidade e subjetividade – sensível como eixo central desta produção.

Nessa tentativa desafiadora de ser o que se é e o que se deseja ser, dizer o que se deseja e construir-se enquanto ser que é, unindo teoria, pesquisa e sensibilidade, foi que na minha apresentação no II Congresso Internacional Paulo Freire-BH, quando, com o objetivo de explicar o que propunha, enquanto comunicação e na intenção de me apresentar enquanto pesquisadora, recorri a elementos subjetivos e sensíveis para justificar as minhas escolhas teórico-metodológicas, o que fez surgir uma categoria que dizia bem da minha forma de ser/estar no mundo, assim como da minha forma de escrever e de minhas marcas: senti-dor-a. Aqui, a essa altura, Sentidora refere-se à minha sujeita encarnada que se pretende pesquisadora.

Em uma tentativa de reflexão etimológica para a categoria supracitada, podemos pensar a sua composição, Senti – dor – a, da seguinte forma: o “Senti” (do sentir) que, segundo o dicionário etimológico online, vem do latim *Sentire* e diz da oportunidade de "experimentar uma sensação ou um sentimento, quer por meio dos sentidos, quer por meio da razão". A palavra “dor”, do latim *dolorem*, que pode dizer da sensação de dor física ou emocional. E o “A”, representando a desinência de gênero. Assim, etimologicamente, a categoria poderia falar de alguém que escreve a partir da sensação de dor, da encarnação de sua história e de outrens.

Extrapolando o sentido etimológico da palavra, proponho uma reflexão um pouco mais holística-acadêmica-filosófica, que trata de algo para além daquilo que me passa, como propõe Jorge Larrosa (2011) em seu conceito de experiência. SENTI-DOR-A surge do corpo marcado e da alma inquieta, que se recusa a ser apenas cicatrizes, sensações e impulsos, transbordando o conceito de sentir e de dor que muitas vezes são aprisionados a explosões de desordens emocionais que aniquilam seu potencial criativo e transformador.

Essa categoria implode os conceitos explicáveis para as partes das palavras que a compõem, desvelando no ato de viver e da exploração científica, outras formas de ser, sentir, estar e pesquisar, propondo um SENTIR-DOR marcado historicamente, atento e coletivo, não

apenas “isso que me passa”, mas o que nos passa e como nos passa e nos afeta. Em partes, “seria a Dor e a nem sempre delícia de se saber ou de não se saber quem somos...” (VILMA PIEDADE, 2017, p. 43). Mas não apenas isso, mas a Dor, sentida, refletida, que nos leva a querer saber quem se é ou se pode ser, a partir dos espaços de privilégio, dos lugares de fala de cada uma/um. Um fazer vida-pesquisa de forma sentida.

A desinência de gênero, “A”, não cumpre apenas o papel de demarcar o gênero da palavra, mas, sobretudo, o de refutar o masculino genérico que nos é imposto desde que nascemos e que reforça e perpetua o sexismo cultural a partir do sexismo gramatical, estruturando palavras e sociedade em torno do masculino, entranhando no imaginário coletivo a imagem de superioridade masculina desde a ordem das palavras à estrutura e dinâmica social. Aqui, a desinência de gênero (“A”) vem registrar que quem escreve e quem pesquisa é uma mulher negra, não um sujeito pesquisador de forma geral e sim uma sujeita pesquisadora que não se sujeita a generalizações. O “A” vem reivindicar o lugar de fala e escrita feminina e lembrar que a gramática também é fêmea..

Por fim, mas não o fim, SENTI-DOR-A veio da junção do sentir-sensível à pesquisadora, da necessidade de chamar atenção para o ato de fazer pesquisa-sensível, explorando as múltiplas possibilidades de ser/estar no mundo, valorando os diversos saberes e fazeres que compõem toda produção e difusão de conhecimento e, principalmente, os saberes e fazeres que compõem as vidas e subjetividades negras, tanto da/o pesquisadora/or quanto das/os pesquisadas/os. A palavra que se pretende como categoria, vem falar desse conhecimento cheio de corpo e de sensibilidade que traz à tona o enlace do sujeito sentidor com o que ele propõe enquanto pesquisa, que fala de si e, que a partir de si, permite falar o outro, com olhar, escuta e tato sensível aos saberes que mobilizam a este e ao mesmo tempo a mim. Esse enlace modela a sujeita sentidora em pesquisadora encarnada a qual, amparada pelo fazer científico do Grupo Enlace, constrói-se na possibilidade do fazer científico sensível, lastreado no desejo de instituir “aliança com a justiça social, racial, de gênero, erótica, religiosa, científica [...]” (SUELY MESSEDER, 2016, p.248).

Ser pesquisadora-sensível e encarnada aqui passa longe de um escrito pessoal e intimista. Pensando no que gostaria de propor enquanto ser pesquisadora-encarnada-sensível, o encontro com o olhar generoso do filósofo Dante Galeffi (2007, p.101), um dos poucos homens que pretendo citar neste trabalho, me faz tomar de empréstimo suas palavras com o desejo de esboçar uma definição, ainda que pontual, do que podemos tomar por ser- pesquisadora-sensível. Este ser é o que

[...] sempre ama aquilo que cresce, sempre procura pelo envio sábio e pela realização de si mesmo, no ultrapassamento de si mesmo. O ser humano sensível é aquele que realiza a si mesmo no mais radical e trágico sentido do termo. Radical, porque não se trata de um simples devaneio da imaginação poética e sim de um enviesamento do tornar-se aquilo que se é, isto é, do tornar-se aquilo que se oferece ao devir devindo como acontecimento artístico e epistêmico simultaneamente. Trágico, porque a existência humana é uma passagem permanente, uma metamorfose contínua, um nascer e morrer absolutamente correspondentes.

Neste fluxo contínuo e múltiplo onde as possibilidades de ser extrapolam a nossa vã consciência, narrar a nós mesmos torna-se, ao meu ver, uma das tarefas mais desafiadoras e sensíveis que existem pois, significa utilizar-se da memória, muitas vezes silenciada e/ou negligenciada por força do tempo (ou falta dele), ou até mesmo por uma estratégia de sobrevivência e não sofrimento, assim como das emoções para liberar monstros e anjos adormecidos por algum tempo. É tirar a roupa e passar a mão na pele sentindo as cicatrizes, as marcas do que passou, e descobrir que muitas feridas ainda estão abertas, é permitir-se ser catarse de si mesma e rasgar a si para encar(n)ar (n)a vida.

Ao longo de minha trajetória acadêmica sempre ouvi das/os colegas: “vejo muito de você na sua escrita”, em outros casos: “você deveria ser mais imparcial, mais formal”. Sinceramente, não saberia escrever de outra maneira. Até então, chamava a minha escrita de subjetiva, pessoal, ao chegar no mestrado em Crítica Cultural² e no Grupo Enlace³. Pela primeira vez, encontrei um espaço que não só acolhia esta forma de escrita como valoriza e fortalece teoricamente, me permitindo modelar meu sujeito encarnado, imerso na dor e na maravilha de ser o que é, na pesquisadora encarnada sensível que sente, critica, reflete e escreve bebendo das fontes e técnicas que me permitem (re) aprender de mim e de meu objeto de estudo.

No Grupo Enlace, o qual é coordenado por minha orientadora Prof.^a Dra. Suely Messeder⁴, trabalhamos com a proposta da/o pesquisadora/or-encarnada/o, que propõe a assunção da/o pesquisadora/or em sua corporeidade para delinear e justificar sua pesquisa. Como indaga minha orientadora, Prof.^a Suely Messeder, no seu artigo “A construção do

² Especialização *Lato Sensu* do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB), Campus de Alagoinhas – BA.

³ Núcleo de pesquisa Enlace – UNEB/BA, coordenado pela professora Dra. Suely Aldir Messeder e vinculado ao DMMDC (Doutorado Multi-istitucional e Multidisciplinar em difusão do Conhecimento) e ao Programa em pós-graduação em Crítica Cultural – UNEB/BA, cujo objetivo é também debruçar-se sobre as práticas socioculturais vivenciadas pelos sujeitos em suas diversas áreas de atuação. Para mais informações acessar o link: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/3327231390374838>.

⁴ Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia e doutora em Antropologia - Universidade Santiago de Compostela. Atualmente é professora titular da Universidade do Estado da Bahia - UNEB

conhecimento científico blasfêmico ou para além disto nos estudos de sexualidades e gênero”, trata-se de um exercício que nos convoca a pensar e nos questionar: onde nos encontramos com nosso objeto? De que forma estamos vinculadas/os à esta pesquisa? Quais os pontos nos afetam, positiva ou negativamente? Dessa maneira, talvez haja

[...] possibilidade de construção do conhecimento científico desejoso da Justiça de Gênero, da Justiça Social, da Justiça Racial, da Justiça Religiosa, da Justiça Erótica e da Justiça Científica, que se pretende realizar no processo alquímico entre o conhecimento localizado, o sujeito pesquisador/a corpóreo e o compromisso. (SUELY MESSEDER, 2016, p.248).

Esse exercício autorreflexivo, norteado pela sensibilidade, pela ética da bem-querência de si e do outro, pela responsabilidade partilhada de (des) construir a si e as suas produções científicas de forma generosamente coletiva e ancestral, nos faz olhar para e através de si, desnudando o véu da imaterialidade, reverenciando e chamando para a caminhada aquelas e aqueles que na (i) materialidade de seus corpos sopram existência aos nossos ouvidos e ao nosso intelecto, tornando mais leve o processo de sermos quem desejamos ser e produzindo saberes corporificados de desejo.

Importa, ainda, dizer que esse compromisso com a ancestralidade, o qual evoca nossa alma e heranças outras do além e para além, carrega em si uma estética sensível. A estética sensível que proponho neste trabalho, que se atraca no sentir-sensível, no ouvir-sensível e no fazer-sensível, colocando no centro da discussão as subjetividades corpóreas que perpassam e compõem todo e qualquer objeto de pesquisa e todo sujeito, suplantando a racionalidade técnica-científica e possibilitando um fazer-científico ético, estético e político.

Dadas essas reflexões é que apoio-me na premissa de que

Antes de adentrarmos a escrita para produzir o nosso TCC, a dissertação ou a tese sobre a temática específica que elegemos e com a qual nos comprometemos, já deveríamos ter nos olhado no espelho e nos interpelado em nossa corporeidade, em nossa memória, sobre e como esta temática possui uma história em minha vivência e na minha ancestralidade. Será que estou visceralmente comprometido com esta produção do conhecimento? (SUELY MESSEDER, 2016, 17p)

Assim, a pesquisadora-encarnada nesta dissertação é tomada para além de um instrumento teórico-metodológico e/ou conceitual. Ela assume o eixo central de minha escrita como um princípio epistêmico-ético-político, marcando o meu lugar de fala e minhas marcas na caminhada desta pesquisa e antes dela. Esse encontro que ora pensei ter sido desprezioso e racional, desvelou-se em uma teia de significados significantes que me conduziram a entrelaçar relações de gênero, raça, classe, sexualidade e trabalho, mesmo antes de perceber

que assim o seria. Quando pensei que minha pesquisa era apenas fruto de uma “pesquisa outra”, do cacete armado⁵, surpreendi-me com a minha prepotência de não assumir que nada é por acaso, esta pesquisa antes mesmo de ser, já era.

Esse lugar de fala evoca a ancestralidade de irmãs, mulheres negras que, ao longo dessa intensa caminhada feminista, vem reivindicando lugares, falas e espaços de poder que, até então, eram apenas machos e/ou brancos e, em alguns momentos, brancas também. Essa evocação vem das dororidades⁶ que nos são comuns, e que nos une em nossas dores de pretitude. O conceito de lugar de fala vem trazer à baila a raça e a potência de mulheres negras, e mulheres no geral, que rasgam o véu do silenciamento e gritam para representar milhares de outras mulheres com falas sufocadas. Mulheres que ousam interpelar os privilegiados e garantir que os subalternos possam falar (GAYATRI SPIVAK, 2010), mulheres que peitam o machismo e dizem, “Sim, somos mulheres. Somos mulheres negras!” (ÂNGELA DAVIS, 2013), mulheres que reivindicam suas vozes e letras em espaços que jamais poderão ser considerados neutros (GRADA KILOMBA, 2016, p.4, online). Trata-se, portanto, da luta pela existência e tomada de posse do que lhes é seu por direito, então não me venham com masculino genérico nem com o “mimimi” da racionalidade técnica-científica me dizer “[...] mas é subjetivo, mas é pessoal, mas é emocional, mas é parcial” (GRADA KILOMBA, *ibid*), trata-se de vozes e potências silenciadas há muito tempo.

Alerto a/ao minha/meu leitora/leitor que aqui escreverei ora em primeira pessoa do singular, ora em primeira pessoa do plural, como forma de deixar claro que esta dissertação é constituída de experiências individuais e coletivas, portanto, feita a muitas mãos. Essas mãos foram das mulheres participantes deste estudo, da minha orientadora, Prof.^a Suely Messeder, das/os minhas/meus colegas do Enlace, que estabelecem redes de generosidade indo além de uma mera produção científica e dedicando-se à construção de subjetividades implicadas, ao

⁵ Pesquisa intitulada: “A baianidade e o/a empreendedor/a em seu fazer cotidiano: um estudo sobre os/as microempreendedores/as e seus estabelecimentos na cidade de Camaçari “- Pesquisa financiada pelo Programa de apoio a Núcleos Emergentes – PRONEM/ Pedido N° 8603/2014 - FAPESB e CNPQ. Essa “Pesquisa Maior”, é parte da trajetória docente de minha orientadora que, em 2008, na tentativa de promover a multidisciplinaridade para seus alunos de ciências contábeis, elaborou estudos e projetos que lhe construíram pontes para o encontro com o outras possibilidades de ver, ouvir e estudar a economia brasileira, a partir de uma perspectiva do microempreendedorismo informal e regional, cujo foco é o humano e suas (re) ações, e não o capital, bem como as relações de gênero e sexualidade. Para tanto, buscou entender o papel das masculinidades ao realizar pesquisas na área de humanas, sobretudo, na economia informal. Suely deixa essa experiência multidisciplinar expressa em seu artigo: *A construção da perspectiva multidisciplinar nas ciências sociais: um estudo sobre os/as microempresários/as na cidade de Camaçari*. No decorrer desta dissertação, chamarei essa pesquisa “maior” de: Pesquisa do cacete armado.

⁶ Conceito proposto por Vilma Piedade, e apresentado generosamente a mim pela colega do grupo Enlace, Dra. Amanaira Miranda.

cuidar uns dos outros, das/dos professoras/es e colegas do pós-crítica, pessoas amigas e familiares e todas/os aquelas/es que, de alguma maneira, fazem parte deste percurso e destas memórias.

Assumo também o uso dos marcadores de gênero sempre no feminino em primeira instância, colocando o masculino à posteriori⁷. Essa decisão se deu a partir desse exercício encarnado de escrita, quando por um *insight*⁸ percebi que a língua me ensinou que escrever era coisa de/para macho, e que sempre deveria verbalizar e grafar o masculino antes do feminino. Isso me fez pensar que somente quando adulta eu percebi que continuava respondendo “Obrigado” e que sem perceber, reproduzia a naturalização do patriarcado também reforçado a partir da gramática. Concluí que a gramática também é macho-alfa⁹.

Começamos então a tratar dos (des) encontros entre pesquisadora e pesquisa (re) montando as partes de minha vida que sinalizam as marcas, o desejo e o objeto.

1.1 “Tá parecendo a neguinha da Queimadinha” - o ser negociável, porém nem tanto.

[...] desenvolvi uma sensibilidade desde pequena para compreender as questões da cor, e sei como poucos o significado de ser a mais preta da casa. Aqueles que me conhecem dirão que a minha tonalidade de pele “nem é tão escura assim”, mas no contexto familiar era isso que fazia a diferença.

(Angela Figueredo, 2015)

Há quem diga que este lugar de onde falo não me autoriza ser negra, pois para isso era preciso ser vulnerável, da periferia, retinta e cabelos crespos, muito crespos, pelo menos “black”. De fato, eu até vim deste lugar, mas lá não me criei. Por ter sido adotada, não vivo as chacinas das periferias, nem acordo com os tiros trocados entre as facções rivais ou entre policiais e “bandidos” como dizem nos noticiários. Entretanto, cresci carregando comigo a filosofia de que ser negra em uma família (consanguínea) de negros é difícil, dada a sociedade machista e racista que nos oprime, mas ser negra em uma família (não consanguínea) de “brancos”, também não é nada fácil, não apenas pela família, mas por ser imagem outra que te lembra, de forma negativa, como ser diferente pode ser difícil. Digo isto porque não canso de

⁷ Exemplo: leitora/or; autoras/es.

⁸ *Insight* é um termo que quer dizer que o sujeito teve uma ideia ou pensamento inesperado.

⁹ Macho-alfa é aqui utilizado para referir-me à qualidade de ser homem, machista e opressor, por isso a analogia desta imagem à gramática-macho.

ouvir que minha cor é negociável e que eu não sofro racismo como as pessoas consideradas retintas, e não desconsidero essa premissa, mas o que vivi sempre me fez perceber que meu tom, onde eu vivia, não era tão negociável assim.

Na família sempre me tratavam de “moreninha”, e ai de quem dissesse que eu era negra. Essa premissa confirmaria o fato de que eu não era tão negra assim, não fosse a repulsa ao meu cabelo, vulgo bucha. No meu cabelo cabiam todas as certezas e dores de ser uma “neguinha”. Com essa percepção, aprendi desde criança que preticídios¹⁰, feminicídios e tiroteios aconteciam ao meu redor e dentro de mim, todos os dias da minha vida, ainda que sob um teto de classe média, ainda que diante de uma mesa com comida e uma pele considerada “um tom de branco acima”. As comparações de beleza com as meninas brancas, a sentença que me era dada diariamente por não ser “loirinha e linda como uma boneca de porcelana”, matavam minha pretitude e mulheridade diariamente, com tiros sem arma, com balas sem pólvora. Era preciso usar colete à prova de balas o dia inteiro, era preciso vigiar o tempo todo, na sensação de que um ataque estava prestes a acontecer, sempre.

Minha alma velha que a todo instante rogava da ancestralidade e da espiritualidade força e resiliência para prosseguir e mudar o rumo da própria história, o meu corpo cansado de tanto sustentar uma guarda que nunca descansava, sempre me lembrou que naquele espaço a “cor negociável” não reduzia os danos de ser a “diferentona” da casa, a destoante das regras, desde o cabelo até o sangue. O aprendizado das/pelas marcas do/no meu corpo me diziam o tempo inteiro, não quem eu era, mas o que queriam que eu fosse e embora eu não possa negar a existência do racismo cromático, a neguinha da Queimadinha, como minha mãe me chamou quando recentemente assumi meu cabelo, carrega nos cachos e na “pele negociável”, as marcas de ser a prata da casa¹¹.

Assim como era com Ângela Figueredo, citada na epígrafe que abre esta sessão, independente do tom que me colore, minha pele e meus cabelos fazem muita diferença onde cresci. Para não ser “tão preta assim”, eu chegava na escola todos os dias com dor de cabeça, extremamente irritada, depois de ter chorado horas a fio para pentear os cabelos, ou melhor, a bucha. Fosse minha mãe, ou qualquer outra pessoa a incumbida de exercer esta tarefa, a ordem era esticar a bucha o máximo que desse, para que assim eu me tornasse negociável. O limite da liberdade do meu cabelo era o penteado chamado de “juliete”, um rabo de cavalo preso na lateral da cabeça, ou uma trança assustadora que me deixava com cabeça de ovo.

¹⁰ Utilizo essa expressão para me referir à morte às/ aos negras/os, de forma figurada neste caso.

¹¹ Esta expressão é designada a classificar um elemento como menos valoroso que o outro. Neste sentido, o ouro desvela-se como objeto de desejo e riqueza, enquanto a prata é menos valorosa.

Esse pentear, quase me transformava em uma descendente de japonesa. Esticava meus olhos na altura das têmporas, tamanha a força com que puxavam o cabelo de um lado para o outro com a escova e amarravam a xuxa, sem contar as batidas descontroladas da escova na cabeça na ânsia de não deixar nenhum fio à solta. Esses momentos aterrorizantes me ensinavam que cabelo bonito era cabelo liso, que para ser admirada e amada era preciso embranquecer.

Dessa perspectiva, alisar o cabelo na sociedade brasileira pode não ser visto apenas como um exercício de beleza, mas também pode ser considerado como um modo de mover-se na escala classificatória da cor, tornando-se menos negro. (ANGELA FIGUEREDO, 2015, p.155).

Embora, não pelo meu desejo propriamente dito de alisar o cabelo, e/ou de tornar-me branca, o alisamento químico aconteceu logo que fiz 13 anos, na tentativa de negociar afeto. Se esse processo não me fosse imposto com tanta violência, poderia ter vivido e sentido este momento de outra forma, como bell hooks (2005) conta o seu em *Alisando o nosso cabelo*, que o via também para além do racismo e machismo engendrados, embora não os pudesse negar, bell hooks conseguia ver esse momento como uma transição do adolescer para a fase adulta, uma transição de vida, um momento de encontro entre mulheres negras que se libertavam na sua coletividade, ao menos momentaneamente, do patriarcado dos “homens de suas vidas” e podiam ser elas mesmas, rirem, conversarem e cuidarem de si e das outras. Para mim, sempre fora uma sessão de tortura, eu morria um pouco cada vez que cumpria essa decisão de embranquecer, porque onde eu estava não havia o círculo da pretitude que poderia nos unir, não havia o acolhimento e empatia dos meus para comigo, havia apenas a negociação do “se”: “se você alisar o cabelo, vai ficar muito bonita”, e assim eu lia: “se você alisar o cabelo, será amada!”. E ainda que isso me enquadrasse no padrão aceitável da sociedade, me tornando uma índia, de pele escura e cabelos lisos, eu morria a cada três meses, sufocada e sempre.

Hoje, de cabelos cacheados e nuca ao vento, ponho-me de frente ao espelho da infância e da adolescência na tentativa de fazer as pazes com aquela menina que fui: a bruxa, a sarará, a neguinha da Queimadinha, que matava suas raízes para negociar amor. Diante disso, fiquei a me perguntar: a voz sufocada que se autodetermina negra ecoa do fato de ser a mais escura da casa? Cheguei à conclusão que não apenas. Ecoa de uma sucessão de acontecimentos que a todo tempo me lembravam, dentro e fora de casa, que no meio em que cresci, os cinquenta tons de preto transformava-se em apenas um, o preto, e não haveria problema nenhum nisto se não fossem as “brincadeiras” feitas de formas pejorativas e discriminatórias e a recusa em enxergar o racismo por aqueles que me rodeavam. Desta maneira, mesmo que muitos não consigam ver-me, o ser negra sempre foi real.

Esse foi o contexto que me fez enxergar que eu era negra e mesmo ouvindo “mas sua cor é super negociável”, tendo passado quase 20 anos alisando o cabelo, minha realidade de mulher negra me lembrava a todo instante que eu era diferente daquelas pessoas, e foi assim que eu aprendi a ser negra, ou melhor, que eu aprendo a ser. Entre afetos e negociações, a luta por sobreviver negra, sair do não-lugar reservado e chegar a algum lugar me inquietou desde cedo a observar as coisas como elas são, olhando a partir de mim e dos que estavam à minha volta, o que me dava o título de revoltada. Minha mãe já dizia: “essa menina defende tudo que é tipinho de gente”, ela se referia aos negros e aos pobres.

Destarte, mesmo sem perceber, desenvolvi a sensibilidade e o complexo de ser negra e sentir a subalternidade e a marginalidade na pele. Num misto de tensão e gratidão, as negociações aconteciam gradativamente com a finalidade de, levando em conta o nível de consciência de uma criança, esboçar uma estratégia de sobrevivência e angariar um pouco de afeto. De forma bem abreviada foi isso que fiz, andei, negocieei, morri e vivi, cheguei ao mestrado, e o que para muitos é só uma etapa óbvia a se cumprir, para mim é a escalada de um Everest, longa jornada precedida de muito treino de alta resistência, percurso milimetricamente calculado, e sempre ameaçado por riscos iminentes de desabamento e morte. A morte que me mataria viva, em silêncio, em silenciamento, até sufocar a última possibilidade de libertação, um luto vivo em uma pele negra e um corpo marcado.

Esse é o lugar de fala da Sujeita Sentidora e da Pesquisadora Encarnada, que me levou a escolher o recorte racial desta dissertação, um chamado ancestral, desejo há muito tempo reservado que pôde se consolidar no encontro com a pesquisa da minha orientadora (já citada anteriormente) e que me levou a mudar o projeto com o qual fui aprovada no mestrado, que versava sobre diversidade sexual na escola.

Por fim, apesar de poder justificar com esse recorte racial o porquê do trabalho com mulheres, fatos importantes me tomaram a memória desvelando o que impulsionou a escolha pelo recorte de gênero e debate feminista. O próximo subcapítulo tentará dar conta dessa narrativa.

1.2 A casa das três mulheres¹² e a onipresença de um homem: os primeiros aprendizados sobre gênero

Aquelas de nós que estão fora do círculo da definição desta sociedade de mulheres aceitáveis, aquelas de nós que foram forjadas no calvário da diferença — aquelas de nós que são pobres, que são lésbicas, que são negras, que são mais velhas — sabem que sobrevivência não é uma habilidade acadêmica. É aprender como estar sozinha, impopular e às vezes injuriada, e como criar causa comum com aquelas outras que se identificam como fora das estruturas a fim de definir e buscar um mundo no qual todas nós possamos florescer.

(Audre Lorde, 1979)

Sentadas à mesa erámos três: eu, minha mãe e minha avó, todos os dias naqueles mesmos horários, com aqueles mesmos lugares predeterminados. À mesa sempre havia comida para mais pessoas, afinal, minha avó tinha mais 8 filhos, sendo 5 homens e mais 3 mulheres, na hora do almoço um ou outro “filava a boia” quando podia.

Eu ficava impressionada com a disciplina e a disposição da minha avó, uma senhora de seus 70 anos, que todos os dias seguia a mesma rotina: acordar cedo, cuidar da casa, fazer comida, as contas.... Se eu pudesse escolher por ela e para ela a trilha sonora de sua vida, dar-lhe-ia a música Cotidiano, de Chico Buarque, pois todo dia ela fazia tudo sempre igual, cotidianamente. Mesmo sem conhecê-lo e presenciar o casamento dos dois, eu podia (re) vê-la levantando às 6 da manhã, disposta e sorridente, fazendo o café para seu marido que ia trabalhar. Eu conseguia ouvir seus conselhos para que ele se cuidasse, como ela continuava a fazer com seus filhos e comigo. Cotidianamente, todos os dias, eu via a mesa posta do jantar, sua ansiedade e seus gestos mecânicos, como se meu avô ainda estivesse para chegar.

Aos olhos da maioria das pessoas não há nada de anormal na sequência relatada, afinal tratava-se de uma mulher na sua rotina do dia a dia, traduzindo: uma excelente dona de casa. Aquilo me deixava embasbacada, eu achava que na idade dela, depois de criar, à moda antiga, 9 filhos, ser viúva há mais de quarenta anos, ela deveria se permitir viver a vida de forma mais

¹² O trocadilho faz referência à uma minissérie brasileira exibida em 2003 pela Rede Globo de Televisão: A casa das 7 mulheres.

tranquila e sem tantas obrigações, colocar as pernas para cima e assistir TV, afinal, 60 anos de serviços domésticos eram mais que suficientes para garantir uma aposentadoria das tarefas do lar, mas ela não parava. Todos os dias, tudo sempre igual...

Eu, uma criança extremamente acuada, porém exímia observadora, observava e concatenava minhas ideias, tentando entender o que se passava na cabeça da minha avó, uma velha turrona e extremamente reservada de sua vida pessoal. Aprendi a ler olhares, gestos e suspiros e percebi que, mesmo ficando viúva aos trinta poucos anos, ou menos que isto, não vivíamos apenas nós três (eu, minha mãe e minha avó), havia meu avô também, mesmo desencarnado. Na verdade, vivíamos 3 mulheres sob “ordens” de um homem (des) encarnado. Seu patriarcado estava em todos os cantos e apesar de minha avó ser o arrimo da família, ela e minha mãe respeitavam a memória deste ser masculino mais do que elas poderiam imaginar e perceber, e eu era obrigada a segui-las. Desde as conversas de minha avó com a fotografia dele, como se ele estivesse ali respondendo a ela, à necessidade de seguir a rotina de horários que ela desenvolveu para manter o casamento com o único homem que conheceu em sua vida, tudo girava em torno deste saber ser mulher de um homem (des) encarnado.

Ainda que com pouca idade, minha opção, embora não indolor, foi o enfrentamento e autocrítica. Estive anos em um mundo paralelo, distante da fala, da escrita, da opinião própria. Estive distante, mas observando, encontrando as fissuras, pensando em estratégias de/para vida, em um processo de autoanálise solitário, mudo, mas hoje concluo que foi eficaz. Mesmo sem verbalizar minhas dúvidas e angústias e sem ser incentivada a ser autônoma e questionadora, muito pelo contrário, percebia que essas questões “menores”¹³ me produziam uma série de sentimentos de repulsa e discordância e que, de forma quase intuitiva, me levavam a negar esse “lugar feminino” que a minha avó representava todos os dias em casa, como cenas de novela, cuidadosamente projetadas e ensaiadas. Negava também o não-lugar que me fora atribuído pela cor.

Com a repetição diária dos capítulos da novela, eu era ensinada que mulher tem que saber lavar, passar, cozinhar e costurar, me cansava só de ouvir e pensava: mas por que eu não poderia escolher o que fazer da vida? Por que eu tinha que ser meiga e doce? Por que eu teria de ser uma excelente dona de casa? Ouvia também dizer que moça direita não sai à noite, não senta de pernas abertas, não tem amizades masculinas e uma série de outras coisas que me diziam o que deveria ser para ser “direita”. Essas tarefas não me eram ensinadas como uma forma de autocuidado, de cuidar de si, mas como uma condição para “arranjar” um marido. Até

¹³ Utilizo o termo menores para tratar de temas subalternizados e invisibilizados pelo engodo social da frágil democracia e igualdade que vivemos, como raça, gênero, sexualidade.

hoje minha mãe fala que nenhum homem vai me querer porque não gosto de arrumar a casa. Sobre isso, respondo-lhe aliviada: “Que assim seja!”.

Sinceramente, eu suspeito que mesmo atendendo e reproduzindo a todo o padrão de ser uma boa dona de casa, algo dentro de minha avó, lá no âmago de sua existência, dizia-lhe que havia muitas outras possibilidades de ser mulher. Mesmo tendo estudado apenas até a 8ª série e reproduzido valores patriarcais para ser uma “mulher direita”, ela não cansava de repetir: “estude minha filha, é a única coisa que sua avó pode lhe dar”. Hoje, o seu fazer cotidiano desesperado me remete a um grito sufocado e histérico de uma mulher que não sabia/podia ser todas as possibilidades de sua existência, porque fora ensinada que mulher só podia lavar, passar, cozinhar... fazer tudo sempre igual.

Nesse contexto, minha mãe, única filha mulher das cinco outras que não casou e não teve filhos biológicos, representava também sua mulheridade de forma submissa aos irmãos homens, à minha avó e à memória do seu pai, meu avô. Sua rotina, apesar de ser menos intensa do que a da minha avó, seguia as normas da cartilha de ser uma boa mulher: lavar, passar, cozinhar e costurar, recolher-se em casa até as 18 horas e obedecer às regras paternas. A obediência extrema aos padrões e a imposta busca pelos atributos de uma mulher exemplar encurralavam minha mãe em um ciclo de obediência desgastante e visivelmente angustiante, demonstrando toda repressão de seu ser-sendo mulher. E assim, o tempo inteiro eu era conduzida às normatizações dos gêneros e condicionada a ser “uma mocinha”. Resistir era preciso.

Ser mocinha significava, no meu contexto, e na visão dos meus, ser boa filha, boa esposa, boa mãe. Ser direita, mulher de um homem só, boa dona de casa. Não frequentar lugares amorais (leia-se: barzinhos, shows e qualquer lugar que “mulheres da vida”, sem rédeas e família frequentavam) e não sair depois das dezoito horas. Eu estudava de manhã, de tarde e de noite, sem cochilar, sem descansar, para que eu não transformasse a minha mulheridade em um punhado de afazeres domésticos e ter uma penca de filhos. Além desses papéis femininos, um outro me era imputado com perversa intensidade, o de cuidar e servir a todos da família, o que me amarrava a muitas negações de mim e tolhimento de oportunidades. Na (re) existência do desespero, mesmo sem saber teorizar politicamente o que me revoltava, fui encontrando formas de negar todos esses papéis: a escola, o trabalho na iniciativa privada foram algumas delas.

A mim não sobrava tempo para nada além de estudar (português, matemática, geografia...), não me era facultada a possibilidade de divagar em leituras outras, precisava ser sempre real, aproveitar as oportunidades, negociar a cor e os afetos, não poderia “perder tempo” aprendendo coisas que não fossem úteis à aprovação escolar, na minha cabeça era a única forma

de ganhar autonomia, estudando para trabalhar. A minha avó, diante do notório afeto desenvolvido por mim, sempre dizia: “estude, é a única coisa que quero que faça”. Hoje eu percebo que o medo que eu sentia, ela sentia também, se eu não bolasse uma estratégia de vida, na sua ausência, morreria soterrada pelo manto da invisibilidade reservado a mim: mulher, negra, criada para servir, casar e procriar.

E mais uma vez, defendendo a lembrança da infância e alguns outros pontos de minha vida para explicar minha ligação ao tema de pesquisa, fica claro que se pensarmos na relação que a constituição do corpo e seu desenvolvimento possui com quem nós somos, com o que podemos, na forma que ele age, com que nos relacionamos, na forma como isto pode nos afetar, o corpo passa a dizer muito, senão tudo, sobre quem somos, o que queremos e sobre as escolhas que fazemos. Ao meu ver, o corpo é marcado pelas afetações das relações estabelecidas com os/as outros/as, com as coisas, com tudo que é externo e pela forma como ele recebe tudo isto. Espinosa (2011, p. 98-99) diz que “[...] O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam a potência de agir nem maior nem menor”.

Estas percepções e afetações, ainda que me falassem do lugar da mulher na sociedade de forma prática, sinalizavam-me também que ser mulher negra, ainda que me dissessem “negociável”, fazia o “buraco ser mais embaixo” como dizem por aí. Eu não era somente uma mulher lutando para ser mulher, era uma mulher negra, lutando e tentando me libertar das correntes que me aprisionam/aprisionavam, fato esse que interfere diretamente na escrita desta dissertação e no desejo de pesquisar potências femininas autorizadas nas suas múltiplas possibilidades de ser-sendo e saber-fazendo. Ao fazê-lo, dei-me conta de como estas marcas reverberam o meu fazer científico. O ser/tornar-me mulher negra-pesquisadora trouxe à baila todo processo de silenciamento e interdições impostas pelos arredores. A seguir mais uma memória que me ligou ao tema pesquisado e que merece destaque.

1.3 “Até calada você está errada” – ainda sobre gênero e outras coisas mais...

A mulher negra, ela pode cantar, ela pode dançar, ela pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito.

(Conceição Evaristo, s.d)

Quando, por ventura, ousava me posicionar sobre algo, sempre ouvia que até calada estava errada. Essa frase dita algumas vezes sob o véu do humor, da ironia, insistia em me proibir, me calar e me interditar de forma a fazer com que eu sempre me recordasse que o não era palavra de ordem e que eu precisava encontrar uma forma de me autorizar a falar.

Na hora da (desta) escrita a dificuldade de dizer o que gostaria. O silenciamento que, quando criança, repetia diuturnamente *“até calada você está errada”*, implica na não autorização de escrever o que me toca e o que necessito, porque aprendi que ninguém quer saber o que eu penso, ou melhor, ninguém me autorizava a falar e escrever sobre o que eu penso, pois como diz o texto de abertura deste tópico, *“A mulher negra, ela pode cantar [...]mas escrever, não”*.

Desaprender o que se aprende é tarefa dura e dolorosa. É um (des) construir-se inacabável que às vezes beira o desistir, até a hora que lembro que é possível deixar de ser quem não sou e tomar o leme do barco da minha vida. O estudo programado para o trabalho, como já falei antes, fazia-me pensar que eu só teria vez se passasse na Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e construísse uma trajetória sólida na iniciativa privada, caso contrário, na minha cabeça, estaria fadada apenas a ser a cuidadora de minha mãe e minha avó, bem como cuidar dos serviços domésticos. Assim foi feito. Nesse lugar, estreitou-se minha relação com o público na busca por autonomia e autorização de ser meus desejos, fazendo-me atentar muito pouco para as possibilidades da/na informalidade.

Esse caminhar em muito se encontra com meu objeto de pesquisa, o saber-fazer e as subjetividades das mulheres negras no mercado de trabalho de Camaçari-BA. São mulheres negras, com histórias diversas que, contrariando a ordem, vão demonstrando potência de (re) existência *“fora da casinha”*¹⁴. *“Fora da casinha”* significa transgredir, fazer o que não *“devia”*, falar quando não poderia, viver potente onde a informalidade do ser e fazer aparentes lhe tiraria as possibilidades. O ser mulher negra aqui cruza-se com as marcas de ser o que se é e desejar os seus próprios desejos, escolher os seus caminhos e afetos, criar formas e estratégias para um bem viver. Onde pensava encontrar caos, pude ver vida que pulsa, mãos que escrevem, vozes que gritam.

O que pode a mulher negra? A mulher negra lésbica? A mulher negra cis? A mulher? Quando eu ouvia o *“até calada você está errada”*, era sobre o ser mulher, o ser negra, era sobre eliminar todas as possibilidades de ser outra coisa que não coisa alguma. Nesse desespero real e existencial, a (in) formalidade do meu ser e existir revelam o querer identificar, no trabalho

¹⁴ A expressão *“fora da casinha”* quer dizer que essas mulheres fogem ao padrão capitalístico de ser no que tange à classe, cor, estética e todos os outros padrões utilizados para definir o sucesso.

cuja maior característica é a informalidade do saber-fazer, as potências negras que explodem em muitas possibilidades de (re) existência em meio à opressão patriarcal, racista e capitalista em que vivemos, e que se unem para determinar até onde podemos ir, quais os nossos lugares.

Por fim, neste exercício catártico de mim, tomo de empréstimo uma fala de Audre Lorde proferida em conferência de 1979 e

incito cada uma de nós aqui a descer até aquele lugar profundo de conhecimento dentro de si e tocar esse terror e ódio a qualquer diferença que vive lá. Veja de quem é a face que ele usa. Então o pessoal enquanto o político pode começar a iluminar todas as nossas escolhas (AUDRE LODRE, documento da Web, s.n).

INTRODUÇÃO

Eu poderia considerar que a apresentação anteriormente anunciada e intitulada : *(En) Carne, Osso e Pesquisa: Pesquisadora-Encarnda e lugar de fala*, cumpre, no campo da minha subjetividade corpórea e pesquisante, o papel de introduzir a/ao leitora/or do que se trata esta pesquisa: a construção do saber-fazer das mulheres negras do/no Comércio de Camaçari-BA. Entretanto, para além das marcas que me atravessam a carne e me ligam a esse estudo, não posso deixar de trazer também como justificativa para o mesmo, o nosso contexto histórico, nacional e regional, que circunscreve e demonstra que toda a subjetividade marcada, apresentada na sessão anterior, funda-se em antigos e perversos valores escravistas, patriarcais, sexistas e racistas.

Como parte da estratégia de opressão às negras e negros pós escravismo, quando não puderam mais castigar os corpos da população negra, submeteram-na ao que Sueli Carneiro (2005) chamou, em sua tese, de Epistemicídio, processo pelo qual os povos subjugados não têm acesso à educação de qualidade, são inferiorizados intelectualmente e têm sua capacidade intelectual criadora tolhida e não difundida, através dos mecanismos opressores que lhes negam condições emocionais e materiais de acesso ao conhecimento e aprendizagem significativa, bem como estraçalharam sua autoestima para que estas mulheres e homens negr@s não ocupem espaços de poder. Desta sorte, os lugares a que foram atiradas estas pessoas após a escravidão, garantiram-lhe apenas uma liberdade falseada, fazendo com que sempre estejam à margem e em lugares pouco privilegiados, inclusive, em se tratando de emprego, ocupando funções subalternizadas e/ou na informalidade das ruas.

Pensando nas questões de gênero e raça, e pesquisando sobre o feminismo negro, estudos como os de Sueli Carneiro (2003, 2005, 2006), Jurema Werneck (2010), Marcia Lima (1995; 2013), Maria Aparecida Bento (1995), Marcelo Weishaupt Proni e Darcilene Claudio Gomes (2015), vêm apontando a precarização da ocupação feminina negra no mercado de trabalho e a indiferença ao marcador racial como fator determinante para esta situação. Basta um pequeno esforço crítico para percebermos que os (não) lugares atribuídos à mulher negra (e homens negros também, em menor escala) no mercado de trabalho, e nos demais espaços sociais e de poder, remontam o histórico escravista que nos organiza enquanto estrutura social e que delimitou (delimita), lugares hierarquicamente desprivilegiados (não lugares) às negras e negros, nos lembrando diuturnamente de que “a carne mais barata do mercado **ainda** é a carne negra”¹⁵

¹⁵ Música de Elza Soares, com grifo meu. Álbum: *Do cóccix até o pescoço*. 2002.

O fato é que quando falamos da situação das mulheres negras, sobre seus saberes e sua participação política, econômica e cultural na história, a literatura nos chicoteia com a cruel realidade da invisibilização destas, bem como das opressões que as mesmas sofrem não apenas por questões de classe e/ou de gênero mas, sobretudo, de cor. Como bem nos lembra Sueli Carneiro (2011, online) em *Enegrecer o Feminismo*, “a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional”. Como se não bastasse o epistemicídio, soma-se a isso todo o histórico de abusos, exploração e violência sexual a que as mulheres negras foram/são submetidas e condicionadas no período da escravidão e até os dias de hoje.

Por essas e outras razões que tomo como base epistemológica desta dissertação a interpretação feminista, principalmente de autoras negras e/ou que se dignam a debruçar-se também sobre este recorte, com a intenção de situar e fundamentar o conhecimento adquirido e produzido neste fazer pesquisa a partir, em sua maioria, de mulheres negras, consolidando os saberes já produzidos e nos reservando o espaço que há muito é negado, com o intuito de identificar como se constroem as subjetividades e o saber-fazer das mulheres negras no âmbito do mercado informal de Camaçari-BA.

Sobre o surgimento da informalidade e sobre o trabalho por conta própria, Cecília Soares (1996, p.57) reforça que:

No ganho de rua, principalmente através do pequeno comércio, a mulher negra ocupou lugar destacado no mercado de trabalho urbano. Encontramos tanto mulheres escravas colocadas no ganho por seus proprietários, como mulheres negras livres e libertas que lutavam para garantir o seu sustento e de seus filhos.

Dessa situação ousou depreender que o comércio informal e/ou o trabalho por conta própria, não nasce de uma mera crise e/ou mudança econômica, mas de um processo estrutural de opressão que lançou para as ruas corpos negros açoitados pelos chicotes da escravidão e pelo racismo forasteiro que nos subjugou, fazendo das ruas a oportunidade informal e marginal para aquelas/es que mesmo libertos, permaneciam excluídos, mas atuantes na informalidade de ser, (sobre) viver e fazer.

E, apesar desse panorama que nos coloca diante da precarização do mercado de trabalho, sobretudo para mulheres negras, a cena comercial de Camaçari nos remete à necessidade de identificar e valorizar as mulheres e vozes negras que, há muito, na Bahia, protagonizam a cena do mercado de trabalho informal e por conta própria. E é pensando nesse potencial de

resistência e reinvenção da informalidade do ser e do fazer que essa dissertação justifica-se ao buscar na informalidade do fazer por conta própria, no mercado de Camaçari, as potentes mulheres negras, trabalhadoras por conta própria da região, com o objetivo geral de identificar e compreender: Como se constroem as subjetividades e o saber-fazer das mulheres negras no âmbito do mercado informal de Camaçari-BA?. Como objetivos específicos temos: a) Construir o seu perfil sócio, econômico e cultural; b) Identificar os motivos que as levaram a obter um empreendimento informal; c) Reconhecer a forma como operam suas atividades e organizam o empreendimento; d) Cartografar os saberes empregados e adquiridos como mulheres negras e proprietárias do estabelecimento informal e, por fim, compreendendo a relação entre as suas histórias de vidas e seus empreendimentos pois,

Sabemos que tem sido a partir de condições profundamente desvantajosas em diferentes esferas que nós mulheres negras desenvolvemos nossas estratégias cotidianas de disputa com os diferentes segmentos sociais em torno de possibilidades de (auto)definição. Ou seja, de representação a partir de nossos próprios termos, a partir do que projetamos nos novos horizontes de luta. Estratégias que devem ser capazes de recolocar e valorizar nosso papel de agentes importantes na constituição do tecido social e de projetos de transformação (JUREMA WERNECK, 2010, p.160-161).

Quero ainda dizer que, os argumentos trazidos aqui não intencionam uma reafirmação vitimizante sobre o sofrimento da mulher negra ou uma afirmação leviana de que ela sofre mais do que outras mulheres, os trago para justificar à leitora/or desta dissertação, que ao encontrar o meu objeto de pesquisa, através da pesquisa do “cacete armado”, encontrei também na explosão da informalidade do fazer comercial de Camaçari-BA, um centro de potência feminina negra que é capaz de (re) contar e (re) agir a essa história opressora que carrega em si as consequências ancestrais de ser mulher negra no Brasil e na Bahia contemporâneas, através de seus desejos em trabalhar para si mesmas e sair da invisibilidade, além de buscarem e conseguirem um poder aquisitivo que nem elas mesmas esperavam ter um dia.

Assim, ainda que os estudos mostrem que as mulheres, sobretudo as negras, continuam muito abaixo na hierarquia de poder instituída nas relações de trabalho, o comércio de Camaçari nos permite pensar novas formas de construção das mulheridades negras e suas possibilidades de mobilidade e protagonismo neste setor. Observando a dinâmica nesse mercado, é possível ver uma nova configuração de busca de mobilidade social. Se antes os negros negociavam e submetiam-se aos brancos galgando uma ascensão (ANGELA FIGUEIREDO, 2012, p.23) e se as mulheres negras trabalhavam, muitas vezes, por um prato de comida, pude ver novas estratégias a partir da decisão de trabalhar para si mesmas e a forma como estas influenciam na (re) construção de suas subjetividades femininas.

Tomando o mercado de trabalho, também como um espaço produtor de gênero, nas relações de poder que se estabelecem no comércio de Camaçari, a mulher negra posicionou-se frente à disputa de poder, assumindo seu protagonismo, montando suas estratégias para tornar-se trabalhadora por conta própria. Nos espaços visitados, a esmagadora maioria eram mulheres, decidindo sobre seus fazeres, saberes e modos de vida. A possibilidade de desmontar, ou ao menos desestabilizar, as hierarquias de gênero, raça e classe no mercado de trabalho, produzidas no/pelo sistema racista, patriarcal e capitalista, surge como fator de empoderamento feminino através do qual as empreendedoras por conta própria buscam suas autonomias e (re) constituem suas identidades.

Posto isto, a importância da informalidade do ser negra, saber-fazer e existir suplanta a mera análise do padrão econômico da região a partir do viés capitalista, interseccionando marcadores outros que trazem mais dados e fatos históricos elucidativos e revolucionários, do que poderiam nos afetar os números e percentuais referentes às ocupações do/no mercado de trabalho. Por isso, recorro ao chamamento de Sueli Carneiro (2003,p.119) quando ela diz da “necessidade premente de articular o racismo às questões mais amplas das mulheres [...] pois a “variável” racial produziu gêneros subalternizados [...]”, na certeza de que este trabalho ganha corpo e robustez em uma análise interseccional¹⁶ entre raça, classe e gênero e os demais marcadores que se revelem ao longo da caminhada e permite, ao menos tenta, ampliar o espaço de debate que coloca no centro das discussões a mulher negra por ela mesma. Acolho aqui, senão a proposta, a ideia de interseccionalidade, de Kimberle Crenshaw (2007, p. 9-10), que nos coloca diante da necessidade de sobrepor marcadores e confrontar as diferenças dentro das próprias diferenças.

Para tanto, sendo esta uma pesquisa qualitativa exploratória com análise de dados quantitativos, o desenho metodológico que inspira-se nos passos etnográficos e antropológicos do “estar lá” de Geertz¹⁷, para conseguir escrever “aqui”, de forma ética e sensível, apoiando-me na ação Sentidora e no fazer pesquisa a partir da pesquisadora-encarnada, de modo que unindo números e subjetividades em uma descrição e reflexão crítica, possa apresentar os resultados na intersecção das marcas negras, do pessoal-político e do acadêmico sensível aqui

¹⁶ Os estudos interseccionais, não com esta nomenclatura, vêm sendo desenvolvido desde final dos anos 60 por feministas negras que contestavam a homogeneização da categoria de gênero para mulheres, como Angela Davis e Alice Walker. Atualmente, o conceito de interseccionalidade tem como forte influência a pesquisadora e ativista norte-americana, Kimberle Crenshaw.

¹⁷ Roberto Cardoso de Oliveira (1996), em *O trabalho do Antropólogo*, contextualiza bem sobre o processo Antropológico Gertziano de fazer pesquisa.

proposto, por meio de gráficos, embasamento teórico e textos que proporcionem a visão histórica e leitura sentida-sensível acerca do que for possível tensionar.

Assim, segundo o fluxo sensível desta pesquisa, as partes que se unem para compor esta dissertação desdobram-se em mais quatro capítulos e as considerações finais. No primeiro capítulo, *Na trilha dos arranjos econômicos informais em Camaçari: o percurso metodológico* apresento o caminho trilhado: a) As etapas adotadas para elaborar o estado da arte; b) O curso de Metodologia Quantitativa e a formatação da pesquisa quanti-qualitativa; c) As entrevistas de histórias de vida. Nesta seção pude mergulhar no clima do campo de pesquisa, no encontro com as mulheres negras, minhas interlocutoras, e no processo colaborativo de fazer ciência, imbricando números e subjetividades.

No capítulo II, *Os (des) encontros das/nas produções científicas sobre o saber-fazer de mulheres: achados e lacunas sobre gênero, subjetividades, e saber-fazer na informalidade*, dou início à análise dos dados encontrados, partindo do Estado da Arte. Nesse capítulo, realizei as reflexões sobre os trabalhos selecionados e que interseccionaram as categorias de gênero e saber-fazer, buscando perceber o que cada um traz sobre os eixos principais da pesquisa.

O capítulo III intitulado *Uma análise quantitativa do universo de mulheres donas de salão e bares no município de Camaçari*, invisto na análise dos dados quantitativos, onde fiz uma leitura dos gráficos gerados a partir da aplicação dos questionários no campo de Camaçari-BA. Na primeira subseção tracei o perfil social das mulheres negras; na segunda, a constituição do saber-fazer das sujeitas da pesquisa e na última, foi traçado o perfil de seus estabelecimentos.

O quarto capítulo, *Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês”*: *as entrevistadas por elas mesmas*, desvela-se nas reflexões sobre as histórias de vida de duas mulheres participantes da pesquisa, contadas por elas mesmas, o que me possibilitou mergulhar em elementos qualitativos que projetam a história de garra e luta de muitas mulheres negras. Os dados organizados a partir de suas narrativas possibilitam a leitura qualitativa do que os números nos disseram. Vida, força e emoção se entrelaçam no contar de si, na (re) construção das memórias traduzindo e revelando dados históricos que invisibilizam mulheres negras, mas que, ao mesmo tempo, demonstram suas potências. A luta para tornarem-se trabalhadoras por conta própria traduz-se em símbolo de empoderamento, autonomia e mobilidade financeira. Por fim, em *(In) Concluindo a pesquisa*, ponho-me a refletir sobre todo o processo de construção da pesquisa, retomando os capítulos e suas inferências a fim de responder aos questionamentos dessa pesquisa.

I. NA TRILHA DOS ARRANJOS ECONÔMICOS INFORMAIS EM CAMAÇARI: O PERCURSO METODOLÓGICO

Essa figura de um si-mesmo que chamamos de sujeito não é um dado do qual poderíamos constatar a existência e demonstrar o estado, mas uma construção sempre em ato [...] O Eu atualizado do discurso é a forma primeira na qual se institui o sujeito: é o eu que me inscreve [...] como sujeito – ator da história que conto sobre mim mesmo.

(DELORY - MOMBERGER, 2008, P. 98-99)

Conforme anunciei na introdução desse trabalho, essa pesquisa tem como objetivo compreender como se constituiu as subjetividades e o saber-fazer das mulheres negras no âmbito do mercado de trabalho autônomo de Camaçari-BA. Assim, investi na epistemologia feminista e no fazer pesquisa sensível, buscando técnicas, processos e sensibilidade capazes de possibilitar reflexões críticas que interseccionam a construção de saberes e da subjetividade humana.

Com essa direção, a partir de estudos teóricos que subsidiaram o presente estudo, decidi pela realização de uma pesquisa de campo densa, coletando dados quantitativos e qualitativos, pondo em evidência a perspectiva metodológica que abarca múltiplas possibilidades do fazer ciência e apostando nas premissas feministas de um ponto de vista negro¹⁸, onde há múltiplas possibilidades do ser-fazer-existir. Neste fazer, uma forma apoia e aprofunda a outra.

As subjetividades lidas nas entrelinhas das respostas racionais aos questionários, bem como nas emoções reveladas nas vozes das narrativas de histórias de vida de algumas mulheres participantes da pesquisa, colaboraram para um trajeto científico que implodiu a racionalidade e a dicotomia quantitativa ou qualitativa a que somos submetidas/os no fazer pesquisa. Para entendermos como esta pesquisa se desenvolveu, as subseções seguintes tratarão dos caminhos trilhados e percorridos, bem como dos instrumentos utilizados e etapas planejadas para chegar aonde almejamos.

¹⁸ Sobre a teoria do ponto de vista ler artigo: *Somente um ponto de vista* de Ângela Figueredo. Cadernos Pagu (51), 2017:e175117. ISSN 1809-4449.

Destarte, esse caminho iniciou-se no momento em que para adentrar-me no domínio conceitual da diáde “saber-fazer”, fiz o estado da arte sobre este conceito, tendo como fonte de pesquisa o banco de tese da CAPES. Em paralelo, no Curso de Metodologia Quantitativa do/no o Grupo Enlace, (re) formulávamos o primeiro instrumento metodológico a ser aplicado nos bares e salões de beleza de Camaçari, o questionário. Em seguida, partimos para a aplicação do questionário e por último, foram realizadas as entrevistas de história de vida que sedimentam os dados coletados ao longo de todo processo.

Para uma melhor visualização das etapas metodológicas cumpridas apresento abaixo um quadro sinóptico que tem como finalidade demonstrar as etapas desenvolvidas nesta investigação:

Quadro 1: Quadro Sinóptico da Pesquisa

FASES DA DISSERTAÇÃO	PERÍODO E CARGA HORÁRIA TOTAL	DESENHO DA PESQUISA	INSTRUMENTOS FONTES MULTIREFERENCIADA	RESULTADOS
Finalização das disciplinas do mestrado.	Fevereiro 2017 a junho de 2018 – 315 horas.	Teoria metodológica da Crítica Cultural; Teorias Críticas da Cultura; Tirocínio docente; Modos de produção; Políticas da subjetividade; Linguagens na sala de aula; Seminários Interlinhas.	Aulas presenciais;	Aquisição de aporte teórico para embasamento da dissertação na perspectiva crítica-cultural.

Elaborando o Estado da arte	Março a outubro 2018.	Qualitativo	Pesquisa na Base de Teses e Dissertações da CAPES com o seguintes descritivos: saber-fazer e mulheres.	Análise Sistemática dos estudos sobre o tema (relações de gênero e saber-fazer) da dissertação.
Treinamento	Outubro 2017 a abril 2018.	Quantitativo	Curso de metodologia Quantitativa. Programa datascopé.	(Re) formulação do questionário e aplicação de questionários, via tablet, para teste.
Pesquisa Quantitativa	Abril a Maio de 2018.	Quantitativo	Aplicação de <i>survey</i> na cidade de Camaçari- BA. Programa datascopé.	17 questionários impressos aplicados e cerca de 15 formulários eletrônicos aplicados.
Pesquisa Qualitativa	Janeiro 2018 a março 2019.	Qualitativo	História de vida	2 entrevistas narrativas.

Fonte: Elaborado pela autora

Após o exposto, as fases acima mencionadas serão pormenorizadas em 4 subseções, com os seguintes destaques:

1.1: . O saber-fazer no Estado da Arte, com 4 etapas que dão conta de explicar as etapas e procedimentos adotados para a composição do estudo do Estado da arte, são elas:

1ª ETAPA: Formulação da questão de pesquisa

2ª ETAPA: Acessando a base de dados e definindo critérios de inclusão/exclusão

3ª ETAPA: Selecionando os estudos

4ª ETAPA: Categorizando os estudos

1.2 O treinamento com dupla finalidade, com 3 etapas:

1ª ETAPA: Elaboração do questionário;

2ª ETAPA: Aplicação do piloto:

3ª ETAPA: Aplicação do *survey*, com detalhamento sobre o meu campo;

1.3: As entrevistas com duas trabalhadoras por conta própria e

1.4: Visitando o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

1.1 O saber-fazer no estado da arte: entrecruzando gênero, raça, feminismo e trabalho nas dissertações e teses do banco de teses da CAPES.

Quando a minha orientadora, Profa. Dra. Suely Messeder, solicitou que eu fizesse o estado da arte para minha pesquisa, o primeiro impulso foi pensar em que isso me serviria. Apesar de suas explicações, como não o tinha feito na graduação, me custava compreender. Como a minha pesquisa se desenhou um pouco mais tarde, tivemos um pouco de tempo para pensar e executar o trabalho e confesso que foi somente ao ler e discutir no grupo Enlace¹⁹ sobre a geopolítica do conhecimento, a partir do texto da minha própria orientadora, “A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disto nos estudos de sexualidades e gênero”, que a elaboração do estado da arte na pesquisa passou a fazer sentido para mim. Dialogando com autoras e autores como Donna Haraway (1995), Cláudia Costa (2012), Roberto Cardoso de Oliveira (2006), Aníbal Quijano (2002), Cláudia Fonseca (2012), Suely Messeder (2016) houve uma reflexão crítica e política sobre a forma e o lugar de onde o conhecimento é construído. Apontando que, ainda hoje, o conhecimento é colonial e hierarquizado, havendo necessidade da construção de um conhecimento blasfêmico e localizado para o que uma pergunta é indispensável: “De onde provém o conhecimento que consumimos em nossos cursos?” (MESSEDER, 2016, p.8).

Foi com essa leitura que entendi que o Estado da Arte me serviria como instrumento localizador de informações que me possibilitaria escrever, ou ao menos tentar, de forma menos colonial e mais blasfêmica, visto que compilaria os dados das últimas produções elaboradas sobre meu tema, me permitindo elencar descobertas e lacunas na construção do conhecimento acerca da minha pesquisa, além de servir como um panorama geral quanto à elaboração desta, como, por exemplo, em relação ao local, tipo de pesquisa, objetivos e autores, tendo assim, a oportunidade de identificar de onde partem os estudos pelos quais tenho interesse, bem como a

¹⁹ Grupo de pesquisa Enlace/UNEB.

possibilidade de produzir e difundir os saberes a partir da minha localidade e pertencimento, valorizando e ampliando a produção e os estudos de gênero, raça e classe a partir do Nordeste brasileiro.

Sobre esse tipo de pesquisa (Estado da Arte) podemos defini-la como:

[...] de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários. (NORMA FERREIRA, 2002, p.258)

Para realizar esse estudo, o processo de pesquisa desenvolveu-se inspirado nas etapas sugeridas por Rother (2007, apud Botelho et al, 2011, p.125): “formulação da pergunta, localização dos estudos, avaliação crítica dos estudos, coleta de dados, análise e apresentação dos dados, interpretação dos dados, e aprimoramento e atualização da revisão”.

Tomamos como fonte de pesquisa a base de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (<http://catalogodeteses.capes.gov.br>), cujo intuito foi o de buscar por teses e dissertações, entre os anos de 2013 e 2017, que contemplassem o tema central, ou se aproximassem das discussões pensadas para esta dissertação.

Tomando como ponto de partida o quadro norteador de teses e dissertações, preenchida para nortear minha pesquisa (ver Anexo D), parti do tema central (saber-fazer e gênero) e do diálogo com minha orientadora a fim de selecionar os descritores que permitiriam a catalogação do material produzido em torno deste, o qual me propus a analisar cuidadosamente, identificando posicionamentos epistemológicos, metodologias, lacunas, contradições e/ou grandes achados.

A análise dos dados coletados deu-se de forma mista, narrativa e estatística, ao passo que foi feita uma reflexão crítica sobre achados e lacunas, bem como a análise de prevalências de dados e/ou ausência dos mesmos. A seguir, a descrição dos momentos e etapas.

1ª ETAPA: Formulação da pergunta que norteou a pesquisa do Estado da Arte.

Ainda tomando por base a tabela mencionada acima, a questão formulada foi: qual conceito e/ou concepção sobre saber-fazer, gênero e informalidade podemos apreender dos trabalhos analisados? Dito isto, o descritor utilizado para pesquisa na base de dados supracitada foi “saber-fazer e mulher” e, como filtro para a “área de conhecimento” foram selecionados, respectivamente, Antropologia e, depois, Educação.

2ª ETAPA: Acessando a base de dados e definindo critérios de inclusão/exclusão

Ao acessar a plataforma da Capes e inserir o descritor pré-estabelecido (Saber-fazer e mulher), com área de conhecimento focada na Antropologia e depois em Educação, fizemos a primeira triagem de trabalhos que poderiam relacionar-se com a minha proposta de pesquisa. Decidimos realizar a pesquisa em 2 momentos, um para catalogar dissertações de mestrado e outro para catalogar teses de doutorado, para ambas as áreas, seguindo a seguinte lógica: após inserir o descritor, aplicamos os filtros da temporalidade, espaço de tempo entre os anos de 2013 e 2017, e a área do conhecimento – primeiramente em Antropologia, depois, em Educação, conforme salientado anteriormente. Entre teses e dissertações foram encontrados 439 trabalhos da área de Antropologia e 180 trabalhos da área de educação. Devido ao grande número de achados, esse processo demandou bastante tempo, cerca de 4 meses. Esse tempo foi utilizado para seleção do material, tendo como fator de aceleração a inexistência de muitos destes arquivos na plataforma, porque foram indexados anteriormente à plataforma Sucupira (plataforma atual).

Como critérios de inclusão/seleção foram escolhidos, a partir da leitura dos resumos e títulos, trabalhos que tivessem em seus títulos, resumos e/ou palavras-chave, as palavras e/ou expressões: saber, saberes, fazer, experiência, mulheres, prática, construção de conhecimento, saber-fazer, aprendizado, informalidade, informal. Nesse primeiro momento, também foram baixados alguns trabalhos cujos conteúdos e expressões contidas no resumo demonstrassem dialogar de forma coesa com o objetivo da pesquisa, de catalogar trabalhos que versassem sobre a construção do conhecimento (saber-fazer) de mulheres negras no âmbito da informalidade do fazer e do saber. Levando em conta que muitos dos trabalhos constavam dos seus títulos nas páginas de pesquisa, mas não se encontravam mais na plataforma, selecionamos e baixamos um total de 77 (setenta e sete), conforme demonstra o quadro a seguir:

Quadro 02: Teses e dissertações selecionadas na segunda etapa da pesquisa Estado da Arte

ANTROPOLOGIA			
ANO DE PUB	GRANDE ÁREA	ENCONTRADOS	1ª SELEÇÃO
2013 a 2017	ANTROPOLOGIA	TESES	24
		DISSERTAÇÕES	24

EDUCAÇÃO			
ANO DE PUB	GRANDE ÁREA	ENCONTRADOS	1SELEÇÃO
2013 a 2017	EDUCAÇÃO	TESES	5
		DISSERTAÇÕES	24
TOTAL			77

Fonte: Elaborado pela autora

3ª ETAPA: Selecionando os estudos

Dividimos essa etapa em dois momentos: I momento: pré-seleção final e II momento – seleção final. A saber:

I momento: pré-seleção final

Decorrida a necessidade de definir quais trabalhos se encaixavam no que foi proposto para esta pesquisa e definição da quadro – catálogo²⁰, foi necessário, além de uma leitura mais densa do material selecionado, a aplicação de critérios de exclusão que permitiram uma seleção específica do que procurávamos e a elaboração de um instrumento que compilaria os dados para análise. Neste momento, foi aprofundada a leitura do material, de forma que alguns foram lidos integralmente, e as teses e dissertações que não continham em seu texto os descritores utilizados nessa pesquisa e/ou as que não foram consideradas relevantes para discussão, foram excluídas da tabela e da última etapa (revisão integrativa dos dados). Os critérios de exclusão utilizados para a seleção final do material foram:

- Tratar de Educação formal;
- Não abordar o saber-fazer;
- Divergência do conteúdo do corpo do texto com a ideia proposta no título, resumo e/ou palavras-chave.

Após análise e aplicação dos critérios definidos acima restaram da área de Antropologia: 2 dissertações e nenhuma tese, e da área de educação: 3 dissertações e 2 teses, perfazendo um total de 7 trabalhos a serem revisados sistematicamente pelo método da revisão integrativa. Segundo Botelho et. al. (2011,p.133), a revisão integrativa “emerge como uma metodologia

²⁰ Chamo de quadro-catálogo o quadro que consta da catalogação dos dados que nos interessa neste estado da arte (Autor, Título, Instituição, etc.).

que proporciona a síntese do conhecimento e a incorporação da aplicabilidade de resultados de estudos significativos na prática”. Abaixo, segue a tabela com demonstrativos de teses e dissertações selecionadas:

Quadro 03: Teses e dissertações selecionadas na terceira etapa da pesquisa Estado da Arte

ANTROPOLOGIA				
ANO PUB	GRANDE AREA	ENCONTRADOS		TOTAL
2013 A 2017	ANTROPOLOGIA	TESES	0	2
		DISSERTAÇÕES	2	
EDUCAÇÃO				
ANO PUB	GRANDE AREA	ENCONTRADOS		TOTAL
2013 A 2017	EDUCAÇÃO	TESES	2	5
		DISSERTAÇÕES	2	
TOTAL				7

Fonte: Elaborada pela autora

II momento – seleção final

Após a seleção final dos sete trabalhos, o segundo momento foi reservado para pensar de que forma organizar o material para facilitar sua análise. Para tal, atribuímos um código a cada trabalho com a intenção de que estes pudessem ajudar no momento da análise, facilitando a citação e identificação dos mesmos. A criação dos códigos segue a seguinte lógica:

Quadro 4: Códigos atribuídos aos trabalhos selecionados no Estado da Arte.

CODIGO	LEGENDA
A	ANTROPOLOGIA
D/T	DISSERTAÇÃO OU TESE
1/2/3	NÚMERO CORRESPONDENTE NA TABELA
E	EDUCAÇÃO
D/T	DISSERTAÇÃO OU TESE
1/2/3	NÚMERO CORRESPONDENTE NA TABELA

Fonte: Elaborada pela autora

Os códigos foram atribuídos com o intuito de facilitar a referência aos trabalhos no momento das análises e discussões, onde cada trabalho será citado por seu respectivo código, representado na tabela. Como exemplo, segue demonstração:

AD1 – Primeira dissertação de antropologia selecionada; Na íntegra: Antropologia/Dissertação/Número um.

ED1 – Primeira dissertação de educação selecionada; Na íntegra: Educação/Dissertação/Número um.

ET2 – Segunda tese de educação selecionada; Na íntegra: Educação/Tese/Número dois.

A próxima e última etapa revela o instrumento criado para organização dos dados encontrados.

4ª ETAPA: Categorizando os estudos

Definida a amostra de teses e dissertações que melhor estabelecem um diálogo com o que é proposto aqui, iniciamos a construção do instrumento para organização dos dados. O instrumento a seguir foi utilizado como aporte para análise dos dados e consta de uma planilha onde as teses e dissertações foram catalogadas por autor, título, objetivo, metodologia, ano e região de produção, vejamos:

Quadro 5: Quadro-catálogo: dados dos trabalhos selecionados para análise.

ANTROPOLOGIA							
COD	AUTOR/A	TIPO TRAB.	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	LOCAL	ANO
AD1	Adrianna Paula de Medeiros Araújo	Dissertação	“Bordados do Seridó”: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN	Investigar a dinâmica da produção artesanal do bordado, dentro do círculo familiar e em seus desdobramentos após a sua entrada na esfera comercial. Também busca-se investigar como a atividade opera dentro de um contexto em que os sujeitos (bordadeiras e intermediários) e seus distintos agenciamentos acionam certos discursos.	Etnografia -observação de campo e narrativas	Natal/RN	2013
AD2	Giselma Maria Sacramento da Rocha	Dissertação	“Num só crio pra vender, não”: Etnicidade, gênero e saberes domésticos em Moita Verde (Parnamirim, RN.)	Compreender o processo em que se constitui a participação e atuação política crescente de parte das mulheres.	Etnografia-observação participante, entrevistas.	Natal/RN	2014

Continua

EDUCAÇÃO							
COD	AUTOR/A	TIPO TRAB.	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	LOCAL	ANO
ED1	Analia Santana	Dissertação	A participação política das mulheres na irmandade de nossa senhora do rosário dos homens pretos do pelourinho (1969-2001)	Refletir sobre a luta e resistência interna empreendida pelas mulheres negras para a divisão do poder na Mesa Administrativa da Irmandade.	Hist oral e análise documental	Salvador/BA	2013
ED2	Hugo Silva Caetano	Dissertação	Na maré e na escola: Experiências Educativas de Marisqueiras de Salinas da Margarida-Ba	Refletir como acontece o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido entre as marisqueiras, como essa e outras experiências educativas interferem em suas vidas e quais as implicações daí advindas.	Qualitativa-pesquisa bibliográfica, observação e entrevista centrada na pessoa.	Salvador/BA	2013
ED3	José Nunes dos Santos Júnior	Dissertação	Pastora e mulher - “ele me entregou o cajado”: processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal.	Analisar como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal.	Qualitativa de abordagem sócio-histórica- pesquisa de campo e pesquisa em documentos não-oficiais, impressos ou publicados na WEB.	Salvador/BA	2013

Continua

EDUCAÇÃO							
COD	AUTOR/A	TIPO TRAB.	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	LOCAL	ANO
ET1	Janine Fontes de Souza	Tese	O avesso do bordado no contar de si das "Pretas" da Matinha	Compreender os processos identitários experienciados pelas "Pretas" da Matinha: D. Neusa, D. Chica, D. Natália e D. Nevinha	Qualitativa-(auto) biográfico, observação etnográfica, registros fotográficos, registros em áudio, e notas de campo	Salvador/BA	2013
ET2	Áurea da Silva Pereira	Tese	Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em saquinho	Apresentar a narrativa autobiográfica de cinco mulheres idosas, identificando suas trajetórias de vida associadas ao contexto sociocultural de Saquinho (BA).	Qualitativa-perspectiva etnográfica	Salvador/BA	2014

Fonte: Elaborada pela autora

Para análise e reflexão do material selecionado, inspirei-me na matriz de síntese, instrumento utilizado para análise dos dados na área da saúde, que consiste na organização de uma tabela/quadro que contenha:

informações verbais, conotações, resumos de texto, extratos de notas, memorandos, respostas padronizadas, e, em geral, dispor de dados integrados em torno de um ponto ou temas de pesquisa. Em suma, a matriz deve conter informações sobre aspectos da investigação e permitir que o pesquisador tenha uma visão geral de dados relacionados a um desempenho de certos pontos (BOTEHO et. al., 2011, p.131).

Abaixo segue o quadro que norteou as análises e discussões deste estado da arte. O quadro é composto das expressões e palavras que se referem aos três principais eixos de análise: saber-fazer, gênero e informalidade. Essas palavras referem-se às expressões utilizadas nos textos de cada autora/or selecionada/o para tratar de cada eixo de análise, por exemplo: em AD1, as palavras que se referiram às questões de gênero foram: prendada, casar, etc.

Desta forma ficou mais fácil visualizar o panorama das prevalências e lacunas em todas as teses e dissertações trabalhadas e nortear a análise textual. Ademais, as informações que não se encaixam nesses três eixos serão refletidas, mesmo que não constem na matriz de síntese, desde que contribuam de forma relevante com as discussões propostas.

Quadro 6: Matriz de Síntese dos eixos de análise do Estado da Arte

CODIGO	TÍTULO	SABER FAZER	GENERO	INFORMALIDADE
AD1	“Bordados do Seridó”: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN	Aprendizado não formal; aprendizado da prática; fazer; saber da tradição; Saberes de família; saber-fazer; saber artístico; Saber feminino; Identidades	Prendada Casar Família Prestígio social Divisão sexual do trabalho Mulheres Espaço doméstico	SEBRAE Capacitação Selo de autenticidade
AD2	“Num só crio pra vender, não”: Etnicidade, gênero e saberes domésticos em Moita Verde (Parnamirim, RN.)	Saberes domésticos; Saber camponês; Saberes de ganho; Saberes de reciprocidade; Saberes escolares; Saber “autorizado”; Saberes coletivos Saber do cotidiano Saber religioso Saber da tradição Saberes de família Saber político; identidades; Saber cultural;	Mulheres Espaço doméstico Divisão sexual do trabalho Muher multitarefa Feminismo Interseccionalidade Mulher negra	Venda de Porcos

		Saber geográfico. Saber e poder		
ED1	A participação política das mulheres na irmandade de nossa senhora do rosário dos homens pretos do pelourinho (1969-2001)	Saber Social Saberes ancestrais Saber e poder Saberes africanos	Mulher negra Relações de poder Papeis sociais Misoginia Machismo Racismo	
ED2	Na maré e na escola: Experiências Educativas de Marisqueiras de Salinas da Margarida-Ba	Experiência Saber da Prática Observação Saber-poder Saber empírico Saber institucionalizado	Mulher Fragilidade Corpo Exposição Improviso Resistência Luta Múltiplas jornadas Trabalho Pesca Direitos Machismo	
ED3	Pastora e mulher - “ele me entregou o cajado”: processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal	Saber intuitivo Saber divino Saber sensorial Saber modelado Saber da observação Saber da santificação (recepção do espírito santo)	Feminização do trabalho Classe social Masculinidades Feminilidades Casa Privado x público Corpo	
ET1	O avesso do bordado no contar de si das “Pretas” da Matinha	Autoaprendizado Saberes políticos Saberes da coletividade Saberes disciplinares Poder-saber	Público x privado Mulheres negras	
ET2	Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em saquinho	Saber herdado/familiar Letramento social Saber do cotidiano Saber local Saberes biográficos Saber-poder Saber letrado Saber cultural Saber popular Saber abstrato Saber cultural Saber ancestral Saberes assimilados	Público x privado Sobrecarga Cuidado Múltipla jornada	Pequeno comércio

Fonte: Elaborado pela autora

1.2 Enlaçando números, pessoas e métodos: o curso de metodologia quantitativa, o campo e as “sujeitas”²¹.

Como já dito no início deste capítulo, o Curso de Metodologia de pesquisa Quantitativa promovido pelo Grupo Enlace, realizado de 2 a 6 de outubro de 2017, foi de suma importância para a (re) formulação do instrumento metodológico utilizado para a parte quantitativa desta pesquisa, o questionário que foi aplicado nos bares, restaurantes e salões de beleza da cidade de Camaçari-BA (Anexo II). O curso foi organizado pelo grupo Enlace e aconteceu no Auditório do Centro de Pesquisa em Educação e Desenvolvimento Regional (CPEDR), da Universidade do Estado da Bahia, Campus I, Cabula, Salvador (BA), ministrado pela prof^a Dra. Suely Aldir Messeder e a convidada, prof^a. Dra^a Mary Castro Garcia. O evento contou ainda com a contribuição de outras/os pesquisadoras/es como a Profa. Dra^a Elaine Cristina Cambuí e o Doutorando, Clebemilton Gomes.

No primeiro dia do curso, Mary Castro e Suely Messeder informaram a todas/os que o objetivo era revisar todo o questionário da pesquisa, testá-lo nos *tablets* e realizar o piloto (aplicação-teste) na cidade de Camaçari-BA e, depois, voltarmos a nos encontrar para realizar a análise dos dados. Após as apresentações, a doutora e feminista, Mary Garcia Castro, iniciou sua fala no curso compartilhando com os presentes sua trajetória enquanto pesquisadora e como fazer pesquisa quantitativa. Mary Castro logo pontuou que quando iniciou sua trajetória de pesquisadora, aprendera que pesquisa quantitativa eram apenas números. Entretanto, experiente nas pesquisas censitárias do IBGE, ela demonstrou nos seus ensinamentos durante o curso, que pesquisa quantitativa e qualitativa ligam-se sempre, mesmo sem querer.

À medida que Mary relatava suas experiências eu pensava em como uma pessoa não poderia perceber o quanto da *quali*, há na *quanti*, pois a todo instante ela relatava as trocas feitas com as pessoas no momento de ir a campo e coletar “os números”. E de fato, percebi que minhas impressões não estavam equivocadas, durante os três dias de curso, apesar de nos nortear no fazer científico quantitativo, a pesquisa qualitativa esteve presente em todos os momentos, desde a discussão sobre o que deveria ou não constar no questionário, até o momento de aplicar o questionário-teste com funcionários da UNEB e, posteriormente, em Camaçari. Não foram só números, corte ou estatísticas, foram reflexões, ações, implicações e (re) avaliações coletivas e compartilhadas que nortearam os cinco dias de curso.

²¹ O termo *sujeitas* aqui não é utilizado no sentido pejorativo ou de sujeitar-se a algo ou alguém, mas como forma de negar, mais uma vez, o uso do masculino genérico para referir-me “aos sujeitos da pesquisa”.

Desta forma, no primeiro dia Mary apresentou a teoria que circunscreve a pesquisa quantitativa, sempre estabelecendo um paralelo com a pesquisa qualitativa, combinando seus métodos e ampliando as perspectivas metodológicas para as/os graduandas/os, mestrandas/os e doutorandas/os que ali estavam. A partir do segundo dia, junto com Suely, as professoras apresentaram o questionário formulado para a pesquisa já mencionada e apelidada de pesquisa do cacete armado²², o qual deveria ser revisado, discutido e melhorado mediante a visão de todo o grupo, sobretudo nas questões de gênero e sexualidade. Pois, assim como toda a pesquisa, o questionário enquadrou-se na proposta de desconstrução das normas positivistas e heteronormativas, que sempre conduzem o fazer científico, ao passo que o objetivo da pesquisa e do grupo foi o de elaborar um instrumento focado em conferir as questões sociais, raciais, de gênero e orientação sexual, quebrando o protocolo da racionalidade que desumaniza os instrumentos e as formas de fazer e sentir as pesquisas, imbricando quantitativo e qualitativo no mesmo formulário e abrindo espaço para a coleta de dados que geralmente são invisibilizadas e desprezadas, como as questões das identidades de gênero e orientação sexual das pessoas pesquisadas.

Nessa perspectiva, o questionário foi composto de perguntas objetivas com o viés da subjetividade, entrelaçando, de fato, vida profissional com pessoal, levando em conta as diversas possibilidades de ser, viver, fazer e estar no mundo. A professora Mary fez algumas considerações que ela havia preparado previamente, por ocasião da análise do questionário a pedido de Suely e todas/os presentes foram contribuindo também. Os dias do evento foram seguindo com este intuito, de aperfeiçoar o questionário a ponto de abarcar, inclusive, os eixos das pesquisas geradas a partir da pesquisa do cacete armado.

Foram muitas discussões e (re) avaliações no que tange ao formato das perguntas, as perspectivas e nuances delas, se estavam “limitantes ou ilimitadas”²³ demais, enfim, uma série de dúvidas advindas de uma maioria de estudantes e pesquisadores das Ciências Sociais e/ou das pesquisa *quali*. Ora achávamos que as perguntas estavam quanti demais, “muito limitantes”, ora achávamos que estava quali demais, logo, ilimitadas, o que dificultaria a tabulação e análises dos dados.

²² Para melhor compreensão e reflexão acerca do conceito de cacete armado ler: MESSEDER, S. A. . **A construção da perspectiva multidisciplinar nas ciências sociais: um estudo sobre microempreendedores na cidade de Camaçari**. In: Alfredo Eurico Rodrigues Matta; José Claudio Rocha. (Org.). *Cognição: aspectos contemporâneos da construção e difusão do conhecimento*. 1ed.Salvador: Eduneb, 2016, v. 1, p. 225-242.

²³ Limitantes ou ilimitadas refere-se à característica de ofertar alternativas demais ou de menos, objetivar demais ou subjetivar demais as respostas.

Ao fim, o questionário foi organizado em 3 dimensões, para além de 1 questão subjetiva com a qual objetivamos captar o processo de formação das/os participantes, conforme esboço abaixo:

Quadro 07: Dimensões e perguntas do questionário aplicado para a pesquisa.

DIMENSÕES	QUESTÕES
PERFIL SOCIO-IDENTITÁRIO DA/O EMPREENDEDORA/OR	Qual a coordenada geográfica (LAT e LONG)? Qual endereço? Qual idade? Qual a nacionalidade? Qual local de nascimento? Quanto tempo mora em Camaçari? Qual nível de escolaridade? Qual a definição de cor/raça (segundo entrevistado)? Qual a definição de cor/raça (segundo IBGE)? Qual a sua religião? Qual seu estado civil? Qual seu sexo? Como se vê no dia a dia? Como se vê em suas atividades de trabalho? Já teve relações sexuais ou amorosas com pessoas do mesmo sexo? Qual a identidade sexual?
SABER-FAZER DA/O EMPREENDEDOR	Como aprendeu a trabalhar neste ramo? Há quanto tempo trabalha neste ramo? Há quanto tempo é dono de estabelecimentos deste ramo? Já teve outros estabelecimentos deste ramo em outras localidades? Quais? Preferiria ter outro emprego?
PERFIL DO ESTABELECIMENTO	Há quanto tempo tem este estabelecimento? Qual a principal razão para abrir o estabelecimento? Alguém foi consultado para a abertura do estabelecimento? Quem? Quais os dias de funcionamento? O estabelecimento é fechado algum dia para o descanso? O estabelecimento abre dos feriados? Quais os turnos de funcionamento? Quais meses de maior movimento de clientes? Inicialmente alguém te ajudou financeiramente para a abertura do estabelecimento? Qual a origem dos recursos financeiros para manutenção do estabelecimento? Há parceria entre os donos dos estabelecimentos da região? De que maneira isso acontece? Qual o diferencial do seu estabelecimento em relação aos concorrentes? Quais os principais problemas identificados nos estabelecimento? Quais produtos você vende? Como você faz seu preço? Quais serviços são oferecidos neste estabelecimento (somente para salões e barbearias)? É possível manter o sustento da família com a renda do estabelecimento? Além do estabelecimento, existe outra fonte de renda? Possui ajudante? Quantos? Como é a forma de pagamento? Como feita a contabilidade? Qual faturamento mensal aproximado do estabelecimento?

Fonte: Elaborado ela autora

As perguntas que causaram mais frenesi em todo o grupo foram, sem dúvidas, as que se referiam à identidade sexual e orientação sexual das/os interlocutoras/es. Ali, diante daquele

formulário, como bem disse Suely, estava toda nossa moralidade refletida no receio de interpelar as pessoas sobre essas questões, talvez, ou melhor, com aquela certeza lá no meu íntimo, a nossa herança cultural heteronormativa e/ou altamente arestada pela religião nos enrubescia, ao menos à maioria de nós, antes mesmo de tentarmos fazer as perguntas às pessoas entrevistadas. Concluo que éramos nós quem precisávamos nos (des) construir, antes mesmo de (des) construir o questionário.

Com o intuito de perceber se o questionário estava adequado e se já poderíamos fazer a testagem na cidade de Camaçari, alguns funcionários da UNEB foram convidados a participar conosco desse processo, respondendo ao questionário na sala em que trabalhávamos. Esse momento foi bastante revelador e nos serviu como encorajador para a aplicação dos questionários, pois, tanto o homem quanto a mulher que, publicamente, responderam às perguntas do questionário, encararam as questões de gênero e sexualidade com bastante leveza e até certo humor. Vale lembrar que os dois já passavam dos 50 anos de idade, fazendo parte de outra geração, o que lhes abriria um precedente que poderia justificar certo incomodo e/ou preconceito diante das perguntas consideradas tão transgressoras. Estava provado que era nosso o medo-moral que nos apavorava. Contudo, isso não significa que em campo, ao aplicar os primeiros questionários, estávamos despidos deste.

Após dois dias inteiros de discussão, “apaga daqui, (re) escreve dali”, realizamos a aplicação – teste na cidade de Camaçari, em 4 de outubro de 2017, começando por Abrantes. O grupo inteiro do curso, inclusive a profa. Mary Castro, foi para a cidade e, dividido em duplas ou trios, nos espalhamos para aplicar os questionários. Chegando na cidade, identificamos problemas de sinal com os *tablets*, o que nos levou a recorrer aos formulários impressos. Após fotocopiar os formulários, os mesmos foram aplicados.

Lembro-me, e anotei no meu diário de campo, a sensação de fazer ao primeiro entrevistado, um dono de bar, a pergunta: “você já manteve relações sexuais com alguém do mesmo sexo?”. Apesar da reação do mesmo ter sido a melhor e mais surpreendente possível, devo confessar que eu estava preparada para correr. Nesse momento, a pergunta queria soar da forma mais acelerada quanto fosse possível, me dava uma falsa sensação de que a pessoa responderia logo se eu fosse rápida e não se ofenderia. Demorou o tempo da aplicação de uns três questionários para que as perguntas fossem feitas pausadamente e sem o rubor da primeira vez perguntada.

O “estar lá”, no campo, envolve não só a definição da amostra e aplicação dos questionários. Como venho situando nesse percurso metodológico, questões subjetivas envolveram a pesquisa e as/os pesquisadoras/es, como uma simples roupa. Descobri ao longo

das aplicações que precisava repensar meus *looks*²⁴. Eu, que em um dia trajei um vestido e no outro uma calça moletom justa, ouvi das/os colegas que estava bem sensual. Brincadeiras à parte, detalhes aparentemente subjetivos e sem importância, delineavam o campo tanto quanto a aplicação dos questionários em si. Desde a roupa até a forma como conduzíamos as perguntas que julgávamos mais vexatórias, tudo delineava o fazer pesquisa. Nesse momento, a depender da roupa, da postura, experienciamos, mais ou menos, a força do machismo, os olhares desconfiados ou desejanter, a abertura e/ou a repulsa, tudo isto em um só movimento, o de fazer pesquisa. E não só nós éramos passíveis de análises e impressões, nós também percebíamos nitidamente quando o entrevistado forjava suas respostas para o “politicamente correto”, bastava achar que éramos representantes de algum órgão do governo.

No fim da tarde, após finalizar os questionários, retornamos para Salvador. No dia seguinte, foi o dia de discutir os resultados na UNEB (Cabula). Com a ajuda de Elaine e do graduando Warlen Junior, discutimos nossas impressões sobre a aplicação dos questionários, destacamos as falhas encontradas e já fomos alterando os formulários para a aplicação oficial que faríamos em data prevista de 20 de outubro de 2017. Trabalhamos por mais dois dias nesse processo, ao passo que discutíamos sobre o fazer pesquisa quantitativa e qualitativa.

Foi a partir de todo esse processo que o questionário, aplicado para minha pesquisa, foi desenvolvido e que eu tive o primeiro contato com as mulheres que participaram da minha amostra. Desde então, a imersão no campo de Camaçari aconteceu com dupla finalidade, a coleta de dados para a pesquisa do cacete armado e para minha pesquisa também. Um duplo mergulho no campo, fase densa e muito rica que me permitiu explorar muito além do questionário. Cada contato com a população, cada partilha com as/os colegas traduziram-se em dados que compuseram esta pesquisa.

As mulheres constrangidas ao falarem de suas vidas, suas experiências afetivas e sexuais, seus relatos sobre religiosidade, seus orgulhos sobre os caminhos percorridos, compuseram cenas marcantes na pesquisa. As lágrimas que (re) contam a trajetória de cada uma, os ideais modificados e a força reinventada no caminho, me colocou de frente com as pesquisadas, e comigo mesma e minhas moralidades e (des) construções.

Perguntar se já teve relações com alguém do mesmo sexo, por exemplo, foi uma das gratas surpresas e desconstruções do fazer pesquisa. Foram muitas gargalhadas e respostas deliberadamente espontâneas e leves, quando, inicialmente, achei que reagiriam mal. A questão da identidade de gênero também me chamou atenção pois, como exemplo, uma mulher

²⁴ Expressão que refere-se à forma de se vestir nesse caso.

autodeclarou-se mulher trans²⁵ e marcou no questionário, à priori, sendo do sexo masculino. Este fato nos leva a (re) discutir a importância do acolhimento, a confiança que nos foi dada na aplicação dos questionários por essas mulheres e ainda nos diz da importância que a (des) construção do fazer científico tem na afirmação identitária dos excluídos.

Em meados de outubro de 2018, organizamos (o Grupo Enlace) o I Encontro em Produção, Gestão e Difusão do Conhecimento no Estado da Bahia. Evento itinerante na região de Camaçari-BA ocorrido no Auditório da UNEB de Camaçari, Auditório do IFBA de Camaçari e no Colégio Estadual de Monte Gordo, distrito da cidade em questão.

Figura 1: Banner do I Encontro em produção, Gestão e Difusão do Conhecimento no Estado da Bahia



Fonte: Imagem disponibilizada pelo Whatsapp por Suely Messeder.

O evento foi organizado em torno de três eixos: Tecnologias Sociais, Economia Criativa e Empreendedorismo Social, possibilitando a reflexão e discussão sobre feitos e estratégias de criação de uma sociedade que utilize os recursos sociais disponíveis para sua existência de forma sustentável, inclusiva e criativa. Contou ainda com a participação de palestrantes de diversas regiões como Laura Motinho (Universidade de São Paulo), Filipe João Cotovio Eufrásio Antunes, César Henrique e Cristina Maria Pinto Albuquerque (Universidade de Coimbra), Rita Simone Barbosa Liberato (Universidade Federal de Sergipe), Dante Augusto Galeffi (Universidade Federal da Bahia).

Um evento multicultural que aproximou comunidade acadêmica, escolar e sociedade a partir de diálogos transdisciplinares e interseccionais nos possibilitando contatos com

²⁵ Este caso será melhor discutido pela colega, doutoranda, Lenade Barreto, que estudará a questão LGBT no mercado de Camaçari-BA.

professores e estudantes adolescentes e jovens que puderam conhecer e discutir sobre outras possibilidades de existência, criatividade e mobilidade social a partir do uso de tecnologias sociais disponíveis no meio ambiente.

Nesse sentido, o empreendedorismo abordado confrontou a ideia capitalista do ser e existir destituindo a meritocracia e fazendo visível diversas outras formas de empreender, para o quê nos chamou ao diálogo com as tecnologias sociais a partir do Projeto Coimbra que pautasse na transformação e venda do óleo de cozinha usado em sabão.

Participar desse evento me proporcionou bastante aprendizado e maturidade científica. Mediante impossibilidade de vinda ao evento da professora Cristina Albuquerque, encaminhou seu texto-conferência, o qual tive o privilégio de apresentar. O texto intitulado: *A trilha do paradigma da responsabilidade compartilhada na educação universitária*, evoca a necessidade de uma prática criativa e rentável econômica, social e tecnológica, que leve em consideração não apenas o processo e o resultado mas, sobretudo, o processo e as pessoas, favorecendo a atuação dos ecossistemas dinâmicos e diversos que atuam na sociedade.

Diante do exposto, pensar na sociedade a partir da partilha de responsabilidades e do compromisso de todo agente no processo de empreender e existir, me fez pensar e conduzir essa pesquisa nos caminhos dos afetos que afetam a todos aqui envolvidos e sob o pilar da ética do cuidado de si e do outro, na ciranda infinita do existir porque existimos. Cristina Albuquerque, que na impossibilidade de vir de Portugal na data do evento compartilhou conosco seu texto sobre o Paradigma da Responsabilidade Partilhada, bailou uma linda valsa com Dante Gallefi, mesmo sem conhecer anteriormente sua fala e reflexões sobre a Ética da Bem Querença.

Ao referir-se ao crescimento econômico narcísico e individualista e à necessidade de superação do Paradigma Dominante pelo Paradigma da Responsabilidade Partilhada, segundo Cristina Albuquerque (2018, no prelo), nos diz: “defendo que as práticas só serão efetivamente inovadoras e produtoras e valor econômico, social e tecnológico se articularem a preocupação com o resultado e os produtos, com a preocupação com o processo e as pessoas.”

A sua primazia no processo e nas pessoas me remete à reflexão feita por Dante que, pautado na filosofia UBUNTU, nos fez pensar no compromisso do bem querer a si e ao outro, na ética do saber coletivo e do existir, no compromisso de cada um consigo e com todos para a construção de um estado de bem viver que confronte e desarticule o modelo social vigente.

Em meio a essas vivências, estava eu ali, decidindo o meu fazer científico, o qual só foi possível por lastrar-se nos pilares tão refletidos no Grupo Enlace e amplamente fundamentado e vivenciado nesse evento que organizamos. A ética, o compromisso e o cuidado de todos para

com todos que ajudaram em cada linha dessa pesquisa me fizeram lembrar a todo instante que *Eu sou porque nós somos –UBUNTU!*

Abaixo algumas fotos do I Encontro em Produção, Gestão e Difusão do Conhecimento no Estado da Bahia:

Figura 2: Eu, segunda pessoa da esquerda para a direita, no primeiro dia do evento.



Fonte: Arquivo Pessoal

Figura 3: Eu (de amarelo), os demais organizadores (grupo Enlace), e os alunos do Col. Est. de Monte Gordo



Fonte: Arquivo Pessoal

1.3 As entrevistas com duas trabalhadoras por conta própria.

Como constatado desde o curso de metodologia quantitativa, o momento da aplicação dos questionários nas regiões selecionadas, apresentou-se como um campo de múltiplas possibilidades, ao passo que a coleta quantitativa de dados me proporcionou vários encontros qualitativos. A cada aplicação de questionário uma vida se abria qualitativamente como forma de argumentar suas respostas tão objetivas. Eram as mulheres que contavam suas histórias de vida para responder o quê aprenderam, com quem aprenderam, de onde vieram. Nesses

momentos, a ida ao campo e essas mulheres, sujeitas da pesquisa, delinearão a segunda etapa metodológica confirmando a importância da acolhida das narrativas história de vida. Nesta etapa fomos eu e minha orientadora para o campo realizar as entrevistas.

Dado o curto espaço de tempo, selecionamos duas mulheres da cidade de Camaçari-BA que atuam no Centro Comercial (Feira/Camelódromo), localizado no centro da Cidade. As duas mulheres selecionadas são 2 cabelereiras, mulheres negras, as quais serão referendadas aqui como Marta e Sônia, nomes fictícios atribuídos como forma de preservar as identidades das interlocutoras.

As entrevistas ocorreram sob o sol escaldante do verão e desaguarão nas chuvas de março, que anunciavam a chegada do outono, momentos que aqueceram os corações e lavaram as nossas almas com histórias de (re) existências, histórias potentes, que revelam a força da mulher negra na informalidade de saber-fazer-viver de suas vidas e seus trabalhos.

O calor exacerbado das 10 da manhã, o camelódromo imenso, repleto das mais diversas mercadorias, de panelas, bares à serviço de beleza, nos encheu, a mim e à minha orientadora, de possibilidades e caminhos para chegar aos boxes das mulheres selecionadas para esta etapa da pesquisa. Entre corredores quase que iguais, demos algumas voltas no mercado até encontrá-las, ao passo que apreciávamos sua estrutura, seu funcionamento e os indivíduos que compunham aquele espaço.

Ao encontrar os boxes, o primeiro instante foi o de nos (re) apresentarmos para a primeira entrevistada e depois para a outra, lembrando-as sobre a primeira etapa da pesquisa e da nossa intenção com esta segunda etapa. As resistências iniciais, conforme identificamos no primeiro momento de ida a campo, permaneceram nos instantes iniciais, mas as duas mulheres nos receberam e nos apresentaram com suas narrativas falando mais do que as mesmas esperavam. Sobre essa resistência inicial, penso eu que seja uma estratégia de defesa, dada as marcas e *dororidades* que carregam as mulheres participantes da pesquisa, trazendo à tona, nesse momento, diversos sentimentos. O medo da exposição, revirar sentimentos que talvez estivessem adormecidos para resgatar a infância, as dores da caminhada até chegar ao momento de compartilhar suas vitórias e destacar o tamanho de suas forças, acredito que colaboram para a desconfiança rápida e fugaz que percebi inicialmente pois, “falar sobre si buscando refletir a respeito dos acontecimentos passados requer um exercício de predisposição para o autoconhecimento. Esse narrar, suponho, é um reviver, um (re) experienciar ou até mesmo um experienciar primeiro (ELICA PAIVA, 2015, p.63)

Contudo, após o primeiro contato, o sentimento de perceber-se acolhida e perceber em nós a admiração e sede por suas histórias de vida, a primeira entrevistada sentou-se e iniciou uma bela viagem memorística nos fatos e histórias que circunscreveram sua vida.

Como defende Áurea Pereira (2014, p.34) em sua tese de doutorado, “as narrativas de vida conduzem os sujeitos ao encontro e reconhecimento de si, considerando as experiências e aprendizagens ao longo do processo de formação”. No sentido encarnado que proponho este trabalho, as histórias aqui compartilhadas e interpretadas atuam como o processo catártico ao qual me submeti enquanto pesquisadora-encarnada-Sentidora, ao passo que nos possibilita ouvir e sentir a mulher-Sentidora que se desvela a cada resgate de suas memórias e (re) configurações das cenas experienciadas. Se em sua tese Áurea Pereira (p.35) encontrou, de suas entrevistadas, certa omissão do “[...] eu feminino, os gostos, as memórias de infância [...]”, aqui, essas lembranças emaranharam-se por toda narrativa, em idas e vindas que deixavam claro de onde vinha tanta força e astúcia para vencer e driblar a formalidade e (des) ordem de vida exigida em tempos capitalísticos que ditam ordem e “progresso”.

Na manhã que demos início às entrevistas, o movimento no mercado não estava tão intenso para compras e realização de serviços, apesar do grande burburinho que ecoava naquele espaço mediante tantas vozes reunidas. O ritmo mais ameno nos possibilitou mais tempo e esmero para ouvir a história das mulheres da beleza aqui selecionadas. Entre uma justificativa e outra, elas se ajeitavam, tentavam escapar, mas logo retornavam a contar de forma entretida o longo caminho que percorreram até ali. O tempo passou que mal percebemos, quando fomos ao encontro da segunda entrevistada já era hora do almoço e a mesma estava ocupada. Desta forma, pausamos para almoço e marcamos de voltar às 13 horas.

Aproveitamos a hora do almoço para olhar um pouco mais o espaço da Feira, onde vimos que ali também chamava-se camelódromo. Atravessamos a rua e fomos almoçar em um prédio comercial na frente do campo de pesquisa. Nesse momento, a chuva já anunciava sua chegada. Durante o almoço permanecemos imersas na primeira entrevista, discutindo quão rica havia sido aquela história partilhada e o quanto dizem dos dados coletados previamente. Após o almoço, com a chuva já mais intensa, retornamos no horário marcado para a segunda entrevista.

Sentindo cheiro de chuva, naquele burburinho permanente e após o almoço, só mesmo uma história muito envolvente, vinda de uma mulher extremamente reservada, para evitar que nossos corpos esmorecessem e o sono tomasse conta.

1.4 Visitando o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

À guisa de concluir o percurso metodológico, no mês de abril de 2019, após pensarmos na possibilidade de coletar dados oficiais sobre o Comércio de Camaçari e fazer um quadro comparativo com os dados que levantamos, Suely Messeder entrou em contato com Ana Simões, coordenação da Pesquisa de Emprego e Desemprego na Região Metropolitana de Salvador (PEDRMS), que nos atendeu com presteza e nos concedeu informações valiosas no seu local de trabalho, Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese)

Nosso objetivo era poder levantar dados onde pudéssemos desagregá-los por ocupações (Ex: barbeiro, salão de beleza etc), ligando-as a alguns marcadores sociais da diferença como cor, religião etc. Nesse sentido, faríamos um quadro comparativo entre os dados das ocupações formais e não formais e/ou por conta própria na região de Camaçari, a partir das desagregações por marcadores escolhidos. Conversamos bastante e Ana Simões nos informou que infelizmente a PED não nos possibilitaria o desagregamento dos dados por ocupações formais e/ou informais, mas que poderíamos conseguir fazer uma estatística a partir do Censo da PED (Pesquisa de Emprego e Desemprego) ou PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio). Dada a falta de tempo, o quadro comparativo ficará para a pesquisa de doutorado.

Assim mesmo, Ana Simões, muito gentilmente, nos retornou no dia seguinte com um email nos esclarecendo sobre a classificação que a PED atribui a algumas inserções ocupacionais, a saber:

Conta-própria ou Autônomo – Pessoa que explora seu próprio negócio ou ofício, sozinho ou com sócio(s), ou ainda com a ajuda de trabalhador(es) familiar(es). Pode ter eventualmente algum ajudante remunerado para auxiliá-lo em períodos de maior trabalho. Exemplo: o pedreiro que trabalha por conta própria e que contrata uma pessoa para ajudá-lo num trabalho, por um período determinado. As pessoas que trabalham nesta situação têm liberdade (autonomia) para organizar seu próprio trabalho e, portanto, para determinar sua jornada de trabalho. Por esta razão, estas pessoas se declaram contas-próprias ou autônomas, mesmo quando dependem, em alguma medida, de uma empresa para a realização de seu trabalho.

Empregador – Pessoa que é proprietária de um negócio e/ou de uma empresa, ou que exerce uma profissão ou um ofício e que tem, normalmente, pelo menos um empregado remunerado permanente. O profissional universitário é considerado empregador quando tem três ou mais empregados remunerados permanentes. Não é considerado empregador o indivíduo

que só tenha empregado doméstico ou empregado não remunerado ou, ainda, empregado remunerado contratado eventualmente, em períodos de maior trabalho. Nestes dois últimos casos, o contratante é “autônomo ou conta-própria”.

Profissional universitário autônomo – Para a correta classificação do profissional universitário autônomo, observar os aspectos abaixo. Necessariamente, a pessoa deve ter nível universitário completo. Sua ocupação deve estar ligada à sua formação. Pode ter um escritório ou consultório próprio ou, ainda, prestar serviços para várias empresas. Pode ter até dois empregados remunerados. Se tiver mais do que dois empregados, classificá-lo como empregador.

Dono de negócio familiar – Pessoa que gerencia um negócio ou uma empresa de sua propriedade exclusiva ou em sociedade com parentes. Normalmente, neste tipo de negócio, só trabalham parentes que não recebem remuneração salarial, mas podem haver situações nas quais trabalhem um ou dois empregados de forma permanente e remunerados. Esta pessoa diferencia-se do conta-própria porque seu negócio é mais formalizado (requer licença e algum tipo de capitalização). Nunca trabalha sozinho. Diferencia-se do empregador, já que só pode ter no máximo, de forma permanente, dois empregados remunerados. Exemplo: o dono de um empório ou quitanda onde trabalha com a mulher e, além desta, com um empregado para fazer os serviços mais pesados; dois irmãos que são proprietários de uma oficina mecânica; o dono de uma loja, na qual trabalha com os filhos.

Trabalhador familiar sem remuneração salarial – Pessoa que exerce uma atividade econômica em negócios de parentes, sem receber um salário como contrapartida. Pode, no entanto, receber uma ajuda de custo em dinheiro ou mesada.

Dada a descrição das seções metodológicas, nos próximos capítulos veremos o saber-fazer-viver na compreensão analítica dos “dados coletados”, quer seja pela interpretação das dissertações e teses elencadas no Estado da Arte, quer seja pelos dados coletados quantitativamente (gráficos) e ainda pelas histórias de vida compartilhadas.

II SOBRE O SABER-FAZER E O GÊNERO NAS PRODUÇÕES CIENTÍFICAS

Neste capítulo aproprio-me do Estado da Arte que versou sobre as dissertações e as teses selecionadas no banco de tese da CAPES, cujos descritores foram: saber-fazer, relações de gênero, informalidade, mulheres negras. Mais especificamente me detenho em sete trabalhos com intuito de analisá-los mais profundamente, com isto, busco compreendê-los tanto na forma, quanto no conteúdo.

Os motivos que me levaram a selecionar tais trabalhos foi o fato de terem em seus resumos, palavras-chaves e/ou corpo do texto, discussões relevantes sobre os descritores mencionados anteriormente. No desenrolar veremos três seções: 2.1). Apresentando os sete trabalhos em seus conteúdos; 2.2) Os (des) encontros das/nas produções científicas sobre o saber-fazer de mulheres negras: uma análise horizontal dos achados sobre saber-fazer, gênero e trabalho e, por fim; 2.3) Considerações sobre a geopolítica do conhecimento, metodologias entre outras coisas.

Abaixo, a representação do quadro 5: quadro-catálogo, para melhor compreensão das análises posteriores referente os 7 trabalhos selecionados.

ANTROPOLOGIA							
COD	AUTOR/A	TIPO TRAB.	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	LOCAL	ANO
AD1	Adrianna Paula de Medeiros Araújo	Dissertação	“Bordados do Seridó”: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN	Investigar a dinâmica da produção artesanal do bordado, dentro do círculo familiar e em seus desdobramentos após a sua entrada na esfera comercial. Também busca-se investigar como a atividade opera dentro de um contexto em que os sujeitos (bordadeiras e intermediários) e seus distintos agenciamentos acionam certos discursos.	Etnografia -observação de campo e narrativas	Natal/RN	2013
AD2	Giselma Maria Sacramento da Rocha	Dissertação	“Num só crio pra vender, não”: Etnicidade, gênero e saberes domésticos em Moita Verde (Parnamirim, RN.)	Compreender o processo em que se constitui a participação e atuação política crescente de parte das mulheres.	Etnografia-observação participante, entrevistas.	Natal/RN	2014

EDUCAÇÃO							
COD	AUTOR/A	TIPO TRAB.	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	LOCAL	ANO
ED1	Analia Santana	Dissertação	A participação política das mulheres na irmandade de nossa senhora do rosário dos homens pretos do pelourinho (1969-2001)	Refletir sobre a luta e resistência interna empreendida pelas mulheres negras para a divisão do poder na Mesa Administrativa da Irmandade.	Hist oral e análise documental	Salvador/BA	2013
ED2	Hugo Silva Caetano	Dissertação	Na maré e na escola: Experiências Educativas de Marisqueiras de Salinas da Margarida-Ba	Refletir como acontece o processo de ensino-aprendizagem desenvolvido entre as marisqueiras, como essa e outras experiências educativas interferem em suas vidas e quais as implicações daí advindas.	Qualitativa-pesquisa bibliográfica, observação e entrevista centrada na pessoa.	Salvador/BA	2013
ED3	José Nunes dos Santos Júnior	Dissertação	Pastora e mulher - “ele me entregou o cajado”: processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal.	Analisar como ocorrem os processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal.	Qualitativa de abordagem sócio-histórica- pesquisa de campo e pesquisa em documentos não-oficiais, impressos ou publicados na WEB.	Salvador/BA	2013

Continua

EDUCAÇÃO							
COD	AUTOR/A	TIPO TRAB.	TÍTULO	OBJETIVO	METODOLOGIA	LOCAL	ANO
ET1	Janine Fontes de Souza	Tese	O avesso do bordado no contar de si das "Pretas" da Matinha	Compreender os processos identitários experienciados pelas "Pretas" da Matinha: D. Neusa, D. Chica, D. Natália e D. Nevinha	Qualitativa-(auto) biográfico, observação etnográfica, registros fotográficos, registros em áudio, e notas de campo	Salvador/BA	2013
ET2	Áurea da Silva Pereira	Tese	Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em saquinho	Apresentar a narrativa autobiográfica de cinco mulheres idosas, identificando suas trajetórias de vida associadas ao contexto sociocultural de Saquinho (BA).	Qualitativa-perspectiva etnográfica	Salvador/BA	2014

Fonte: Elaborada pela autora

2.1 Apresentando os sete trabalhos em seus conteúdos

Nesta seção trarei um breve resumo sobre os trabalhos selecionados de modo que possamos descortinar as abordagens realizadas em cada um deles. As reflexões na íntegra, seguem no Apêndice I.

- **AD1** - *“Bordados do Seridó”: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN (Adrianna Paula de Medeiros Araújo - 2013).*

Dissertando sobre o fazer dos Bordados de Seridó, no Rio Grande do Norte, Adrianna Araújo (2013) teceu os fios discursivos entre a divisão sexual do trabalho que determinam “coisas de homem” e “coisas de mulher”, situando o bordar como uma atividade feminina cujo aprendizado se dá, sobretudo, de forma hereditária, de mãe para filha.

No que diz respeito à categoria saber-fazer, a autora se refere ao saber bordar como um aprendizado não formal e destaca a importância da escolarização deste saber para que possa ser validado e reconhecido pelas próprias mulheres. Nesse processo, a autora deixa claro que o saber-fazer do bordado, apesar de gerar renda e autonomia para as mulheres, é visto como uma extensão do privado e uma imposição de gênero:

O aprendizado da prática dos bordados se dá dentro da esfera doméstica, dentro da casa, e seu ensinamento é transmitido, muitas vezes, de mãe para filha. É comum, segundo as pessoas ouvidas, aprender a bordar com familiares, vizinhas e amigos próximos, sem que para isso seja pago alguma quantia. A prática dos bordados acontece entre as mulheres e para as mulheres (ARAÚJO, 2013, p.23-24).

Sobre as questões de gênero, Adriana Araújo dialoga com referências como Scott apud Berenice Bento (2006), Linda Nicholson (2000) e os trabalhos de Thaís F.S. Brito (2010) e Ana Carolina de Campos Almeida (1995).

No quesito informalidade/mercado a autora apenas coloca o desemprego como propulsor do investimento no trabalho informal, sem problematizar demais nuances.

- **AD2** - *“Num só crio pra vender, não”: etnicidade, gênero e saberes domésticos em moita verde (Parnamirim, RN) – Natal-RN (Giselda Maria Sacramento da Rocha - 2014).*

Tomando os saberes domésticos como mote de sua análise, Giselda Rocha (2014) estabelece um diálogo entre saber, fazer e gênero de modo que busca a compreensão da atuação política das mulheres a partir de suas atividades domésticas, considerando que “a vida doméstica é o espaço onde as ‘mulheres valentes’ negociam relação e marcam posições (ROCHA, 2014, p.60)”.

Em suas análises, Rocha (2014) também sinaliza que as próprias mulheres de seu estudo têm dificuldade de validar seus saberes devido à cultura de valorizar apenas e/ou principalmente os saberes formais. Assim, a discussão atribuída ao saber-fazer restringe-se ao campo de sua (não) validade, e ao campo da experiência, mencionando saberes do tipo político, religioso e “saberes de ganho e reciprocidade” (ROCHA, 2014, p.81).

Sobre gênero, o trabalho traz para cena as mulheres negras e utiliza-se de Klass Woortmann (1985) discutindo construção de gênero, Mille Tayer (2001) em uma releitura de Joan Scott, Sueli Carneiro (s/d) sobre o debate da mulher negra no Brasil, José Mauricio Arruti (2006, 2008), sobre negros e Quilombos, entre outros. Nesse sentido, suas análises convergem para a valorização da mulher negra na esfera do privado para o público, sem a supressão de seus saberes domésticos em prol da vida pública, mas situando-a como transgressora a partir da esfera privada. A casa também atua como *locus* de resistência, apesar de reconhecer a divisão sexual do trabalho e o acúmulo de funções para as mulheres.

A autora tensiona a divisão sexual do trabalho e ressalta as múltiplas jornadas vividas pelas mulheres do Quilombo estudado (Moita Verde) e as relações de poder que atravessam os processos de constituição de saberes. Nesse trabalho a informalidade é tratada como possibilitadora de superação de estigmas de gênero, inserindo a mulher na cena econômica informal de forma que a venda de porcos lhe possibilita, apesar de ser um saber considerado doméstico (privado), entrelaçar diversos outros saberes como finanças, economia, negociação, higiene, meio ambiente, entre outros, proporcionando-lhe autonomia.

- **ED1** – a participação política das mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (1969-2001) (Anália Santana, 2013)

Anália Santos (2013) problematiza a história das mulheres no Brasil e no mundo com vistas à ocupação de espaços e lugares ditos masculinos, enfatizando a atuação feminina dentro de um espaço espiritualista, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho, que, como o nome já diz, constituiu-se, majoritariamente, sob comando masculino, uma vez que a autora ressalta que boa parte do trabalho da Irmandade sempre foi feito por mulheres, mas que os homens levavam os méritos e respondiam pela Irmandade.

A pesquisa traz à tona diversos saberes, mas detém-se aos saberes religiosos e políticos, referindo-se ao espaço religioso como *locus* proponente de aprendizado e emancipação feminina. A discussão sobre os saberes fica a cargo de Michel Foucault (79, 97, 88) entendendo o saber como poder.

Sobre o saber-fazer, a autora refere-se à construção de saberes no espaço religioso a partir da perspectiva do letramento e da escolarização formal. Sobre os aprendizados e práticas, destaca a oferta de cursos como “crochê; manicure; ponto de cruz; corte e costura; aproveitamento de retalhos de tecidos” (SANTANA, 2013, p.158), dando destaque ao processo de institucionalização das práticas a partir dos cursos formais promovidos pela própria instituição como forma de validar esses saberes e fazeres.

No intuito de discutir as questões de gênero e raça, Anália Santana (2013) apoia-se em referenciais como: Joan Scott (2013), Judith Butler (2003), Simone de Beauvoir (1970), Mary Del Priore (1997), Sueli Carneiro (1985/2012), Conceição Evaristo (1992, 2003), Lélia Gonzalez (1980, 1981, 1983, 1988), bell hooks (2013), entre outras/os, para discutir a história das mulheres, sobretudo negras, e as lutas empreendidas para a superação das opressões e do alcance a cargos de poder dentro dessa instituição religiosa, pois o sistema acaba por impelir as mulheres a cargos, cuidados e assistencialismo, vedando a participação destas em cargos administrativos, por exemplo.

Dessa sorte, concluo que apesar de vários saberes mencionados e possíveis de extrair do seu texto, a autora não coloca as mulheres como geradoras e difusoras de saber, trata-os apenas sob a perspectiva do empoderamento político feminino, do extravasar o ambiente do privado para atuação política no espaço religioso. Ademais, apesar da Irmandade poder ser considerada um lócus de atuação de trabalho informal, isto não é considerado nas análises da autora que por sua vez não explora a questão do trabalho informal, nem autônomo.

- **ED2** – Na maré e na escola: experiências educativas de marisqueiras de Salinas da Margarida-BA (Salvador) – (Hugo Silva Caetano, 2013).

Utilizando a perspectiva teórica da experiência como conhecimento válido e significativo, Caetano (2013) reflete sobre a experiência de aprendizagem das marisqueiras de Salinas da Margarida-Ba, considerando os múltiplos processos da construção de conhecimento destas, como o conhecimento prático, a educação familiar, a educação formal, a pesca artesanal, entre outros. Apoia-se no conceito de experiência educativa de John Dewey (2010) o qual entende como existencialista e de Jorge Larrosa (1994, 2001 e 2002) e dialoga com alguns outros trabalhos na perspectiva da experiência.

Apoia-se em Maria da Glória Gohn (2010) para estabelecer paralelo entre os modelos dos processos educacionais: formal, não formal e informal, situando seu objeto de estudo na perspectiva da educação informal (práticas para o desvelar cotidiano) e objetivando perceber

de que forma esse se entrelaça com os demais. Fala do saber empírico da experiência, saber-poder dos homens

As questões de gênero são discutidas a partir de Beck (1991), Woortmann (1991), Motta-Maués (1999) e Cristina Maneschy (2000, 2011), onde é problematizada a questão dos lugares femininos na pesca em alto mar, atividade majoritariamente masculina, a nomenclatura entre marisqueiras ou pescadoras e explicações para esse não lugar advindo do corpo feminino. Ao meu ver, justificativas patriarcais para manutenção do domínio masculino sobre o feminino.

A divisão sexual do trabalho apresenta-se quando mulheres catam mariscos (em terra firme) e os homens vão à pescaria alta (em alto mar), entretanto, ressalta a atual inserção de homens na prática da mariscagem, mas o alto mar continua sendo “lugar de homem”. A pouca rentabilidade do mariscar aparece como um dos fatores que levam as marisqueiras às duplas jornadas, minimizando o papel da divisão sexual do trabalho calcada no patriarcado machista da cultura brasileira, mas atenuando também a sobrecarga feminina em múltiplas jornadas de trabalho. Sobre isto o autor diz: “mudanças econômicas e sociais foram quem introduziram a mulher pescadora à tendência de buscar um trabalho extra, fazendo com que a marisqueira tivesse de se adequar à dupla jornada de trabalho” (CAETANO, 2013, p.21).

- **ED3** – Pastora e mulher – “ele me entregou o cajado”: processos de ensino-aprendizagem utilizados na experiência formativa do pastorado feminino pentecostal. (José Nunes dos Santos Júnior, Salvador, 2013).

Com o objetivo de compreender o processo de ensino e aprendizagem na experiência formativa das pastoras pentecostais, José Júnior (2013) deixa claro na sua análise a divisão sexual dentro do pastorado pentecostal, chamando atenção para o saber intuitivo ao qual as interlocutoras de sua pesquisa (pastoras) se referem. O autor fala de saberes intuitivos, saberes da experiência, saberes da observação e saberes domésticos, sob o prisma da fenomenologia e da prática cotidiana.

Sobre o debate das relações de gênero, a análise social apresentada revelou que as mulheres, líderes pastorais, geralmente pertencem às classes menos favorecidas e atuam, igualmente, em regiões menos favorecidas do município em questão, denotando uma prevalência masculina em regiões mais exitosas, cujas classes sociais são mais privilegiadas. Na mesma análise, o papel “cuidador” sempre atribuído à mulher aparece como qualidade e diferencial na sua atuação pastoral, fundamentando a divisão sexual do trabalho através da atribuição de seus papéis: “Em questões de emergência relacionadas aos moradores das

adjacências de suas igrejas, é comum que elas sejam solicitadas para prestar auxílio, independentemente da religião de quem peça a ajuda” (JUNIOR, 2013, p. 25). O debate de gênero ocorreu com a contribuição de Wanda Deifelt (2001, 2003), Elisabeth Fiorenza (1992), Maria Carmelita de Freitas (2002), entre outras/os, numa perspectiva religiosa, e Linda Nicholson (2000) e Guacira Louro (1999) em uma perspectiva mais teórico-feminista.

Ademais, as relações de força aparecem na pesquisa mesmo quando o protagonismo feminino é acentuado. Apesar de hoje haver mulheres no comando e mulheres abrindo igrejas, a pesquisa de Júnior (2013) mostra que o poder a elas conferido ainda é dado por um homem: Deus. Isto se repete durante todo o texto. A submissão da mulher nesse caso, sai dos homens (encarnados) e passa para as “mãos” de Deus, que faz uso dos corpos femininos em nome de sua santidade para dar-lhes ordens e direcionamentos. Quando o homem encarnado não domina, há um outro que o faz, Deus, em sua inquestionável santidade, geralmente idealizada e apresentada na figura de um homem, branco, apodera-se dos corpos, influencia decisões e domina as mulheres.

A questão da informalidade ou trabalho autônomo não é mencionada na dissertação.

- **ET1** – O avesso do bordado no contar de si das “Pretas” da Matinha (*Janine Fontes de Souza*, Salvador, 2013).

A autora analisa as narrativas das pretas da Matinha observando as questões de gênero e das relações de poder que circunscrevem a dinâmica sócio-cultural-política das mulheres, destacando a falta de apoio de parceiros e familiares ao desenvolvimento de suas vidas, mas também a assunção e a resistência dessas mulheres que, contra tudo e contra todos, vão tecendo suas vidas e construindo seus saberes.

Destaca uma espécie de aprendizado a partir de um auto-aprendizado, com ênfase nas Histórias de Vida (PINEAU e LE GRAND, 2012; JOSSO, 2004; DOMINICÉ, 2008; PINEAU, 2006). Neste quesito, destaque para os saberes políticos, saberes coletivos e os saberes da convivência, título atribuídos por mim pois a autora não abre uma discussão específica sobre a constituição dos saberes em si, nem os nomeia, sendo possível identificá-los e nomeá-los a partir de sua narrativa e menção aos processos de aprendizados pelos quais constituiu-se.

Gênero e raça ficaram por conta de Michele Perrot (2007), Delcele Queiroz (2004), Del Priore (2012), além de alguns outros trabalhos que discutem as questões de raça na localidade pesquisada.

Por fim, embora a tese não aprofunde a discussão da construção dos saberes e não o defina semanticamente de forma que consigamos extrair conceitos-chave para este estado da

arte, é notório que os saberes das mulheres da Matinha são suscitados a todo instante no texto, ainda que este não seja o foco da autora.

- **ET2** – Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em saquinho (Áurea da Silva Pereira, Salvador 2014).

Pesquisando sobre as mulheres idosas da zona rural de Saquinho-BA, Áurea Pereira investiga a vida destas mulheres tomando como mote a questão do letramento.

Sobre o saber-fazer Áurea Pereira (2014) não faz uma discussão específica, mas analisa que as mulheres ressaltaram em suas narrativas o saber escolar como ideal de vida, reforçando o mito de que só sabe quem frequenta a escola: “na escola, elas esperam adquirir o letramento capaz de lhes permitir ler, conhecer e adentrar em outros espaços, em outros mundos” (PEREIRA, 2014, p.92), muitas vezes nem se dando conta de quanto sua própria existência desdobra-se em saberes imensuráveis.

O saber da ancestralidade, mesmo que sem esse nome, aparece como imperativo no contexto estudado, sobretudo no que tange às mulheres idosas que, segundo a autora: “são responsáveis pelos ensinamentos, pela tradição oral, pelos remédios caseiros, rezas e alimentação da família” (PEREIRA, 2014, p.66).

As questões de gênero são discutidas na perspectiva teórica de Simone de Beauvoir (1967, 1990), Guacira Lopes (1995), Michelle Perrot (2007), Alda Brito da Mota (2012), Benedita Celeste Pinto (1997), voltando-se para a abordagem. Os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres estão sempre presentes nas análises e relatos, (re) contando histórias cheias de opressões, silenciamentos e resistências. Há a assunção de mulheres a lideranças religiosas, como é o caso de D. Celestina, mas que também acumulam cargos na lavoura, em casa, etc. A criação dos filhos aparece, majoritariamente, como tarefa feminina. A visão de recorrer ao “casamento” como forma de livrar-se dos sofrimentos vividos, salvação pelo homem, também é presença constante nas narrativas da tese em questão.

Áurea Pereira destaca um importante ponto em sua análise sobre o mito da fragilidade feminina. A autora destaca que apesar de, conscientemente, as idosas de Saquinho acharem e respeitarem os homens como protetores e mais fortes, no cotidiano, demonstram possuir força igual ou superior aos mesmos.

Quanto à questão do trabalho, limita-se a categorizar as mulheres como trabalhadoras da lavoura, não realizando uma reflexão social acerca dessas categorias. Sendo assim, não há discussão sobre o saber fazer no trabalho, informalidade e/ou trabalho por conta própria.

Direcionou seu debate para a múltipla jornada feminina que, além do trabalho na lavoura, dividem-se em muitas para dar conta das tarefas domésticas e criação dos filhos.

A seguir, considerações gerais sobre as análises dos sete trabalhos selecionados, tomando como mote de análise os 3 eixos centrais: saber-fazer, gênero e informalidade/trabalho. Nessa análise caberá ainda considerações acerca dos referenciais bibliográficos catalogados nesse estudo, bem como explanações sobre temáticas que não compõem os eixos designados para análise, mas entrelaçam-se a eles compondo a relação de constituição de saberes e subjetividades de mulheres e das relações de gênero, entre outras.

2.2 Os (Des) encontros das/nas produções científicas sobre o saber-fazer de mulheres negras: uma análise horizontal dos achados sobre saber-fazer, gênero e trabalho

Pesquisar o “saber-fazer”, inicialmente, trouxe à tona a questão de que este, geralmente, é considerado apenas como saber da prática, contudo, pouco grafado desta forma, “saber-fazer”. Há muitos trabalhos que falam sobre saberes ou sobre fazeres e até mesmo de experiências, aprendizagem, mas poucos referem-se ao saber-fazer como sendo complementares, significativos e constituintes do conhecimento humano em todas as suas esferas, sobretudo, a do letramento. Nessa perspectiva, as abordagens do letramento vinculam-se às práticas sociais, expressões culturais e à forma de ser-saber-fazer cotidiana, o que chamarei aqui *modus operandi* de vida (que, no meu entendimento, envolve o modo de ser na vida e no trabalho).

Desta sorte, o uso semântico negado à expressão saber-fazer foi o primeiro desafio da pesquisa, pois o descritor “saber-fazer” apresentou-se como um conceito pouco utilizado e pouco escrito desta maneira. Não obstante, optamos por permanecer com este descritor objetivando valorizá-lo nesta forma de escrita e atribuir-lhe e interpretá-lo com significados multirreferenciais.

Vale alertar que mediante esse contexto é possível que haja lacunas no delineamento do estado da arte desta pesquisa, caso seja feito um levantamento similar utilizando-se de outras expressões descritoras como: “letramento”, “saber da experiência” e/ou outras expressões correlatas, uma vez que boa parte dos trabalhos relacionados à construção do conhecimento (saber-fazer) usam terminologias distintas. Todavia, esta é uma oportunidade de ressaltar a importância semântica que este termo (saber-fazer) carrega, elencando conhecimento técnico e prático, subjetividades, trabalho e resistência, por se tratar de saberes carregados e produzidos a partir de um contexto sócio-político-cultural, que fala muito das pessoas que os produzem, e a partir delas e das marcas que a constituem.

O segundo impasse foi a relação do “saber-fazer” em relação ao descritor “mulheres/gênero”. Percebemos algumas questões desafiadoras, como dificuldade em encontrar um número relevante de trabalhos que refletissem sobre o saber-fazer de mulheres em espaços informais. Foi encontrado, quase que maciçamente, o trabalho de mulheres vinculado à formação docente, no âmbito da Educação Formal.

Ao encontrar trabalhos que versavam sobre o saber-fazer de mulheres em áreas laborais e informais, notamos que a grande maioria se referia a trabalhos historicamente e culturalmente atribuídos à mulher, por sua delicadeza e/ou fragilidade, como bordados, cuidados, ou seja, como extensão do trabalho doméstico e familiar.

Desta sorte, no quesito saber-fazer, categoria central pesquisada no entrelace a gênero e trabalho, conforme já mencionado e como veremos nas análises individuais dos trabalhos selecionados, poucas pesquisas consideram o saber-fazer de maneira integrada. Talvez pela necessidade que ainda temos de organizar e categorizar nossos estudos, deixá-los “padronizados”, academicamente autorizados, o saber-fazer vem sempre discutido no campo das aprendizagens (formais e não formais) e habilidades (fazer do trabalho).

Na análise das referências utilizadas pelos trabalhos selecionados, no que tange o Saber-fazer, as abordagens na perspectiva das aprendizagens partiram de Maria da Gloria Ghon (2010; 2011) com quatro inferências, mediante as discussões sobre educação formal e não formal; Diegues (1999; 2001) com saberes tradicionais e não tradicionais; Jorge Larrosa, referência que contribui bastante para minha reflexão sobre o saber-fazer das marcas, traz a apreensão do conceito saber-fazer em uma perspectiva mais filosófica e holística que contempla as experiências dos indivíduos ao passo que a define como: “experiência seria aquilo que nos passa. Não o que passa, senão o que nos passa” (LARROSA, 2011, p.12). Nas demais explanações o conceito é citado de forma rápida e geral, conforme matriz de síntese que norteia esse estudo, sem necessariamente embasá-los em autores que o definem ou tentam fazê-lo, nem mesmo como uma categoria de análise.

Apenas nos estudos de Adriana Araújo (2013) e Áurea Pereira (2014), o saber-fazer, o qual proponho na minha dissertação, aparece grafado desta maneira, mas seu uso não é problematizado, nem explorado. Apesar dos trabalhos tratarem o saber-fazer na perspectiva histórica-cultural, denotam a dificuldade que as/os próprias/os sujeitas/os destes têm em considerá-lo um saber significativo, devido ao preconceito científico que sempre pairou sobre qualquer tipo de saber que não fosse acadêmico validando somente, ou majoritariamente, o saber científico passível de comprovação empírica, fato que faz com que sempre busquemos a institucionalização deste, seja por meio da escolarização ou assessoria de órgãos de fomento

como o SEBRAE, por exemplo. Nesse sentido, o saber-fazer espontâneo, da prática e/ou das marcas, equilibra-se em uma corda bamba para provar que existem outras formas de saberes e (r) existências.

No mais, as análises trouxeram o termo saber fazer grafado e contextualizado de diversas formas, em alguns nem mesmo foi citado nos deixando concluir que a abordagem era feita mencionando o processo de aprendizagem de forma geral.

A minha proposta quanto ao saber-fazer nesta dissertação, versa em relação à (re) existência. Eu falo aqui de uma prática e das marcas que interseccionam os sujeitos. Não me refiro à aprendizagem apenas intelectual e/ou para prática, mas aos processos de vida que produzem aprendizagens de (r) existências e vidas resistentes.

Sobre a questão do mercado e/ou da informalidade, na análise das referências compiladas, podemos inferir estas não se apresentaram como categoria de análise, nem chamou atenção das/os pesquisadoras/es que poderiam explorar esse viés diante dos vários elementos e possibilidades de relações que ele permite, como escravidão, estrutura social, economia, gênero e modus de vidas outros que podem permitir o deslocamento das relações de gênero e da divisão sexual do trabalho.

Na perspectiva de gênero, embasaram os estudos Barbieri, T(1993) e Joan Scott (95/97), com 2 menções, colocando gênero enquanto categoria de análise; Wanda Deifelt (2001;2003) e C. Mafra (1996;2001), 2 citações cada, discutindo gênero e religião na perspectiva feminista em instituições religiosas; Linda Nicholson (2000) com concepção de gênero, mencionada duas vezes; Guacira Lopes Louro (1997;1999) com 2 citações e referências na discussão de gênero e sexualidades na escola; as discussões sobre mulheres de cor ficaram por conta de Sueli Carneiro (1985; 2003) e Lélia Gonzalez (1980; 1981; 1988), denotando uma atenção à descentralização da hegemonia científica dividida entre Sul e Sudeste, mas deixando de fora autoras como Angela Davis, Patricia Hill, entre outras.

Trago aqui as reflexões sobre as relações de gênero junto às inferências sobre a informalidade e/ou mercado de trabalho por entender que estas estão inseparáveis nos textos analisados. As poucas menções feitas sobre a informalidade e mercado de trabalho dão-se interligadas às relações de gênero na divisão sexual do trabalho.

Na análise detalhada dos trabalhos, observei que Adriana Araújo (2013) versa sobre a atividade do bordado como inicialmente informal, porém destaca que hoje há a inserção de órgãos como SEBRAE que “formalizam”, ou tentam formalizar, esta prática a partir da perspectiva competitiva e lucrativa de mercado. Sobre a informalidade, a autora (ARAÚJO, 2013, p.41) analisa apenas que “o que justificaria a crescente expansão do setor informal e a

variedade de atividades que estão ligadas a prestações de serviços seria a carência quanto à demanda de empregos no município”. Ou seja, a informalidade é citada na tese, contudo, não há quaisquer reflexões sobre o contexto da informalidade enquanto estrutura social, seus impactos e influências nas questões de gênero, raça e classe, nem mesmo uma análise quanto ao sistema capitalista que insiste em formalizar e formatar a prática e os saberes advindos dela. Em AD2 (Giselma Rocha, 2014), a informalidade é apenas mencionada para categorizar a venda de porcos e algumas outras atividades, sem também ser problematizada e/ou historicizada, apenas vincula-se à construção de gênero, situando as mulheres no âmbito das múltiplas faces de ser mulher (negra), evidenciando a sobrecarga sobre a mulher devido aos papéis sociais impostos a ela:

A construção do gênero como mulher constituiu uma multiplicidade de atributos, alguns desses elencados da seguinte maneira: ser negra, morena, quilombola, não ser quilombola, casada, solteira, ter filhos, ser trabalhadora no mercado formal, trabalhadora no mercado informal, dona de casa, estudante, parteira. (AD2. ROCHA, 2014, p.61).

No trabalho de Áurea Pereira (2014), a informalidade também é apenas mencionada, aparece na descrição narrativa de D. Felicidade que “possui um pequeno comércio” (AUREA PEREIRA, 2014, p.72).

No que tange à divisão sexual do trabalho encontramos nas pesquisas selecionadas a clara atribuição à mulher de papéis ditos femininos, o que confirma que este é um espaço machista e patriarcal e que generifica os sujeitos. Nesse sentido, trabalhos como o de Áurea Pereira (2014 – Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho) sinalizam a questão do papel dos agentes socializadores na definição desses papéis ditos femininos, sinalizando a família como primeiro agente no que diz respeito à atribuição dos papéis sociais masculinos e femininos. Concordo com Berger (1994), quando diz que é a linguagem a primeira instituição social que apodera-se dos sujeitos, generificando-os também, pois

Sejam quais forem às outras características do Estado, da economia e do sistema educacional, os mesmos dependem dum arcabouço linguístico de classificações, conceitos e imperativos dirigidos à conduta individual; em outras palavras, dependem dum universo de significados construídos através da linguagem e que só por meio dela podem permanecer atuantes. (BERGER E BERGER, 1994, p.1)

Nos trabalhos de Adriana Araújo (2013), Giselma Rocha (2014), Hugo Caetano (2013), há uma prevalência da atribuição e tarefas “ditas femininas” às mulheres como lavar, passar, costurar, mariscar... entretanto, há outras, ditas masculinas, como a lavoura, a pesca, o

pastorado, pesquisado por José Júnior (2013), que vem sendo exercida por mulheres, ainda que a contragosto de muitos, e acabam desmentindo esse ideal de delicadeza feminina que é usado para justificar a desigualdade e opressão do patriarcado no campo da vida pública e privada, conforme estudiosas como Heleieth Saffiot, Ângela Davis, Mary Del Priori, Flávia Birolli refletem em seus escritos. Em José Júnior (2013) por exemplo, mesmo protagonizando uma profissão dita masculina, a mulher pastora está sempre atrelada ao ideal de delicadeza e cuidado, sendo requisitada e referenciada segundo essas características, sinalizando as contravenções das conquistas que ora avançam, mas ora perpetuam e/ou fortalecem estereótipos de gênero.

Desse modo, os trabalhos aqui analisados contribuem com essa discussão ao ressaltar a característica multifuncional da mulher, nos levando a refletir que o homem até pode trabalhar em diversos espaços a fim de angariar recursos financeiros, contudo, a eles não se atribui a função de pai, dono de casa e os afazeres domésticos, além de ganharem mais em relação à mulher. Seja na política, no trabalho, na ciência ou na semântica, ainda há atribuições de (não) lugares para mulheres e homens, de forma hierarquicamente distribuídas e masculinamente privilegiadas.

Em segunda análise, para além dos eixos de análise propostos, outras problemáticas chamaram atenção e contribuíram para a escrita e referenciação dessa dissertação. O primeiro assunto que me chamou atenção foi, ainda sobre a mulher, a questão do lar (a casa), que surge como espaço de opressão e ao mesmo tempo de libertação. Para AD1, Adrianna Araújo (2013, p.120), por exemplo, “a bordadeira tem sua casa como ambiente de trabalho, pois é nesse espaço que ela, além de bordar, executa as tarefas domésticas. AD2, Giselda Rocha (2013, p.120), diz “a vida doméstica é o espaço onde as ‘mulheres valentes’ negociam relação e marcam posições”. Já em ED2, para minha surpresa, Hugo Caetano (2013, p.62) coloca a casa como projeto de vida das marisqueiras, mas não como o ideal social propõe, pois “Dificilmente assumem o lugar social da mulher condicionada aos trabalhos domésticos, mesmo porque a dinâmica da vida cotidiana não permite”. Já em ED3, (JUNIOR, 2013, p.148), “O espaço da casa é o lugar da submissão da esposa ao marido”, o que o aprendizado do pastorado tem ajudado a desconstruir. A casa na pesquisa de ÁUREA PEREIRA (2014, p.27) é representada “como espaços privados com fortes significados de pertencimento, indicadores de identidades culturais, além das aprendizagens experienciadas no cotidiano rural.

Outro fato importante foi encontrar a maioria das pesquisas feitas por pesquisadoras mulheres, o que sublinha a importância deste lugar no espaço acadêmico, como “lugar de fala” dessas mulheres pesquisadoras, uma vez que o protagonismo feminino, ainda mais quando

falamos em espaços de saberes e na produção destes, é algo que nos foi (e ainda é) negado. Esse processo de negação de saber ao povo negro, batizado por Sueli Carneiro de epistemicídio,

É fenômeno que ocorre pelo rebaixamento da auto-estima que o racismo e a discriminação provocam no cotidiano escolar; pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar. (SUELI CARNEIRO, 2014, online)

Assim, ao agravante racial somemos a questão de gênero que, por si, já exclui e invisibiliza as mulheres, sobretudo as negras. Ter encontrado a maioria das pesquisas selecionadas para esse estudo produzida por mulheres nos coloca, ainda que aos poucos, em lugares que insistem em nos negar e nos proibir a entrada, como a academia.

Em se tratando da análise geral das referências, tecerei abaixo mais algumas considerações.

Nas discussões e/ou menções sociológicas sobre poder, economia, e dominação, destaque para Pierre Bourdier com 8 referências e Michel Foucault com 5. Sobre a questão da educação como forma de libertar-se, sobre Paulo Freire aparecem 5 menções. As discussões sobre Cultura apoiaram-se, majoritariamente, em Clifford Geertz (73/1978/89/91/93/97), além de se fazer notar também Stuart Hall (2006/2011) e Gilberto Velho (81/87, 2004), com 3 menções cada um.

Quanto à Geopolítica do Conhecimento, representada no gráfico 03, da página 91, cabe destacar a ascensão que o Nordeste tem no cenário das produções e/ou publicações acadêmicas. Percebemos que a região tem produzido muitas dissertações e teses sobre gênero, sexualidade e letramentos, entretanto as obras citadas nas mesmas são majoritariamente das outras regiões do país, principalmente, Sudeste. Dito isso, a liderança da região Sudeste na produção/circulação/produção do conhecimento, ainda denota que apesar do avanço de outras regiões na produção acadêmica, como o Nordeste, estas ainda ficam muito aquém do quantitativo expressivo da outra.

Sobre esse ponto cabe ainda salientar que no momento em que essa análise foi feita uma inquietação surgiu e merece ser (re) pensada a títulos de futuros Estados da Arte: a análise das referências, em grande parte, é realizada a partir da região de sua publicação, a qual consta das bibliografias citadas, o que não quer dizer que estejamos falando da nacionalidade e/ou naturalidade das/os autoras/es, produtoras/es, em questão. Assim sendo, a análise das referências nos fala mais sobre as regiões de impressão, publicação e/ou circulação destas obras,

do que da geopolítica da produção do conhecimento em si e de quem o produz. Em alguns casos coincide de falarmos tanto da nacionalidade/naturalidade das/os autoras/es quanto da região de publicação.

Por fim, devo admitir que me surpreendeu o encontro de dois homens a fazer pesquisa em uma perspectiva feminista, Hugo Caetano e José Nunes Júnior, sobretudo por este último ser um teólogo, que ainda realizou uma crítica ao uso da bíblia e da religião de forma geral, apresentando-a como instrumento ideológico a favor das opressões e segregações sociais, como em passagens como esta: “É notório perceber o uso da Bíblia, como instrumento ideológico, para enfatizar que a mulher é o sexo mais frágil” (JOSÉ JUNIOR, 2013, p.50. ED3).

Na próxima seção, investiremos em uma análise geral sobre de onde partem as produções, as metodologias utilizadas e outras informações extraídas das obras selecionadas a partir do estado da Arte.

2.3 Considerações sobre a geopolítica do conhecimento, metodologias entre outras coisas.

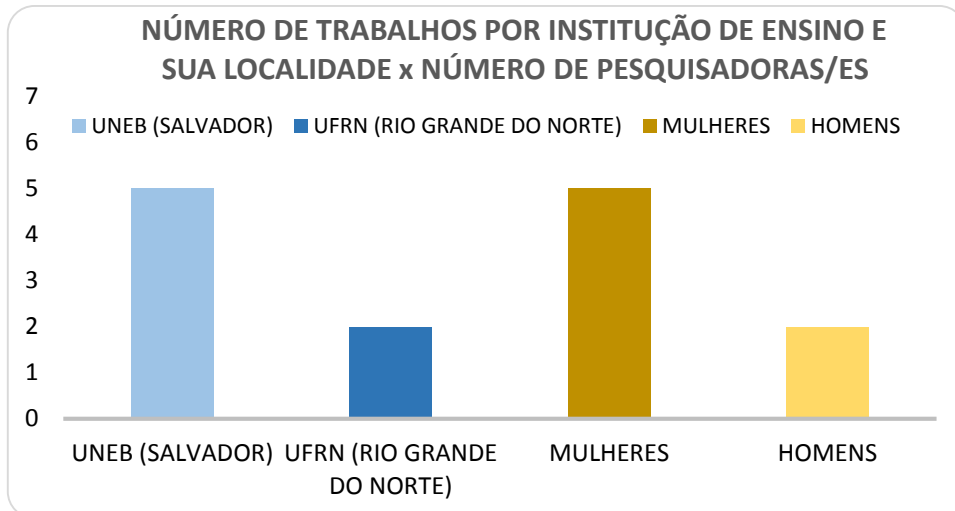
Ao que nos interessa no momento, algumas considerações merecem ser discutidas e/ou expostas a seguir, como forma de preparar a/o leitora/or para a compreensão do percurso realizado e dos dados encontrados, bem como para destacar pontos importantes que foram percebidos no decorrer do processo proposto de elaboração do Estado da Arte sobre o saber-fazer e as relações de gênero no mercado de trabalho por conta própria.

Em relação ao processo de seleção e catalogação dos trabalhos analisados, importa dizer que o caminho apresentou algumas adversidades que se desvelaram como dados e resultados. Por essa razão, faz-se imprescindível uma reflexão acerca destas como forma de pensar outras possibilidades de fazer Estado da Arte e/ou, até mesmo de justificar o que escolhemos ao longo desta pesquisa.

As análises a seguir partem do quadro-catálogo acima representado. Para as reflexões seguintes, os códigos atribuídos à identificação dos trabalhos não terão utilidade, sendo elucidativos apenas enquanto escolha metodológica.

Em uma análise geral, o quadro 5 nos permite inferir sobre alguns dados gerais, quais sejam: os trabalhos selecionados foram publicados nos anos de 2013 e 2014, sendo que todos eles na região Nordeste, em Universidades situadas em Salvador -BA e Rio Grande do Norte-RN, além disso podemos ver representado também a prevalência de pesquisadoras mulheres nesses espaços, conforme gráfico abaixo:

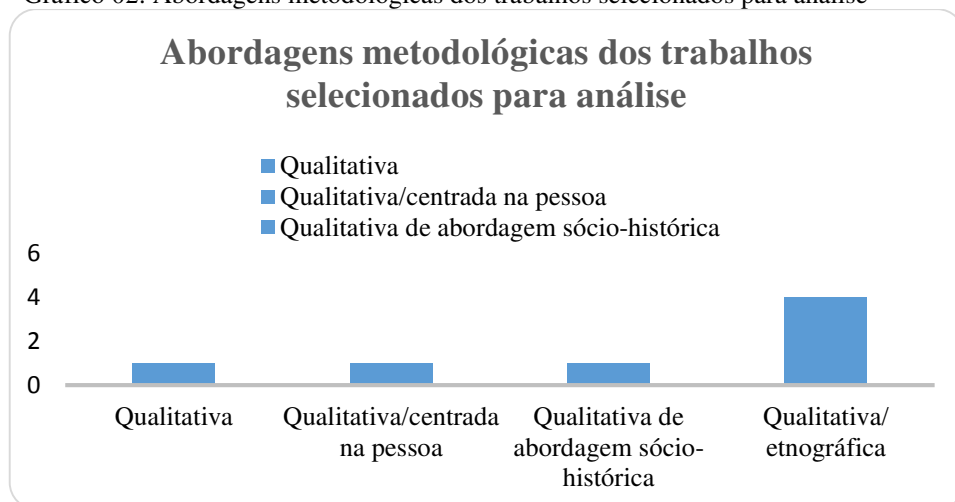
Gráfico 01: Número de trabalhos por Instituição de Ensino e sua Localidade x Número de pesquisadoras/es



Fonte: Elaborado pela autora

Sobre as metodologias adotadas para realização de cada pesquisa, o gráfico abaixo as representa:

Gráfico 02: Abordagens metodológicas dos trabalhos selecionados para análise



Fonte: Elaborado pela autora

Nesse quesito, para valorizar e embasar a escolha pelas pesquisas qualitativas e suas respectivas abordagens metodológicas, os referenciais mais destacados foram: Agrossino (2009), Buffon (1992), Malinowski (1984), Minayo (1994), Oliveira (2000, 2006), Bardin (1979), Bauer (2011), Binet (2010), Bogdan (1994), Corsetti (2006), Coulon (1995), Garfinkel (1984), Gaskell (2011), Gatti (2002, 2008), Loizos (2011), Ludcke (1986) Minayo (2004), Myers (2011), Pimentel (2001).

Feita a análise geral dos trabalhos selecionados, seguimos para a exploração das referências bibliográficas utilizadas na escrita dos trabalhos. Esta etapa apesar de parecer uma simples catalogação exige tempo, atenção e organização, a fim de computar os dados, expô-los,

atentando às nuances envolvidas nas escolhas destas, como por exemplo: reflexões críticas sobre os autores mais citados para justificar as metodologias selecionadas, conceitos apreendidos, reflexões pertinentes que entrelaçam-se com minha proposta de pesquisa, atenção à Geopolítica do Conhecimento e outros detalhes que compõem a cena das pesquisas que envolvem minha temática e outros temas transversais.

A tabela abaixo foi construída com o objetivo de facilitar a exploração dos dados e é composta pelas referências utilizadas nos sete trabalhos analisados, de ambas as áreas (Antropologia e Educação), que se repetem duas ou mais vezes no Referencial Teórico (final) destes, demonstrando a relevância atribuída à cada autora/or e tema para/nas pesquisas realizadas.

Quanto à sua apresentação e organização o quadro está agrupado por autoras/es e suas obras, cuja coluna que trata dos assuntos abordados por obra organiza-se por eixos temáticos e demonstram grande relevância para temas como cultura, gênero, religião, etnia.

Quadro 8 – Análise do Referencial Teórico das pesquisas utilizadas para o Estado da Arte.

ASSUNTO	AUTOR	OBRAS
CULTURA	APPADURAI, Arjun.	Disjunção e Diferença na Economia Cultural Global Em: Featherstone, M. (Org.). Cultura Global. Nacionalismo, Globalização e Modernidade. RJ: Vozes, 1999.
	APPADURAI, A. (org.)	A vida social das coisas. As mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 53-69.
	GEERTZ, Clifford.	A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
	GEERTZ, Clifford.	O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
	BARTH, Thomas Fredrik Weybye.	O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Contracapa Editora, 2000.
	COMAROFF, JEAN.	Healing and the Cultural Order: the case of the Barolong boo Ratshidi, in: American Ethnologist, 7(4): 637-57, 1980.
	HALL, Stuart.	A questão multicultural. Em: Da diáspora. Identidades e Mediações Culturais. BH: Humanitas, 2011.
	HALL, Stuart.	A identidade Cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, 11 rd. Rio de Janeiro, DP & A, 2006.
	HALL, Stuart.	Que negro é esse na cultura negra? Em: Da Diáspora. Identidades e Mediações Culturais. BH: Editora UFMG, 2011.
	VELHO, Gilberto.	Individualismo e cultura. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1987.
CANANI, Aline. S. K. B.	Como se constrói um artesão: negociações de significado e uma “cara nova” para as “coisas da vovó”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 18, n. 38, p. 133-158, jul./dez., 2012.	

	CANANI, Aline. S. K. B.	De bonecas, flores e bordados: investigações antropológicas no campo do artesanato em Brasília. 2008. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
	DIEGUES, A. C.	Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar. São Paulo, SP: Ática, 1983.
	DIEGUES, A. C..	A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil. Etnográfica, vol. III, pp. 361-975, 1999.
	LEVI-STRAUSS, C.	Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.
	LEVI-STRAUSS, C.	L'homme nu. Mythologiques, Paris: Plon, 1971.
	OLIVEIRA, Roberto Cardoso de.	O trabalho do antropólogo. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo : Ed. UNESP, 2000.
	VELHO, Gilberto.	“Observando o familiar”. Individualismo e cultura. Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 7. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
	LEVI-STRAUSS, C.	“A Eficácia Simbólica”, in: Antropologia Estrutural. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1967.
GÊNERO/COR/FEMINISMO/SEXUALIDADE	BARBIERI, T.	Sobre a categoria gênero: Uma introdução teórico-metodológica. Recife: SOS CORPO, 1993.
	GONZALEZ, Lélia.	Mulher negra, essa quilombola. Folha de São Paulo. São Paulo, 22 de novembro de 1981. Folhetim.
	GONZALEZ, Lélia.	Por Um Feminismo Afrolatinoamericano Isis Internacional & MUDAR – Mujeres por un Desarrollo Alternativo. Mujeres. crisis y movimiento. América Latina y el Caribe. Ediciones de las Mujeres, Núm. 9, 1988, p.160.
	GONZALEZ, Lélia.	Racismo e Sexismo na cultura brasileira. Ciências Sociais Hoje. ANPOCS, Brasília, (1983) p. 223-244.
	GONZALEZ, Lélia.	Racismo e Sexismo na Sociedade Brasileira. Apresentado na Reunião do grupo de Trabalho Temas e Problemas da População Negra no Brasil. V Encontro Anual da Associação de Pós Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, Rio de Janeiro, 29 a 31 de outubro de 1980.
	LEON, Magdalena (Org.).	El em poderamiento de las mujeres: Encuentro Del primer y tercer mundos em los estúdios de genero. La Ventana, n. 13, 2001, p. 94-106.
	LEON, Magdalena (Org.).	Poder y empoderamiento de las mujeres. Bogotá, Colômbia: MT Editores, 1998.
	LOURO, G. L.	Gênero, Sexualidade e Educação: Uma Perspectiva Pós-estruturalista. 3ªed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
	MANESCHY, Maria Crisina.	Da casa ao mar: papéis das mulheres na construção da pesca responsável. Proposta, nº 84/85, mar-agost., pp. 82-91, 2000.
	MANESCHY, Maria Crisina; ÁLVARES, Maria Luíza Miranda.	Mulheres na pesca: trabalhos e lutas por reconhecimento em diferentes contextos. Revista Coletiva, nº 1, jul/ago. 2010. Disponível em: http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&id=12:mulheresna-pesca-trabalho-e-lutas-por-reconhecimento-em-diferentes-contextos . Acesso em: 02/04/2012, às 13:33h.

MOREIRA, Núbia Regina	A organização das feministas negras no Brasil. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2011.
NICHOLSON, Linda.	Interpretando o gênero. Revista estudos feministas. v. 08, n. 02, p. 9-41, 2000.
OLIVEIRA, Adriana Lucinda.	A trajetória de empoderamento de mulheres Trabalhadoras em empreendimentos de economia solidária. Dissertação Mestrado em Serviço Social. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.
ORTER, Sherry B.	Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura? In: MICHELLE, Zimbalist Rosaldo; LAMPHERE, Louise. A mulher, a cultura, a sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
ORTER, Sherry B.	Poder e projetos: Reflexões sobre a Agência. Grossi, Miriam Pillar et alii (Orgs.). Conferências e Diálogos: Saberes e Práticas Antropológicas. Blumenau, Nova Letra, 2007.
PESSOA DE CASTRO, Yeda.	Também Mulher Imagem de Deus. In QUINTAS, Fátima. Mulher. Mulher Negra: preconceito, sexualidade e imaginário. INPSO, Instituto de Pesquisas Sociais, FUNDAJ, Fundação Joaquim Nabuco, Recife, Pernambuco, Brasil, 1999.
SAFFIOTI, H.	Influências do pós-modernismo nas teorias feministas. ALAS, 1997 (mimeo).
SAFFIOTI, H.	Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. Cadernos Pagu, n. 16. ano 7, p. 115-136, 2001. Disponível em: < www.sciello.br/pdf/spa/n16/a7.pdf >. Acesso em 18 de nov. de 2012.
SCOTT, Joan W.	Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: Revista Educação e Realidade. Vol. 20 (2), 1995.
ZUWICK, A.M..	Emancipação feminina: obstáculos e perspectivas para sua construção. In: STREY, M.N., et al. Construções e perspectivas em gênero. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2000.
WOORTMAN N, Klaas.	A comida, a família e a construção do gênero feminino. Serie antropologia, nº 50, Brasília-DF. 1985
WOORTMAN , Ellen F.	Da complementariedade à dependência: a mulher e o ambiente em comunidades “pesqueiras” do Nordeste. Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Antropologia. Brasília, DF, 1991.
EVARISTO, Conceição	. Conceição Evaristo: Literatura e Consciência Negra. Entrevista concedida a Bárbara Araújo (Blogueiras Feministas) em 30 de set. de 2010. Disponível em: < http://www.abpn.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1401:conceicao-evaristo-literatura-e-consciencia-negra&catid=1:noticias&Itemid=24&lang=fr >. Acesso: 15 de jul. de 2013.
EVARISTO, Conceição.	Meu Rosário. In: CADERNOS NEGROS 15: poesia. São Paulo: Quilombhoje, 1992.
CARNEIRO, Sueli; SANTOS, Tereza; COSTA, Albertina.	Mulher Negra- Política Governamental e a mulher. São Paulo: Nobel Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
CARNEIRO, Sueli.	A mulher negra na sociedade brasileira – o papel do movimento feminista na luta antirracista. Mimeo. s/d.

	CARNEIRO, Sueli.	Mulheres em Movimento. Estudos Avançados. v. 17, n. 49. São Paulo set/dez.2003. Disponível em < http://www.scielo.php?pid=S0103-40142003000300008&script=sci_arttext >. Acesso em 05 de abr. de 2012.
PODER	FOUCAULT, Michel.	El sujeto y El poder. Revista Mexicana de Sociología, 2(3): jul.- sept, 1988, 3-20.
	FOUCAULT, M.	Microfísica do Poder. São Paulo-SP, Ed. Graal, 1979.
	FOUCAULT, Michel.	Vigiar e Punir. São Paulo: Zahar, 1979.
	BOURDIEU, Pierre.	O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
	BOURDIEU, Pierre.	A economia das trocas simbólicas. (Introdução, organização e seleção de Sérgio Miceli). São Paulo: Perspectiva, 1979.
	BOURDIEU, Pierre.	A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.
	BOURDIEU, Pierre.	A dominação masculina. in Educação & Realidade. Porto Alegre, v.20, n.2, jul/dez, 1995.
	BOURDIEU, Pierre.	Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
	BOURDIEU, Pierre.	Esboço de uma Teoria da Prática – precedido de três estudos sobre etnologia Cabila. Oeiras: Celta, 2002.
	MACHADO, Roberto.	Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro, Ed. Graal, 1979.
RELIGIÃO	DURKHEIM, Émile.	As formas elementares da vida religiosa. Tradução Joaquim Pereira Neto. 3ª edições. São Paulo: Paulus, 2008.
	DURKHEIM, Emille.	As formas elementares da vida religiosa, o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Paulus, 2008.
	GONÇALVE S, Vagner.	Trances em trânsito: Continuidades e rupturas entre neopentecostais e religiões afro-brasileiras. In TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata. As religiões no Brasil: continuidades e rupturas. 2º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
	GONÇALVE S, Vagner.	Os ataques Neopentecostais às religiões Afro-brasileiras e aos símbolos da Herança Africana no Brasil. In GONÇALVES, Wagner (org). Intolerância Religiosa: Impactos do Neopentecostalismo no campo religioso Afro-brasileiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.
	MACHADO, Maria das D.C.	Representações e relações de gênero em grupos pentecostais, Revista Estudos Feministas, Santa Catarina, v. 13, n. 2, p. 387-396, 2005.
	MACHADO, Maria das D.C; MARIZ, Cecília.	Mulheres e práticas religiosas nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos, RBCS, vol. 12, nº 3, Junho, 1997.
	MAFRA. C.	Gênero e Estilo Eclesial Entre os Evangélicos, In: Fernandes, R.C., et AL (Org.). Novo Nascimento: Os Evangélicos em Casa, na Igreja, e na Política. Rio de Janeiro: Mauad, 1996.
	MAFRA. C.	Os Evangélicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

MARIANO, Ricardo.	Expansão pentecostal no Brasil: O caso da Igreja Universal, Estudos Avançados, São Paulo, v. 52, p. 121-138, 2004.
MARIANO, Ricardo.	Neopentecostais: Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
MARIZ, C. & MACHADO, M. D.	Pentecostalismo e a Redefinição do Feminino. Religião e Sociedade 17/1-2, RJ, ISER (agosto, 1996).
MARIZ, Cecília Loreto.	Protestantismo e a luta contra a pobreza no Brasil. In: GUTIERRES, Benjamim. Na força do Espírito Santo. Os pentecostais na América Latina. São Paulo: Aipril, 1996.
MARIZ, C.	Alcoolismo, gênero e pentecostalismo. Religião e Sociedade, 1994.
NOVAES, R. R.	Os Escolhidos de Deus: Pentecostais, Trabalhadores e Cidadania. Caderno do ISER, nº 19. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.
NOVAES, R. R.	Pentecostalismo, política, mídia e favela. In: VALLA, Victor Vincent. Religião e cultura popular. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
OTT, C.	A história de N. S. do Rosário de Cachoeira. Salvador: UFBA, 1978.
OTT, C.	A irmandade de Nossa senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho. Afro- Ásia, N. 6 e 7, (1968), p.119-126.
PRANDI, Reginaldo.	As Religiões e as Culturas: Dinâmicas religiosas na América Latina. Conferência Inaugural das Jornadas Sobre Alternativas Religiosas na América latina. Buenos Aires, Argentina, 25-28 set. 2007.
PRANDI, Reginaldo.	Referências sociais das Relações AfroBrasileiras: Sincretismo, Africanização. In: CAROSO, Carlos e BACELAR, Jéferson (orgs.). Faces da tradição afro-brasileira: religiosidade, sincretismo, anti-sincretismo, reafrikanização, práticas terapêuticas, etnobotânica e comida. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas/ Salvador:CEAO, 2006. p. 93-111.
QUINTÃO, Antônia Aparecida.	Irmandades negras outro espaço de luta e resistência. São Paulo: FAPESP ANNBLUME 1870-1890, 2002.
QUINTÃO, Antônia Aparecida.	Irmandades Negras: estratégias de resistência e solidariedade. Mídia Etnica Educação e Comunicação LTDA, n. 9, 2010. Disponível em: < http://midiaetnia.com.br/wp-content/uploads/2010/09/Irmandades-NegrasAntonia.pdf > Acesso: 10 de out. de 2013.
RABELO, Miriam C. M.; SANTOS, Rita Maria Brito.	Notas sobre o aprendizado no candomblé. In: Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade. v. 20, n. 35, p1-242, (jan./jun) Salvador: UNEB, 2011.
RABELO, Miriam C. M.; SANTOS, Rita Maria Brito.	Rodando no Santo e Queimando no Espírito: possessão e dinâmica de lugar no candomblé e pentecostalismo. In: Reunião Anual da Associação Brasileira e Antropologia. 2004.
REGINALDO, Lucilene.	Os Rosários dos Angolas: Irmandades Negras, experiências e identidades africanas na Bahia setecentista. Tese de Doutorado Campinas, SP: UNICAMP, 2005

REGINALDO , Lucilene.	Os Rosários dos Angolas: Irmandades de africanos e Crioulos na Bahia setecentista. São Paulo: Alameda, 2011.
REILY, D. A.	História Documental do Protestantismo no Brasil. 3ª ed. São Paulo: ASTE, 2003..
REILY, D. A.	Ministérios Femininos em Perspectiva Histórica. Cebepe e Edteo. São Bernardo do Campo, 1997.
REILY, D. A.	História documental do protestantismo no Brasil. 3ª ed. Aste São Paulo, 2003
REILY, D. A.	In O Expositor Cristão, primeira semana de outubro, 1980. Religião e Sociedade 17/1-2 (agosto, 1996) RJ, ISER.
REIS, João José.	Identidade e Diversidade Étnica nas Irmandades Negras no Tempo da Escravidão. Rio de Janeiro: R. Tempo V.2, N. 3, 1996, p.7-33.
RIBEIRO, M. F. S.	“As mulheres e a vocação”. In: RENDERS, H. (Org.). Vocação pastoral em debate: Inclusive reflexões sobre 30 anos do ministério pastoral feminino na Igreja Metodista. São Bernardo do Campo: Editeo, 2005.
RIBEIRO, M. F. S.	Rastros e rostos do protestantismo brasileiro: uma historiografia de mulheres metodistas. São Leopoldo: Oikos, 2009.
RIBEIRO, Margarida Fátima Souza.	Trajetória das mulheres metodistas: memória, presença e desafios. In. Revista Caminhandov. 16, n. 2, p. 31-40, jul./dez. 2011.
ROLIM, Francisco Cartaxo.	Igreja Pentecostal Deus é Amor. In: Sinais dos tempos: diversidade religiosa no Brasil. Cadernos do Iser, 23, 1990, p. 59-63. Rio de Janeiro.
ROLIM, Francisco Cartaxo.	Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa. Petrópolis: Vozes, 1985.
SILVA, Elizete da.	Cidadãos de outra Pátria. Anglicanos e Batistas na Bahia. Tese de Doutorado, FFLCH/USP, São Paulo, 1998.
SILVA, Elizete da. ALMEIDA, Bianca Daeb's.	Mulheres protestantes: uma história nem sempre submissa. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon Araújo. ALMEIDA, Vasni de. Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. UEFS, 2011.
SILVA, Elizete da.	Anglicanismo no Brasil: Igreja dos ingleses. In: SILVA, Elizete da. SANTOS, Lyndon Araújo. ALMEIDA, Vasni de. Fiel é a palavra: leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. UEFS, 2011.
SILVA, Elizete da.	Protestantismo e questões sociais. Sitientbus, Feira de Santana, n. 14, 1996.
SIQUEIRA, Maria de Lourdes.	Os Fundamentos Africanos da Religiosidade Brasileira in MUNANGA Kabengele (Org.) História do Negro no Brasil O Negro na Sociedade Brasileira: Resistência, participação, contribuição. Brasília. Fundação Cultural palmares-MinC, março, 2004.
SIQUEIRA, Maria de Lourdes.	Iyámi, Iyá Agbás Dinâmica da Espiritualidade Feminina em Templos Afro-baianos. Estudos Feministas. ano 3, 2º Semestre, nº 2. Florianópolis, Santa Catarina, p. 436-445, 1995.
SOUZA, Sueli Ribeiro Mota.	Cura e terapia: experiência religiosa de mulheres pentecostais. Salvador, EDUEB, 2012.

	SOUZA, Sueli Ribeiro Mota.	Educação e religião: notas sobre ensino e aprendizagens terapêuticas no SCS da IPDA. In: Revista da FAEEBA: educação e contemporaneidade. v. 20, n. 35, p1-242, (jan./jun)Salvador: UNEB, 2011.
	ZUWICK, A.M.	Apresentação. In: FERNANDES, R.C., et al, Novo Nascimento: Os evangélicos em casa, na igreja e na política. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
	DEIFELT, Wanda.	Temas e Metodologias da Teologia Feminista. In: SOTER (org.) Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas. São Paulo: Ed. Loyola, 2003.
	DEIFELT, Wanda.	Mulheres pregadoras: uma tradição da igreja. Theophilos, Canoas, v. 1, n. 2 – 2º semestre 2001.
METODOLOGIA	BOGDAN, R. BIKLENS, S.	Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Proto Editora, 1994.
	BOURDIEU, Pierre	. A ilusão biográfica. Em: FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. 8ed. Rio de Janeiro. ed.FGV,2006.
	GATTI, Bernadete Angelina.	A construção da Pesquisa em Educação no Brasil. Brasília: Plano Editora, 2002.
	GATTI, Bernadete Angelina.	A construção metodológica da pesquisa em Educação. Palestra proferida no PPGEduc (UNEB), Salvador, 2008.
	TRIVIÑOS, Augusto.	Pesquisa Qualitativa. In: Introdução á pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. p. 116-175.
ECONOMIA E SOCIEDADE	GIDDENS. A. A	Transformação da Intimidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.
	GIDDENS. A.	As Conseqüências da Modernidade. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
	ZALUAR, Alba.	A máquina e a revolta. São Paulo: Brasiliense, 1994.
	ZALUAR, Alba.	Condomínio do Diabo. Rio de Janeiro: Revan: Ed. UERJ, 1994.
	WEBER, Max.	Ensaio de sociologia. Guanabara, Rio de Janeiro: Koogan, 1982.
	WEBER, Max.	Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Trad. de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa, 4ª ed. Volume 1, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009.
	WEBER, Max.	A ética protestante e o espírito do capitalismo. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamas J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 7ª. Ed. 1992.
EDUCAÇÃO	DIEGUES, A. C. ARRUDA, Rinaldo S. V.	Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil. Brasília: Ministério do Meio Ambiente. São Paulo: USP, 2001.
	FREIRE, PAULO.	Educação e Mudança.12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.
	FREIRE, PAULO.	Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1975.
	FREIRE, Paulo e FAUNDEZ,	A. Learning To Question: A Pedagogy of Liberation. New York: Continuum, 1989.
	FREIRE, Paulo.	Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

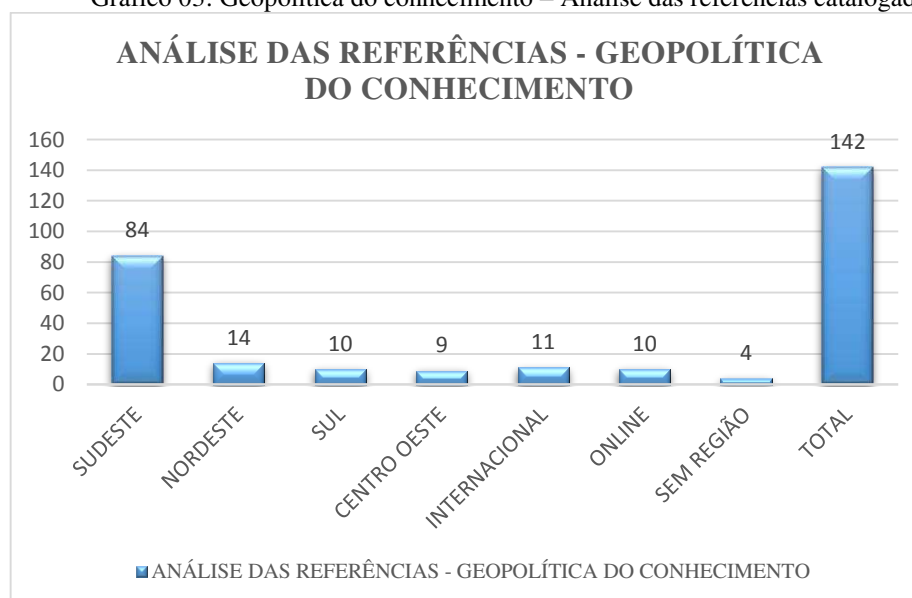
	FREIRE, Paulo. SHOR, I.	Medo e ousadia – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986.
	GOHN, Maria da Glória.	Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.
	GOHN, Maria da Glória.	Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 5. ed. – São Paulo: Cortez, 2011.
	GONH, Maria da Glória.	Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, nº 50,p. 27-38, jan./mar. 2006.
	GONH, Maria da Glória.	Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo, Cortez, 2011.
	LARROSA, J. B.	Experiência, escola e educação. Reflexão e Ação, vol. 19, Nº 2, 201.
	LARROSA, J. B.	Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Campinas, SP, pp. 20-28, 2002.
	LARROSA, J. B.	Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu. O sujeito da Educação, p. 35-86. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
ETNIA	COMAROFF, Jonh e Jean.	Ethnicity, Inc. Chicago, The University of Chicago Press, 2009.
	PESSOA DE CASTRO, Yeda. .	No canto do acalanto. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 1990. (Série Ensaio/Pesquisa, 12).
	PESSOA DE CASTRO, Yeda.	Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras; TopBooks Editora. 2001.
	REIS, João José.	Rebelião Escrava no Brasil. a história do levante dos Malês em 1835. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
	ARRUTI, José Maurício.	Quilombos. Raça: novas perspectivas antropológicas. EDUFBA, 2008
	ARRUTI, José Maurício.	Antropologia Histórica do Negro Sertanejo In. Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola. Bauru: SP. EDUSC, 2006
IDENTIDADE	GOFFMAN, Erving.	A representação do eu na vida cotidiana. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 17. ed. – Petrópolis, Vozes, 2009.
	GOFFMAN, Erving.	Estigma e Identidade Social.Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro:Zahar Editores, 1975.
OUTROS	DIEGUES, A. C..	Etnoconservação da Natureza: Enfoques alternativos. In: DIEGUES, A. C. (org). Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. HUCITEC/NUPAUB, São Paulo, p. 1-46, 2000.
	SEBRAE/ONLINE	SERVIÇO DE APÓIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO NORTE. Sebrae nos estados. Disponível em: http://sebrae.com.br . Acesso em: 22 jul. 2009.
	SEBRAE/ONLINE	SERVIÇO DE APÓIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS DO RIO GRANDE DO NORTE. Indicação Geográfica. Disponível em: http://sebrae.com.br . Acesso em: 29 ago. 2012.
	WOORTMAN N, Ellen.	Herdeiros, Parentes e Compadres. Brasília, São Paulo:HUCTES,UnB, 1995.

	WOORTMAN N, Ellen F.	O saber camponês: práticas ecológicas tradicionais e inovações. Diversidade do campesinato: expressões e categorias estratégias de reprodução social. Coleção História Social do Campesinato no Brasil. Vol.2. 2009.
	WOORTMAN N, Ellen F.	O sítio camponês. 1981
	WOORTMAN N, Klaas.	Com parente não se neguecia O Compadrio Como Ordem Moral. Editora Universitária de Brasília/Tempo Brasileiro, 1990.

Fonte: Elaborada pela autora

Com o intuito de perceber de onde vêm as produções utilizadas pelas/os autoras/es nos trabalhos analisados, compomos o gráfico abaixo que nos revela as regiões de publicação das obras mais utilizadas como referencial teórico nas teses e dissertações:

Gráfico 03: Geopolítica do conhecimento – Análise das referências catalogadas.

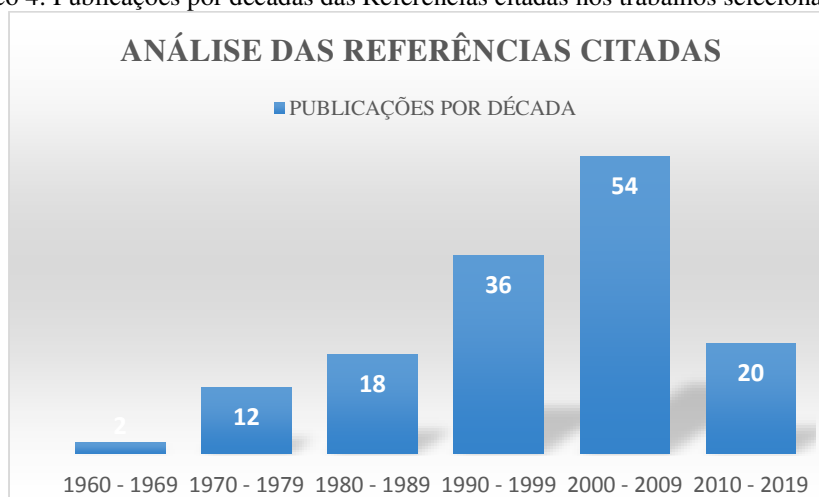


Fonte: Elaborado pela autora

Tomando para mote de análise as referências mais citadas e possíveis de identificar de onde partem suas publicações, pude perceber que o mercado editorial é dominado pelo Sudeste, especialmente por São Paulo e Rio de Janeiro. Depois, podemos perceber a ascensão do Nordeste com 14 publicações citadas, sendo a maioria delas da Bahia. As demais regiões demonstram pouca expressividade no cenário Nacional, o Norte sequer teve uma publicação entre as listadas. Na segunda sessão há reflexão mais expressiva sobre os achados.

No tocante ao período das publicações, o próximo gráfico estabelece o panorama por décadas:

Gráfico 4: Publicações por décadas das Referências citadas nos trabalhos selecionados.



Fonte: Elaborado pela autora

A partir do gráfico demonstrado acima podemos observar um crescente número de publicações ao longo das últimas quatro décadas, cuja predominância foi nos anos 2000 e um decréscimo nas produções na década entre 2010 - 2019. Desde a década de 70, com o movimento feminista e redemocratização da educação, as produções e publicações acerca de assuntos tidos polêmicos e/ou abjetos, como gênero, vem ganhando espaço no sentido da democracia e diversidade, somando-se a estes a valorização dos múltiplos saberes e letramentos. Principalmente a partir de 2016, vivemos sérios retrocessos políticos que ameaçam o espaço conquistado nesse sentido e em tantos outros.

Por fim, foi possível ainda perceber que os trabalhos selecionados, citam uns aos outros, além de percebermos um grande arsenal de teses e dissertações nas seleções, o que demonstra a valorização das pesquisas científicas realizadas a nível de mestrado e doutorado.

Feitas as considerações acima, sobre a análise das formas e do conteúdo das obras selecionadas no Estado da Arte, na sessão seguinte analisaremos os dados quantitativos.

III UMA ANÁLISE QUANTITATIVA DO UNIVERSO DE MULHERES DONAS DE SALÃO E BARES NO MUNICÍPIO DE CAMAÇARI

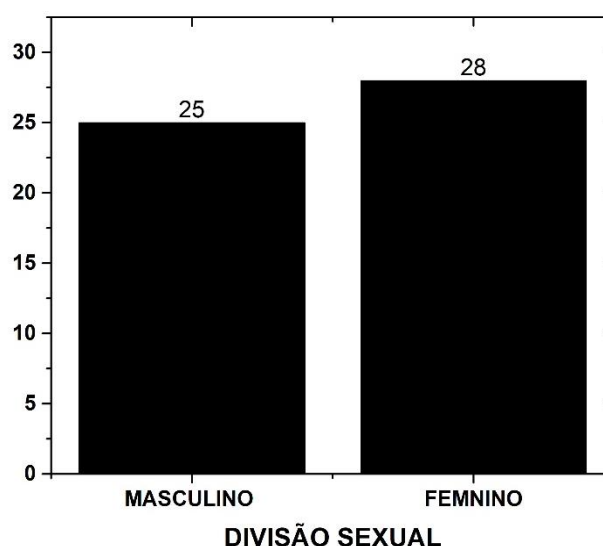
Esta seção será dedicada a esclarecer, através dos gráficos e da leitura destes, quem são as mulheres entrevistadas em Camaçari que participaram da aplicação do *survey*, suas características, seus *modus operandi* aprendente e atuante, e seus negócios por conta própria, iniciando a construção do mapa que entrelaça suas vidas com seu fazer cotidiano no trabalho. Aqui, a prova de que os dados quantitativos carregam em si informações qualitativas que nos revelam mais do que podem os números.

O perfil será traçado em 3 blocos de análise: 1) Perfil social das pretas de Camaçari; 2) Modo aprendente do saber-fazer; 3) *Modus vivendis* do saber-fazer, na tentativa de entrecruzar os marcadores sociais da diferença, aqueles utilizados nas análises sobre produção de diferenças e da desigualdade social (LAURA MOUTINHO, 2014, p.203). Assim, cada bloco contará com a leitura dos gráficos correspondentes a ele e algumas reflexões pertinentes.

3.1 O Perfil Social das Pretas de Camaçari

Começemos a análise da amostra geral que me possibilitou o recorte racial desta pesquisa. Para tanto, o primeiro gráfico refere-se à divisão sexual da amostra.

Gráfico 5: Divisão sexual da amostra total



No gráfico vemos que do universo amostral total das/os 53 entrevistadas/os (todas/as Brasileiras/os), 25 (47%) são do sexo masculino e 28 (53%) do sexo feminino, indicando prevalência feminina na informalidade da Cidade de Camaçari-BA.

Cabe ressaltar que temos uma situação adversa para esta análise: uma mulher transexual autoidentificou-se como mulher Trans no que tange sua identidade de gênero, contudo, sinalizou no questionário ser do sexo masculino justificando referir-se ao seu sexo biológico. Esse debate será melhor realizado na tese da colega doutoranda, Lenade Barreto, que pesquisa as temáticas *Queer*.

Diante deste caso titubeei no momento de decidir se a mulher trans entraria na amostra representando o quantitativo no masculino ou feminino, chegando à conclusão que, salvaguarda as questões que envolvem as discussões de gênero, a mulher trans, mediante toda sua mulheridade e política de (r) existência, entrará na amostra como mulher negra, o que nos define a amostra total desta pesquisa em um contingente de 28 mulheres, *à priori*.

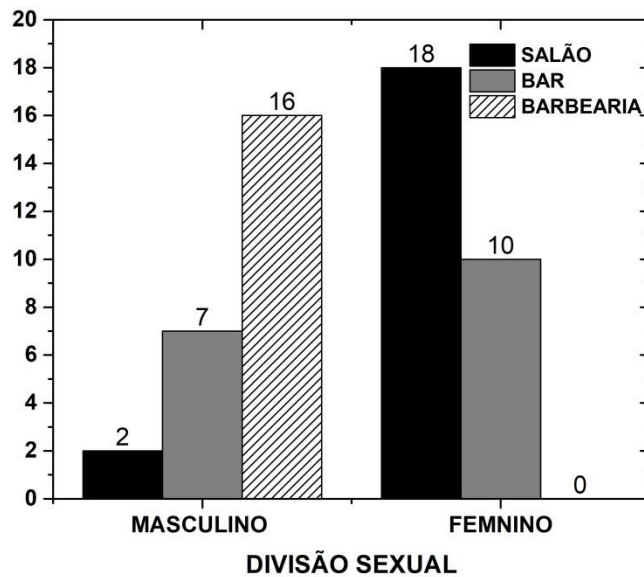
O Boletim *Especial Mulheres*²⁶ corrobora a assertiva dessa prevalência feminina na informalidade do saber-fazer, ao revelar que apesar do aumento do índice de postos de trabalho para as mulheres no ano de 2018, o desemprego também aumentou, pois também houve aumento no índice da População economicamente Ativa (PEA) – mulheres com potencial a serem mão-de-obra, gerando desemprego e maior ocupação destas mulheres desempregadas em outros setores da economia, como o que tratamos aqui nesta pesquisa, o informal (SEI, 2018).

Além desses dados atuais a história nos conta, a nível de Brasil-Bahia escravocrata, que as mulheres negras, sejam elas libertas ou ainda escravas no século XIX, lançaram-se ou foram lançadas às ruas de Salvador no ganho de rua para sobreviver ou pagarem aos seus senhores suas sobrevivências. Lançando mão de ocupações que lhes condicionavam a perpetuar o ideal patriarcal de mulher contemporâneo, a “negras de rua” em sua maioria comercializavam produtos alimentícios.

Cecília Soares (1996, p.62) diz que “Além de circularem com tabuleiros, gamelas e cestas habilmente equilibradas sobre as cabeças, as ganhadeiras ocupavam ruas e praças da cidade destinadas ao mercado público e feiras livres, onde vendiam de quase tudo”. Ao mesmo tempo que essa situação denota os ideais machistas e patriarcais que condicionam a mulher à ocupações domésticas, e mais tarde ao emprego doméstico, fora a oportunidade de mulheres negras conquistarem suas independências e alforrias, bem como preconiza algo que identificamos atualmente, as mulheres que mantêm e/ou ajudam a manter os seu lares, o que prova que esta sempre fora a realidade da mulher negra e como defende a crítica diaspórica de que a mulher negra é potente e potência, antes mesmo da escravidão e pelo mundo.

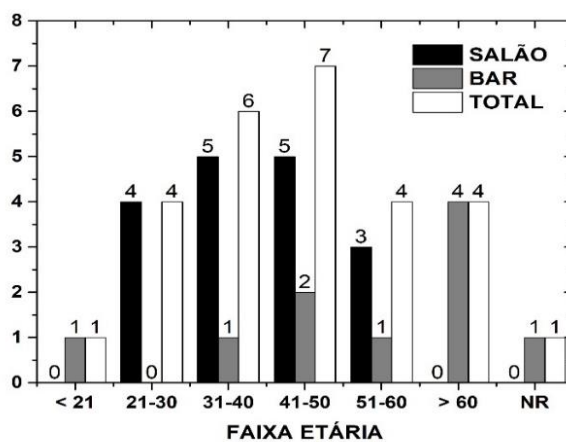
²⁶ Para acessar o Boletim, acesse o endereço:

http://www.sei.ba.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1172:boletim-especial-mulher&catid=1532&Itemid=284

Gráfico 6: Divisão sexual por ocupação

O gráfico demonstra a prevalência de mulheres nos segmentos de salões de beleza e bares e uma totalidade masculina nas barbearias.

Como para esta pesquisa me interessa as mulheres negras participantes do estudo, de agora em diante serão apresentados os dados destas. Cabe ressaltar que do total de mulheres participantes da pesquisa, incluindo a mulher trans, apenas uma autodeclarou-se branca. Logo, o universo amostral desta pesquisa é composto de 28 mulheres, sendo 18 no salão e 10 nos bares. A seguir, continuaremos tratando apenas os dados das mulheres negras.

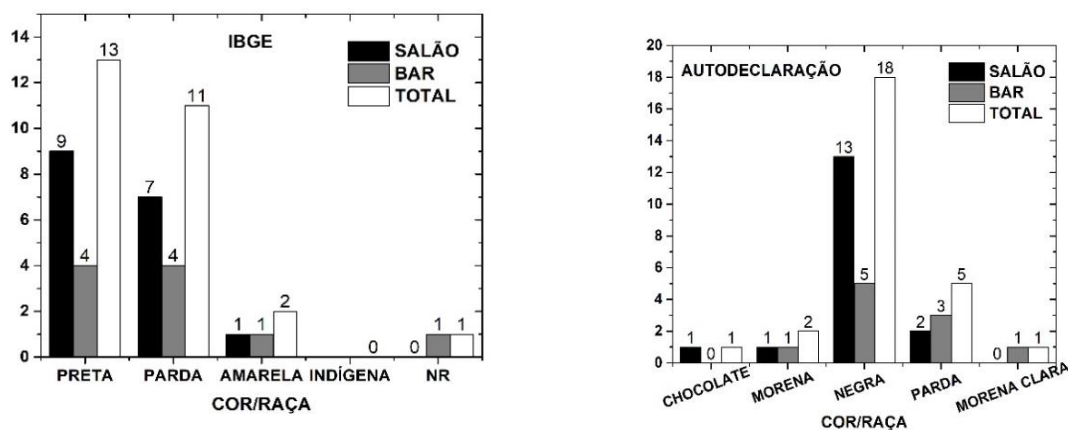
Gráfico 7: Faixa Etária

No que diz respeito à faixa etária das entrevistadas, na ocupação de salão não houve mulheres com menos de 21 anos, o intervalo com maior índice de prevalência foi entre 31 e 50 anos, seguido de 21 a 30 anos e, posteriormente, entre 51 e 60 anos.

No que se refere aos bares observei que houve uma mulher com menos de 21 anos e que o maior índice prevalente foram mulheres acima de 60 anos, seguidos de mulheres entre 41 e 50 anos.

O índice de mais mulheres, e mulheres mais jovens, nos salões do que nos bares me fez pensar sobre as ocupações destinadas à mulher. Por um lado, ofícios sempre designados à mulher como o cuidado, estética, bordado, o que já foi sinalizado nas análises do estudo da arte que compõe este trabalho, onde mesmo quando o intuito era ressaltar o poder das mulheres, as mesmas vinculam-se à tarefas ditas femininas. Do outro, a ascensão de mulheres em ocupações ditas masculinas, como nos bares, o que pode denotar o início de uma mudança de mentalidade ou, como identificamos em alguns casos em Camaçari, a herança deixada do homem para sua mulher. Nesse ponto intriga-me saber, em posteriores estudos, se a inserção destas mulheres nos bares dá-se pela mudança de consciência e postura política ou se pela necessidade e/ou continuidade da ocupação de seus maridos.

Gráficos 8 e 9: Cor/Raça



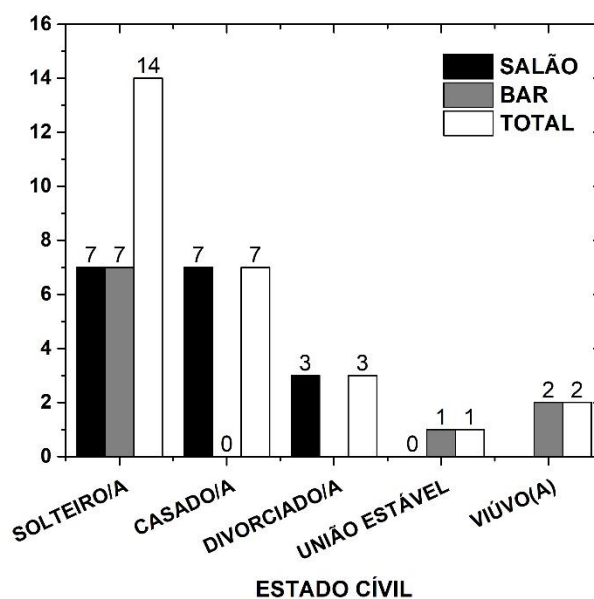
Quando o assunto é a variável cor/raça, realizei a coleta de dados de duas formas: considerando os critérios do IBGE e o critério da autodeclaração. Considerando as mulheres negras para as categorias do IBGE, podemos observar que no segmento de salão de beleza prevalece a cor preta, com 9 respostas em detrimento de 7 mulheres que consideram-se pardas, 1 amarela. No segmento de bares o número de mulheres pretas iguala-se às mulheres pardas, havendo 1 amarela e 1 que não respondeu à pergunta.

Quando o critério foi a autodeclaração, das 17 mulheres que possuem salão de beleza, 13 autodeclararam-se negras e apenas 2 declaram-se pardas. As demais dividiram-se entre as variações de cor que, em uma análise social e cultural, servem para determinar (não apenas o colorismo²⁷) o valor das carnes negras no mercado, sendo elas: chocolate (1 mulher) e morena (1 mulher), a depender do tom de preto sente-se, ou se é, mais ou menos discriminada.

No segmento de bares a média de autodeclarantes negras reduziu consideravelmente, 5 autodeclararam-se negras, 3 pardas, 1 morena e 1 morena clara.

Os dados que nos mostram a existência do colorismo, a partir da autodeclaração, evidencia a permanência do ideal do branqueamento, que transforma o mestiço em um branco virtual, o que Elisa Larkin (2003) chama de ‘branco fabricado’, aquele mestiço que, na tentativa de branqueamento, transformasse cada vez mais neste simulacro de brancura, o qual na tentativa desesperada de branquear-se, cria outras cores.

Gráfico 10: Estado civil das entrevistadas



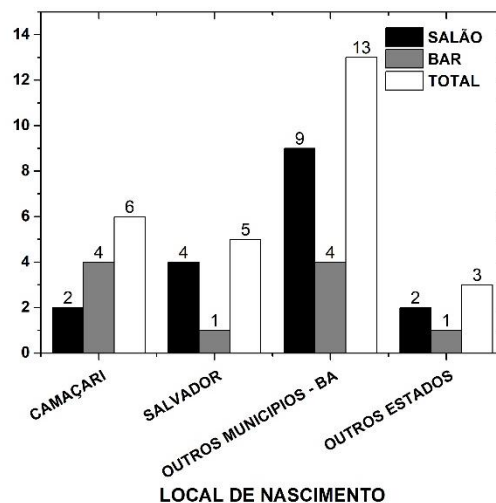
No que se refere ao estado civil das entrevistadas a prevalência é de mulheres solteiras ou casadas. A amostra não marca a incidência de mulheres casadas e/ou divorciadas no segmento de bares. Em se tratando do segmento de salões de beleza as mulheres dividiram-se

²⁷ Em Carta de uma ex-mulata à Judith Butler, Ângela Figueiredo trata dessa temática a partir de si, dando um forte exemplo a partir de sua existência. No Portal Geledés há boas explicações sobre o tema e outras referências a serem consultadas como Sueli Carneiro, Lélia González, entre outras: <https://www.geledes.org.br/morenas-exoticas-um-debate-sobre-colorismo-negritude-e-arquetipos-femininos-da-ideologia-da-mesticagem/#axzz3Ss9kQuxs>; https://www.geledes.org.br/colorismo-o-que-e-como-funciona/?gclid=CjwKCAjwp_zkBRBBEiwAndwD9cG5_uzKXgF7DWPIEezeTR3yDnnUG23qgl4ZR7pWf8se-SPEjH3_mxoCC4AQAvD_BwE

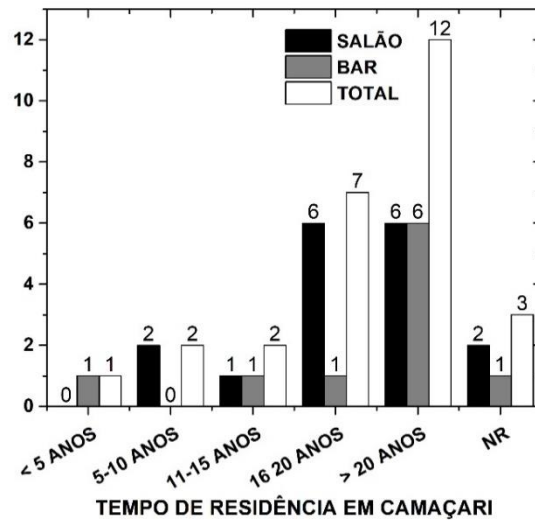
entre 7 solteiras, 7 casadas e 3 divorciadas, já no segmento de bares, 7 solteiras, 1 união estável e 2 viúvas.

Gráfico 11: Local de Nascimento

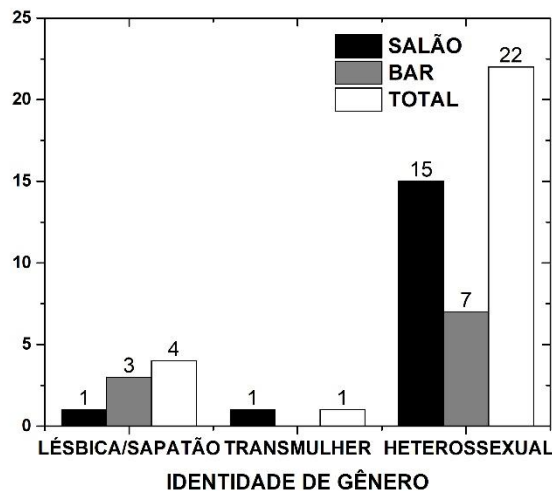
Gráfico 9: Local de nascimento das entrevistadas



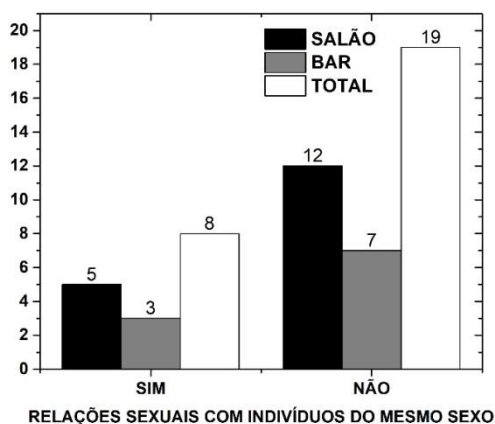
Quanto à naturalidade das/os participantes, identificamos que 21% das/os entrevistadas/os pertencem ao Município de Salvador e 15% nasceram em Camaçari. A maioria, cerca de 57%, pertencem às redondezas de outros municípios baianos, como Cachoeira, Caem, Castro Alves, Xique-xique, Conceição do Jacuípe, Paulo Afonso, Ipirá, Irará, Itapebi, Itabuna, Itajuípe, Lagoa do Alto, Lauro de Freitas, Mairi, Maragogipe, Mata De São João, Novo Mundo, Nazaré das Farinhas, Piritiba, Poço Verde, Quinjingue, Riachão do Jacuípe, Saúde, Valença, Wenceslau Guimarães. Somente 8% pertencem a outros Estados, mais precisamente, Pernambuco. Sabemos que Camaçari é uma cidade de migração.

Gráfico 12: Tempo de residência em Camaçari-BA

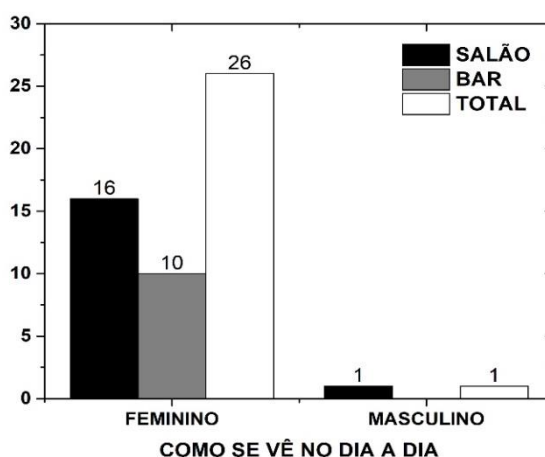
A maior parte das mulheres do segmento de bares residem em Camaçari há mais de 20 anos, apenas uma mulher possui menos de cinco anos na cidade. Nos salões, prevalecem os intervalos de tempo entre 16 e 20 anos, seguidos pelo espaço de tempo de mais de 20 anos de moradia.

Gráfico 13: Identidade de Gênero

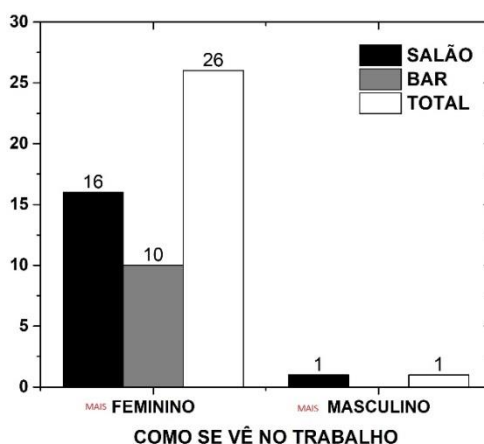
O gráfico mostra a predominância da heterossexualidade nos dois segmentos ocupacionais analisados, sendo que para o segmento de salão de beleza 88% são heterossexuais; 6% lésbica/sapatão e 6% Mulher Trans e no segmento de bares: 30% são lésbicas/sapatão e 70% heterossexuais.

Gráfico 14: Relações sexuais com alguém do mesmo sexo

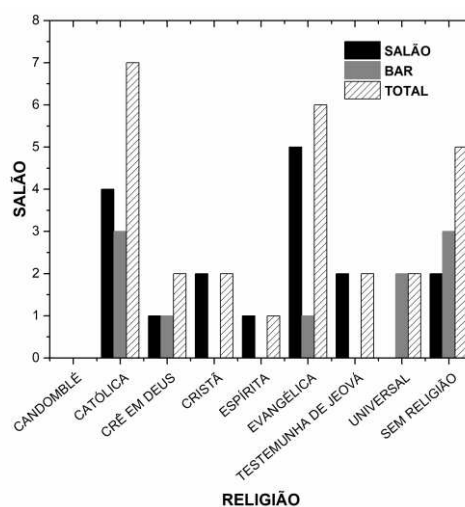
Quando perguntadas sobre suas práticas sexuais, as práticas heteronormativas também prevaleceram nos dois segmentos pesquisados. As incidências de práticas sexuais homoeróticas deram-se em maior quantidade no núcleo de mulheres do salão de beleza, das quais 5 mulheres confirmaram a prática. Vale ressaltar que 3 delas indicaram ser heterossexuais quando interpeladas sobre sua identidade de gênero.

Gráfico 15: Como se vê no dia a dia

Nesse quesito, apenas uma mulher, hetero, considerou-se mais masculina no seu dia a dia, a maioria considera-se mais feminina. Nos bares, toda as mulheres consideram-se mais femininas.

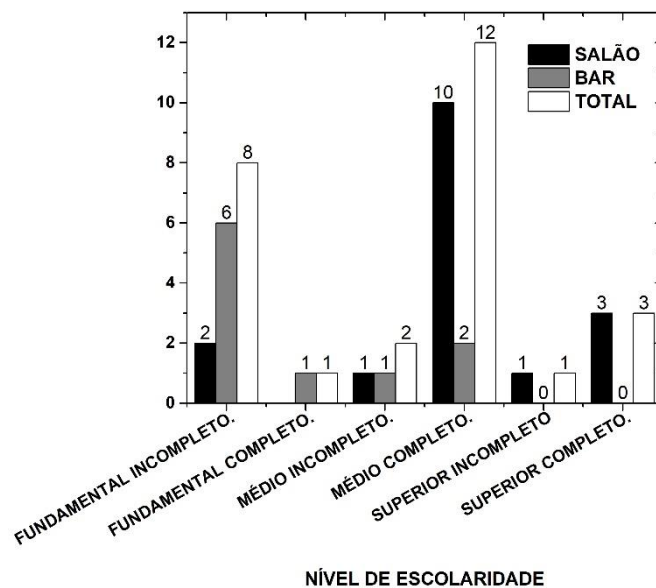
Gráfico 16: Como se vê no trabalho

No ambiente do trabalho apenas uma mulher considerou-se mais masculina, mesmo declarando-se heterossexual. Nos bares, toda as mulheres consideram-se mais femininas.

Gráfico 17: Crença Religiosa

No tocante à crença religiosa, prevalece a religião evangélica para as mulheres do segmento de salão de beleza, seguida da católica. Já nos bares encontramos a prevalência de mulheres católicas seguidas, igualmente, das mulheres que declararam não ter religião definida. Religiões de matrizes africanas não foram mencionadas.

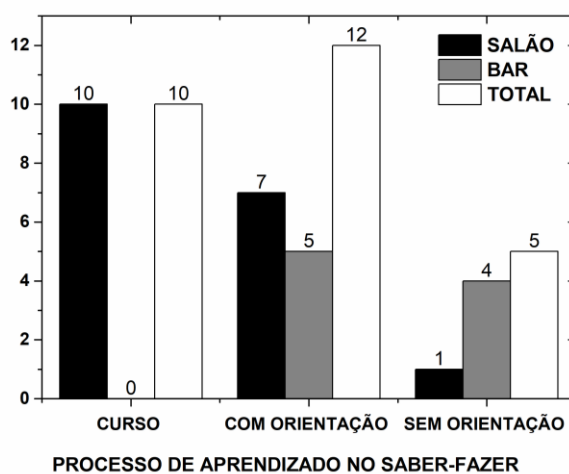
Gráfico 18: Nível de Escolaridade



Todas as mulheres possuem algum nível de escolaridade, sendo que no salão predomina o ensino médio completo e no bar o ensino fundamental incompleto. Vale destacar a presença de mulheres com ensino superior apenas nos salões de beleza. A seguir, a análise gráfica dos dados sobre a construção do saber-fazer das mulheres negras.

3.2 O saber - fazer das negras: vivendo e aprendendo

Gráfico 19: Como aprendeu



Quanto ao processo de aprendizagem do ofício das mulheres entrevistadas, o gráfico revela que a maioria das mulheres do salão de beleza realizou cursos profissionalizantes para

atuar na área, enquanto as mulheres donas de bar aprenderam a trabalhar no ramo com a orientação informal de terceiro.

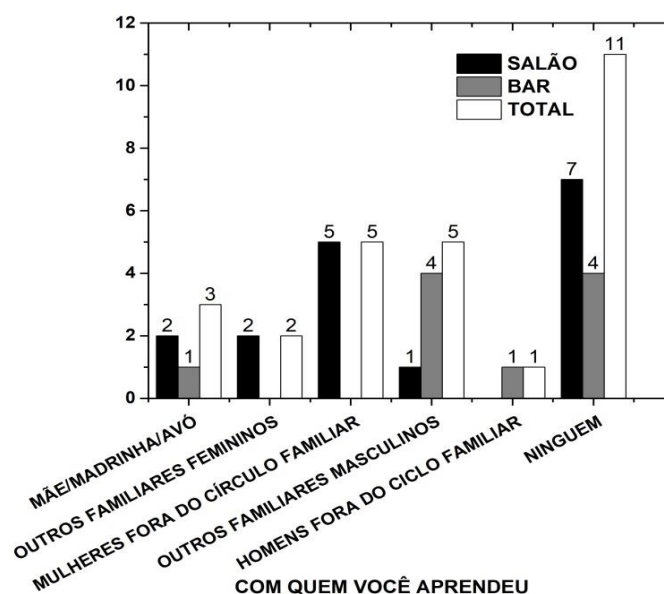
Entretanto, entre uma opção e outra, as mulheres revelavam em suas falas que o seu saber-fazer constituía-se antes mesmo de qualquer profissionalização formal, assim como as histórias de vida também confirmam essa hipótese. Nesse sentido, a categoria do cacete armado, explorada na pesquisa que deu origem à minha, foi trazida a todo instante quando as mulheres contavam sobre seus *modus operandi*.

Suely Messeder (p.239) pensando sobre as características que podem identificar um cacete armado, conclui que:

[...] se por um lado a falta de cuidado, a displicência, o desleixo, a improvisação e a falta de planejamento perpassam as relações dos setores informais, por outro lado, consideramos como uma estratégia dos/as microempresários/as para sobreviverem frente à precarização de recursos e de falta de oportunidades.

De fato, o fazer diário das mulheres carrega no esforço de (re) existir, o ato improvisado e a coragem de, muitas vezes, iniciar seu negócio como um puxadinho, no quintal de casa ou em uma guia nas ruas. O atendimento dinâmico e improvisado, os humores variáveis, refletem o interior profundamente cheio de emoções e responsabilidades de cada mulher ali disposta a fazer o seu melhor, um dia por vez. E nada disso importa ou diminui sua valoração, porque o importante é driblar as injustiças sociais e estabelecer suas redes de existência.

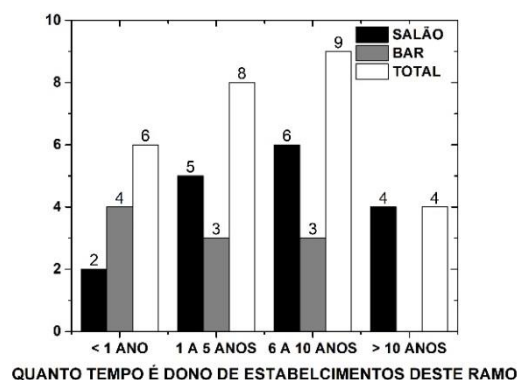
Gráfico 20: Com quem aprendeu



O gráfico acima aponta que no processo de aprendizagem do ofício, as mulheres donas de salão de beleza, a maioria não contou com a ajuda de ninguém para aprender o ofício, cinco delas mencionaram uma rede de ensinagem²⁸ por mulheres fora do círculo familiar. Já no bar, a maior incidência foi de aprendizado com homens fora do círculo familiar e por conta própria.

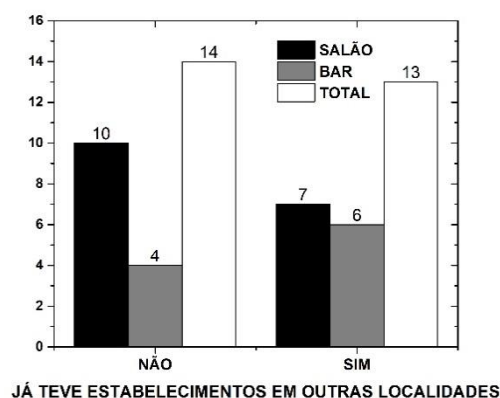
3.3 Operando Saberes e Fazeres: o perfil dos comércios.

Gráfico 21: Há quanto tempo é dona do estabelecimento

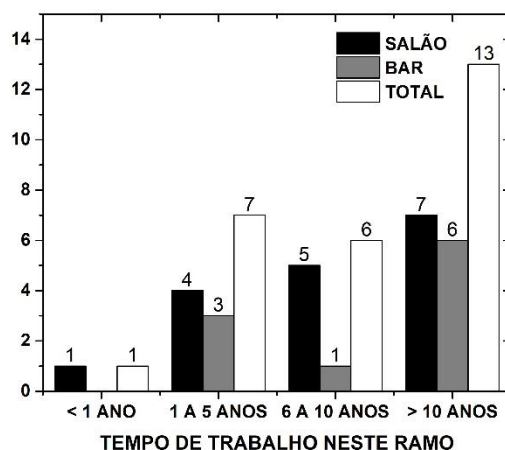


Majoritariamente, as mulheres trabalhadoras por conta própria dos salões de beleza possuem seus estabelecimentos em um intervalo entre 6 e 10 anos, seguidas do intervalo entre 1 a 5 anos. No segmento de bares a maior parte das mulheres possui seus estabelecimentos há menos de 1 ano.

²⁸ Para melhor compreender o conceito de ensinagem ler: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). Processos de ensinagem na universidade. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2007.

Gráfico 22 : Já teve estabelecimento em outra localidade

A maior parte das mulheres proprietárias de salões de beleza deu início à vida empreendedora na informalidade na cidade de Camaçari, já as mulheres dona de bares já tiveram estabelecimentos em outras regiões.

Gráfico 23: Tempo de trabalho no ramo

A maior parte das mulheres, tanto de salão quanto de bares, já trabalham no ramo há mais de 10 anos.

Feita a leitura dos dados quantitativos, de forma geral, podemos identificar que a maioria das mulheres possui seus estabelecimentos como única fonte de renda e que a necessidade as impulsiona a buscar “o que é seu”. Nesse sentido, a maioria, que só estudou o ensino fundamental, buscou profissionalizar-se na área para aprender um ofício que lhe possibilitasse administrar suas vidas, seus tempos e suas necessidades. Além disso, pudemos validar a

prevalência feminina no empreendedorismo do mercado informal, o que aponta para um perfil de liderança negra pouco validado e difundido.

A seguir, os relatos das histórias de vida de duas entrevistadas, as quais (re) constroem suas trajetórias e imbricam-se nas muitas histórias com as quais cruzamos no desenrolar da pesquisa de campo.

IV. “BRASIL, CHEGOU A VEZ DE OUVIR AS MARIAS, MAHINS, *MARIELLES*, MALÊS”: AS ENTREVISTADAS POR ELAS MESMAS.

[...] o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal.

(Jorge Larrosa, 1999, p.52)

Mais do que uma homenagem à Escola de Samba da Mangueira, que ganhou seu vigésimo título como campeã do Carnaval do Rio de Janeiro, agora em 2019, trazendo no samba – enredo, História para ninar gente grande (vide Anexo III), a história de mulheres militantes e importantes na nossa história que foram invisibilizadas e/ou silenciadas, o título que abre este capítulo remete-se à aclamação e visibilização de vozes e trajetórias de mulheres de luta de algumas interlocutoras, trabalhadoras por conta própria, que participaram desta pesquisa, suas histórias e suas (re) existências enquanto mulheres negras compõem este capítulo, que coloca no centro das reflexões suas histórias, marcas e trajetórias. Chegou a hora de ouvi-las.

Para tanto, proponho aqui uma breve retomada nas discussões metodológicas que me levaram a optar por trabalhar com narrativas autobiográficas antes de adentrar no levante das compreensões feitas a partir das histórias de vida compartilhadas. A escolha pelas narrativas de história de vida diz do intuito de perceber como as subjetividades são formadas no caminhar de ser-viver e existir, através das marcas e marcadores que atravessam o corpo e o discurso das mulheres trabalhadoras por conta própria.

Trago a narrativa nesta pesquisa, dentro da perspectiva de Delory- Momberger (2008, p. 58) que afirma que “Cada experiência encontra seu lugar e adquire seu sentido no seio da forma construída pela qual o homem representa, para si mesmo, o curso de sua vida”. Assim como exposto na trajetória metodológica, proponho que os dados quantitativos colhidos e tabulados sejam respaldados no entrelace com a parte qualitativa da pesquisa, onde as narrativas são capazes de historicizar fatos e dados que resultam de um contexto histórico escravista e desigual, bem como, ao mesmo tempo, singulariza a trajetória de cada ser no seu caminhar.

Tal perspectiva não implica em desinteresse pela possibilidade estatística de compilar os dados, apenas acredito que esses precisam de análise e reflexão, a partir da forma como são vividas e apreendidas pelos indivíduos que vivem na pele e no dia a dia as consequências de

serem quem são e andar por onde andam. Daí a importância das vozes de mulheres negras narrando suas próprias histórias.

As reflexões que trago logo a seguir, partiram então da interpretação das narrativas recolhidas sob o foco do sentimento de pertença, que cada mulher negra tem em relação ao SER uma mulher negra trabalhadora por conta própria. Pois conforme expus em todo o meu texto, acredito que suas percepções, suas marcas, suas alegrias e frustrações, bem como seus contextos familiares, sociais e políticos que circunscrevem sua trajetória de vida e profissional, dotam de sentido e sentimentos suas experiências, as quais compõem seus saberes e modelam suas práticas e posturas de vida.

Assim sendo, as narrativas traçam uma espécie de linha do tempo, de forma espontânea, onde as mulheres entrevistadas descrevem suas infâncias, vida familiar, vida amorosa, afetiva e sexual, inserção no mercado de trabalho e *modus operandi* de suas ocupações na atualidade, além de outras temáticas que interseccionam suas subjetividades. Essa proposta, permitiu que as mulheres pudessem se colocar como autoras da própria história, formulando-as.

O ato de narrar a si traduz-se em um processo de (re) conhecer-se e rememorar o que se viveu e constitui-se enquanto saber, fazer e subjetividade. Sobre esse ato, Élica Paiva (2015, p.67) diz:

A narração de si mostra como a pessoa que está narrando vê o mundo e como compreende seu percurso de vida e as experiências que dele emergiram e emergem, não por dizer claramente, mas, sobretudo, pelo que se pode interpretar sobre o que se diz, pela forma como diz.

A partir desse processo é que se fez possível compreender a intersecção das marcas que compõem as subjetividades e *modus* de ser e viver das mulheres negras aqui representadas. Neste sentido, as histórias de vida contadas possibilitam-nos tentar sobrepor os marcadores (KIMBERLE CRENSHAW, 2007), os marcadores sociais da diferença como nos diz Laura Moutinho (2014), no intuito de perceber quais marcadores atravessam suas histórias de vida e compõem o seu ser sendo que se espelha no passado e se (re) faz no fluxo do cotidiano, (re) contando a si mesmo no curso atemporal da memória.

Partindo dessa premissa, as falas trazidas aqui, falam de suas trajetórias de vida até chegarem no trabalho atual. Falam de suas mulheridades, suas negritudes, das relações de gênero e poder que enfrentaram e enfrentam para tornarem-se e serem quem são. Participar desse momento me coloca, enquanto pesquisadora, no lugar da escuta e da análise sensível, a fim de captar as nuances que desvelam dados em histórias que dizem do caminho e fatos que compõem as subjetividades dessas mulheres.

Áurea Pereira (2014, p. 87) também reforça que “Ao narrarmos nossa vida, nos reinventamos em nosso fazer, em nossas memórias, reflexões e aprendizagens. Tudo isso está impregnado em nosso corpo”. Esse processo que exige técnica e sensibilidade, coloca pesquisadora e interlocutoras de frente ao espelho da vida.

A seguir, faremos as reflexões acerca das histórias de vida de 2 mulheres negras, trabalhadoras por conta própria. A elas foram atribuídos nomes fictícios, Marta e Sônia, com a finalidade de preservar-lhes a identidade. Esse capítulo subdivide-se em 4 subseções: 4.1) Uma breve análise do perfil das “Donas do Salão”; 4.2) A dureza e a delícia de ser criança: entre dificuldades e redes de afeto; 4.3) Da dura infância ao casamento (do desespero): a saída de casa, o casamento e o trabalho e 4.4) A emoção e orgulho de tornar-se quem é...

Abaixo segue um breve perfil das Interlocutoras.

4.1 Uma breve narrativa do perfil das “Donas do Salão”

D. Marta*

Trata-se de uma mulher negra de 57 anos, cursou até a quarta-série do primário, de família numerosa, 13 irmãos, que viveu com os pais roceiros aproximadamente até os 20 anos, migrante. Natural da roça em Cavaca de Ferro, de Santo Antônio de Jesus no interior da Bahia, casou-se duas vezes e tem 1 casal de filhos, 2 netas, e trabalhou em diversos setores de serviços. Sua infância foi marcada por muita dificuldade. Passou fome com seus irmãos, mas orgulha-se de ter sido educada para nunca “desejar o alheio” e sempre trabalhar. Na sua vida escolar estudou na roça em que morava, com a professora-fazendeira da região, e repetiu várias vezes a quarta série para não deixar de estudar, já que não podia estudar na cidade a noite, onde havia as outras séries. Seu primeiro casamento foi envolto em um doloroso ciclo de violência de gênero e doméstica, o que interferiu seriamente na sua trajetória profissional. Dessa relação teve 1 casal de filhos, os quais, após separação, seguiram com ela para Salvador e, mais tarde, sua filha foi criada por sua irmã em Dias D’Ávila para que a mesma pudesse trabalhar. No atual casamento relata ter uma vida “boa”, com as brigas normais, e de parceria, afirma que vivem bem e progridem juntos no dia a dia. Sua trajetória ocupacional precária em Santo Antônio de Jesus iniciou-se no salão de beleza de sua sobrinha, onde era constantemente espancada por seu primeiro marido, posteriormente, foi na clínica da filha de sua professora-fazendeira, onde limpava e aprendeu algumas técnicas e serviços fisioterapêuticos, mas a violência sofrida por parte do marido a impediu de continuar. Após sucessivas agressões, a separação trouxe Marta para Salvador, onde trabalhou de doméstica em troca de um prato de comida, como cozinheira

e, por fim, de cabelereira. Neste ínterim, entre idas e vindas de Salvador para Dias d'Ávila, onde sua filha morava com sua irmã, conheceu seu atual marido e os laços estabelecidos os levaram a morar em Camaçari, onde Marta mora e atua até hoje como cabelereira por conta própria. A mesma mantém sua vida de árduo trabalho e ajuda sua filha, adoentada, assim como a criar seus netos.

D. Sônia*

Trata-se de uma mulher negra de 63 anos de idade, migrante, com segundo grau completo, natural de Mata de São João-BA, de uma família de seis irmãos/irmãs, cujos pais separaram-se desde os seus 6 anos de idade. Desde então, morou com a avó paterna e, posteriormente, voltou a morar com a mãe na casa herdada de sua avó materna. Com 17 anos e meio foi para São Paulo, trabalhou de doméstica, casou-se e teve 4 filhos. Neste ínterim, dava chapinha nos cabelos das mulheres que conhecia, o que a levou, mais tarde, a profissionalizar-se como cabelereira quando já morava em Camaçari e após sua separação. Sua infância foi marcada pela pobreza e trabalho, com 9 anos ajudava sua mãe a lavar roupas de ganho e a pescar para o sustento da família, foi na adolescência que foi para São Paulo onde fez faxinas para sobreviver e começou a trabalhar com cabelo, dando chapinha. Depois do casamento continuou trabalhando por conta própria, dando chapinha em sua casa, até virem embora para Camaçari onde, junto com seu marido na época, colocou uma loja de shampoo e um salão. Após a traição de seu marido, com uma funcionária da loja e amiga do casal, Sônia precisou reestruturar-se e recomeçar a sua vida. Ela atribui grande relevância a esse fato em sua vida, demonstrando ter sido um momento que a marcou profundamente. Nesse período, especializou-se, fez curso profissional de cabelereira, e abriu seu próprio salão na feira de Camaçari, sendo hoje trabalhadora por conta própria e dona de seu estabelecimento há 17 anos. Com os filhos, a relação é boa e apesar das dificuldades e decepções, sua história conta com uma grande rede de solidariedade, desde os vizinhos que trocavam e doavam alimento para que sua família pudesse se alimentar, até os dias atuais, quando família e amigos colaboram no seu fazer diário como trabalhadora por conta própria e proprietária de salão de beleza.

A seguir, iremos traçar um diálogo com as histórias de vidas destas duas mulheres que desafiaram e desafiam as estruturas precárias e conseguem sobreviver às suas condições de vida. Trataremos da infância, adolescência, ocupações, dos amores e das dores de serem quem são. As falas das interlocutoras apresentam-se como citações diretas e em itálico para diferenciá-las das citações de autoras/es.

4.2 A dureza e a delícia de ser criança: entre dificuldades e redes de afeto.

Marcadas por privações e dificuldades, as vidas das nossas interlocutoras, Marta e Sônia, que compartilharam suas histórias, remontam a história de várias outras mulheres negras que têm um histórico de vida difícil e que precisam (re) inventar a si mesmas e algumas atitudes e comportamentos que perfazem suas subjetividades e as tornam quem são. Quando solicitamos que as mesmas falassem sobre suas infâncias, as marcas subjetivas e corpóreas expressam-se quase que automaticamente:

[...] a infância da gente foi tão pobre, criado na roça, sem uma vida digna [...]. [...] a gente não tomava um café, se entrasse um pão dentro de casa era para dividir para 4 né, no caso ia ser três pães para dividir para quatro, para dividir para 4, então eram doze, minha mãe meu pai não tomava café, era só os filhos, se tivesse ovos, era três para dividir um ovo em quatro, sempre assim, deixava de comer para dar para gente, meio dia a mesma coisa, minha mãe ela sempre se preocupava em botar no prato para a gente...(Marta)

A minha infânciaaa... foi boa por uma parte e sofrida por outra, porquee, minha mãe mais meu pai não viviam bem, aí se separaram eu tinha 6 anos, com 7 anos meu pai faleceu. Aí eu fiquei com minha avó paterna, durante um tempo, depois eu voltei pra minha mãe aí fomos morar na casa de herança da minha avó materna, né? Isso sem recurso nenhum né, porque meu pai, o que ele deixou os irmão dele, passaram (risos)... pra mãe. Aí..., nós ficamos né?! Aí minha mãe lavava roupa de ganho e eu pegava as roupas né, para ela lavar de ganho... [...] Porque a gente labutava mesmo só para comer mesmo, porque em casa até os nossos copinho era de leite de... de... de condensado né?! Que as pessoas bibiam e dava o copinho, aí a gente batia, abria tudo né, ariava com areia do Rio né, naquela época a gente tinha rio né, então a vida nossa, a minha infância foi assim... (Sônia)

Essas revelações me remetem ao perfil da mulher negra disposto por Ângela Davis (2013) e tantas outras feministas, que nos diz que nossa herança escravocrata nunca colocou a mulher negra no lugar de privilégio de serem ‘dondocas’, como algumas mulheres brancas eram postas (embora não sem opressão), mas sim em um lugar cujo chamamento para a responsabilidade de si e dos outros, advindo da ancestralidade negra (re) existente e oprimida, lhe atribui característica de força, enfrentamento e trabalho. Às mulheres negras, desde cedo, lhe são imputadas responsabilidades e existências que a deslocam da infância inocente à infância adultizada pela necessidade de ajudar e/ou servir aos seus e aos outros. Ângela Davis (2013, p.28) analisando o período escravo diz no excerto a seguir: “As mulheres não eram “femininas” demais para o trabalho nas minas de carvão e nas fundições de ferro, tampouco para o corte de lenha e a abertura de valas”.

Daí o mito coletivamente imaginado e internalizado, inclusive por nós mulheres negras, de que somos fortalezas e tudo podemos e devemos suportar. Como veremos mais adiante, em

momentos das entrevistas, as hesitações e desculpas pela emoção revelada em suas falas sugerem medo e/ou recusa em demonstrar fraqueza, pois uma mulher negra nasce cheia de tarefas, já nasce na labuta, motivo pelo qual eu nunca entendi o porquê a Mulher Maravilha era branca!

Os modos de (re) existência e subsistência de uma difícil infância negra contemporânea, também remontam o período pós-escravista das negras e negros que formaram as classes de escravos libertos com as atividades de ganho, as quais não exigiam *status*, alto investimento financeiro e nem formação acadêmica e profissional regular, ao passo que possibilitavam ao povo negro e liberto, condições mínimas de existência, sobrevivência e inserção social, já que isso não fora de fato planejado e assegurado com o processo de abolição da escravatura.

Atualmente, pelo que pude perceber nas entrevistas e no estado da arte aqui elaborado, as ocupações como ganhadeiras de rua, vendedores, lavadeiras, agricultoras/es, criadoras/es etc, (ocupações antigas e pós escravistas), ainda são fontes de sobrevivência e resistência:

[...] a gente era da roça, esse era o único meio que meu pai tinha, era plantar um..., poucas coisas, não tinha condições de nada não, foi uma infância muito dura, muito pobre mesmo, pobre, pobre, pobre...[...] (Marta)

[...] e a gente plantava né? Nessa casa de herança, tinha um quintal enorme. A gente plantava milho, a gente plantava andu, feijão é... aipim né? Quer dizer, até ali a gente também pegava para vender, criava bicho, criava porco, vendia o porco entendeu? Tudo isso... né, criava galinha né?(Sônia)

Sônia retoma ainda a prática de criação de porcos, tensionada na dissertação de Giselda da Rocha (2014), em que o saber-fazer da criação de porcos revela-se como meio de sobrevivência e como fonte de diversos saberes, entre eles o doméstico e o ancestral. Ao passo que o espaço doméstico serve, segundo a autora, como espaço de autoafirmação imposição identitária feminina “a vida doméstica é o espaço onde as ‘mulheres valentes’ negociam relação e marcam posições (ROCHA, 2014, p.60)”. O saber-fazer aqui entrelaça-se nas práticas executadas no mundo público e privado.

Neste sentido, ousa afirmar que as atividades de ganho e o trabalho informal e por conta própria, que antes possuíam uma conotação de sobreviver à miséria, vem adquirindo uma reconfiguração e assumindo mais um papel: o papel de novas formas de existências, de firmação identitária, que chamo aqui de (re) existências potentes no mercado da informalidade e do trabalho por conta própria, onde muitas mulheres alcançam dignidade e mobilidade social, ainda que mínima, saindo da esfera da sobrevivência à miserabilidade que lhes é imputada para o patamar de *trabalhadoras por conta própria*, onde reinventam a si e suas existências através do trabalho na informalidade de ser-fazer-viver, seja em termos identitários, profissionais e/ou

materiais, hipótese que se sustenta em passagens tomadas mais à frente quando falaremos da vida profissional das interlocutoras, bem como pudemos ver, ainda que timidamente, nos estudos catalogados de Giselma da Rocha (2014), Adriana, Araújo (2013) e Hugo Caetano (2013).

O duro momento da infância, apesar de pobre e trabalhoso, também traz em si o desvelamento de teias de afetividade e solidariedade, a partir das quais os caminhos percorridos foram possíveis e, por vezes, menos duros.

*[...]a gente não tomava um café, se entrasse um pão dentro de casa era para dividir para 4 né, no caso ia ser três pães para dividir para quatro, para dividir para 4, então eram doze, minha mãe meu pai não tomava café, era só os filhos, se tivesse ovos, era três para dividir um ovo em quatro, sempre assim, **deixava de comer para dar para gente, meio dia a mesma coisa, minha mãe ela sempre se preocupava em botar no prato para a gente...** (Marta, grifo da autora)*

[...] Naquela época os vizinhos se ajudavam muito né? Tinha vizinho que plantava batata, a gente plantava aimpim, aí trocava né, aquela troca toda... (Sônia, grifos da autora)

Pude notar nas falas que as ideias de colaboração, compromisso e ancestralidade, com as quais trabalho em toda essa pesquisa, da pesquisadora encarnada às (in) conclusões finais, encontram afago quando as entrevistadas começam a tecer suas teias colaborativas, o que notaremos ao longo de toda pesquisa.

Sobre as teias afetivas que alinhavam suas vidas, Sônia ainda diz:

Naquela época os vizinhos ajudava muuuuito, muito, muito... hoje é diferente, mas antigamente eu acho que era até mais fácil criar os filho porque os vizinho vinha sempre... “toma aqui que eu trouxe pra você”... vinha com um pouco de feijão né? Arroz não se tinha né, que era uma raridade comer arroz, mas tinha o feijão, matava um frango dava para... né, pra um pedaço, ou um prato feito que dava para todos filhos comer... (Sônia).

Mais à frente, continuaremos vendo a teia de colaboração e solidariedade sendo tecida ao longo das vidas das mulheres negras trazidas aqui, quando adultas, as lembranças utilizadas para (re) construir suas trajetórias profissionais continuam desenhando essa rede.

Quando o assunto foi a escola, diversos aspectos foram trazidos nas lembranças, o afeto encontrado na escola, a professora dedicada, a dificuldade de estudar no campo, bem como o compartilhar de materiais entre irmãos, remontam a trajetória escolar como fase de aconchego, superação e esperança:

[...] agora só que a escola era assim: como era, era roça, a nossa professora era a única fazendeira que tinha lá, a escola era situada naquele, naquele

arraialzinho da Fazenda deles... a gente estudava aí passava, todo ano, a gente passava de ano e voltava, repetia o mesmo ano porque não tinha... por exemplo, a gente estudava até a quarta, aí como não tinha paro ano quinta série, uma escola mais avançada, só era de primeira a quarta, a gente voltava e repetia a quarta série, todo ano isso, todo mundo todo mundo da família, aí quem foi Saindo, quem pode continuar e se formar, como três da minhas irmãs fez, e quem não pode, como eu, ir, mas as outras mais nova, ficarmos assim, mas graças a Deus que o que a gente aprendeu deu para a gente... (Marta).

[...] Aí eu estudava. eu estudava, minha mãe mesmo assim... eu estudava, eu estudava... Eu só compretei... fui até o segundo grau... [...] eu entrei no ginásio eu tinha... já foi atrasada, porque eu ficava de casa em casa né?! E eu como era a mais velha, ou sou a mais velha, então eu tinha que ir pra casa de um parente, que tinha uma condição melhorzinha, eu tinha dois filhos que trabalhava na Petrobras na época, então ele ajudava a minha mãe. Então pra ele ajudar minha mãe eu trabalhava na casa dele fazendo algum serviço, entendeu? (Sônia).

Seja Marta, que estudou até a quarta série repetidas vezes, seja Sônia, que concluiu seu ensino médio já na fase adulta, ambas demonstram a valorização da escola no sentido de suas alfabetizações e na perspectiva do uso social desta. Mais tarde, o uso desses conhecimentos alfabetizantes aparecem como premissa complementar para o seu saber-fazer viver diário. A leitura e escrita para Marta e a matemática aprendida de forma tão traumática para Sônia, são momentos que marcaram essa trajetória escolar e assinalaram sua importância na vida dessas mulheres:

Sempre repetindo, nunca perdia de ano, era só repetindo para não ficar sem estudar, entendeu? Aí tinha um caderno, era para família toda né, para quem estuda de manhã levava, de tarde, o outro que ia de tarde levava o mesmo, o lápis era o mesmo, tudo era a mesma coisa, mas graças a Deus... (Marta)

[...] quando eu comecei... que eu me lembro que com quatro ano que eu apanhei muito (risos), que por isso que eu sou boa em matemática (gargalhada)... (Sônia)

O importante era não parar! Não importa se dividiam o lápis e os cadernos ou se eram castigadas para aprender a tabuada, o que essas mulheres sabiam, cada uma com seu grau de consciência e possibilidades, é que estudar era uma estratégia que as ajudaria a se tornar quem são. Talvez até de forma intuitiva, a escola revelava-se aconchego e as fazia esquecer de tantas dificuldades, a professora fazendeira que abraçava as crianças para que não parassem de estudar e os professores que se mostravam mais afetivos àquela época, tudo pareceu ser um porto seguro quando não se tinha onde sustentar-se:

[...] antes sempre no colégio os professores daquela época participavam muito, muito da vida né? Quando a gente estudava, principalmente que não

tinha pai, não tinha mãe, que era criado com os outros né, aí eles cuidava muito da gente né eee, sempre aconselhando né? Ser uma boa filha né? Ser honesta, com as coisas, não pegar nas coisas do outro né? Tudo isso acho que influencia para o mercado de trabalho. (Sônia)

O saber que a escola trouxe para dona Sônia, marca a infância distante da mãe, que, separada de seu pai, e com dificuldades financeiras, precisou deixá-la “na casa de um e de outro”, como a mesma menciona na entrevista. Com isso, logo nova saiu a trabalhar em casa de parentes. Nesse sentido, a escola, na fala de dona Sônia, ocupou esse vazio infantil, esse espaço de referência, lhe produzindo sentido e valores morais para sua constituição enquanto ser no mundo, dando o colo de mãe que por vezes lhe foi subtraído diante das necessidades da vida.

Ademais, ambas sinalizaram os valores para o trabalho desde a infância, assim, mesmo sem perceber, estas mulheres negras, cheias de histórias, iam se fazendo ao longo de suas “nada moles vidas” como crianças esperançosas de um futuro honesto e trabalhador e, mesmo que por vezes tenham se angustiado diante de um futuro incerto, os ensinamentos do trabalho árduo foram pilares para que se tornassem, mais cedo ou mais tarde, donas e seus próprios negócios.

É mister, penso eu, que o destino das escovas não estavam traçados de forma lúcida na cabeça daquelas mulheres-crianças negras mas, desde os seus primeiros passos profissionais dados na dinâmica da necessidade, o trabalho com a beleza, a estética e o cuidado de outras mulheres esteve ali, lado a lado, na prática e/ou no ideal de cada uma delas, o que trataremos, entre outros detalhes importantes, no tópico seguinte.

4.3 Da dura infância ao casamento (do desespero): a saída de casa, o casamento e o trabalho.

Essas vidas negras, com infâncias pobres, mas cheias de valores, culminaram em vidas adultas cheias de altos e baixos, de muita garra e de muito trabalho. Marta e Sônia cresceram e, assim como a Maria do curta metragem *Vida Maria*²⁹, lhes restava o trabalho na zona rural e o casamento. Marta iniciou sua vida de trabalho na cidade onde nasceu, Santo Antônio de Jesus-BA e Sônia também na sua, Mata do São João, também na Bahia. Contudo, apesar das duas terem passado dificuldades e tristezas na infância, e o trabalho na roça fosse uma possibilidade real para suas existências, o caminho percorrido por estas diferem do da Maria do curta a partir da adolescência. Marta casou-se com aproximadamente 12 anos de idade, como ela mesma disse: “Casei logo. Fui morar junto logo”. Sônia mudou-se para São Paulo, quase que

²⁹ Vida Maria é um curta metragem com direção e roteiro de Márcio Gomes, lançado em 2007, que conta a história de uma menina de 5 anos que gosta de estudar, mas é obrigada pela mãe a abandonar os estudos para trabalhar na roça. Para ver o curta acesse: https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4.

acidentalmente, casando por lá aos 19 anos. Foram duas trajetórias diferentes que as levaram ao mesmo lugar e as desviaram do destino da zona rural a que foi fadada a Maria do curta metragem: trabalho duro, casamento, filhos e só.

Diante da entrevista de dona Marta , quando traz para o centro de sua narrativa o fato do casamento tão precoce, logo me parece que o casamento era uma tentativa desesperada de resolver os problemas de uma vida tão dura, sua fala me faz pensar em uma categoria advinda do seu saber sentidor: o casamento do desespero. Quando dona Marta diz: “comecei a namorar e aí, doida pra sair da roça né?”, me acometeu a reflexão de que o casamento do desespero muitas vezes é uma forma de sentir-se protegida, acolhida, de dividir com este ser (homem nesse caso) um pouco do peso de sua vida sofrida, realidade de muitas mulheres que lutam incessantemente pela existência e sobrevivência em uma sociedade machista, racista e patriarcal.

Outra alternativa, que soma-se à primeira, para o casamento do desespero, pode ser a desvalorização estética e afetiva que sofre a mulher negra e que imprime a solidão. Logo, soma-se ao casamento precoce o receio da solidão já que é verossímil na sociedade a preferência pelas brancas. Ana Claudia Lemos Pacheco (2008, p.13) trata em sua tese que a partir das representações sociais sobre a mulher negra, e dos estudos sobre a temática, no sentido afetivo amoroso:

A mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”; em contraposição, as mulheres brancas seriam, nessas elaborações, pertencentes “à cultura do afetivo”, do casamento, da união estável.

Ainda para explicar o porquê as mulheres negras serem preteridas às mulheres brancas, Pacheco (2008, p.26) reflete a partir de Fanon que:

A interiorização do racismo dar-se-ia pela negação histórico corporal-afetivo-sexual de si mesmo e do outro semelhante. A mulher negra e o homem negro, nesta lógica, construiriam suas subjetividades, desejos, escolhas afetivas, sexualidade, internalizando os modelos ideológicos de dominação colonial.

Parafraseando Sueli Carneiro (1995, p. 547), sabemos que é verdadeira a premissa de que as mulheres negras são desvalorizadas em todos os níveis sociais e que as mulheres brancas constituem o ideal de mulher perfeita, padrão de orgulho e desejo masculino. O fato é que já nascemos (mulheres negras) sabendo que nos consideram só carne, um corpo pronto a ser devorado e indigno de ser assumido e exibido como exibem as curvas dos corpos brancos e o

balançar dos cabelos lisos. Essa consciência que, explica em partes a solidão da mulher negra, também pode levar ao casamento do desespero.

Seja qual for a justificativa, o que a inexperiência e o desespero de dona Marta não a deixaram perceber é que este colo acolhedor seria uma passagem espinhosa em sua vida já tão sofrida, seu salvador era na verdade o seu algoz. Dona Marta viveu cerca de dezessete anos envolvida em uma teia de violência de gênero e doméstica e na sua cabeça pairava/paira a justificativa que nos é entranhada por uma sociedade machista e patriarcal: “Naquele tempo mulher casada tinha que ficar casada né, se fosse amigar ela tinha que ficar ali pa poder honrar o nome porque os nossos pais era muito severo” (Marta). Diante dessa realidade, Sueli Carneiro (2003, p.11) reforça:

O que já sabemos sobre a violência contra a mulher? Sabemos que o espaço privado, familiar, que deveria constituir-se no refúgio de paz das famílias é, por excelência, o espaço em que a violência doméstica e sexual tem o seu ponto mais alto de incidência. Perpetradores ou agentes do abuso sexual na maioria absoluta dos casos são maridos, companheiros, pais, padrastos, tios, ou outros membros próximos da família.

Além da justificativa acima dada por dona Marta, a mesma ainda atribuiu a violência de seu primeiro marido ao consumo de bebida alcoólica. Entretanto, a própria Marta chegou à conclusão que o álcool era só uma desculpa para que ele externasse seu comportamento agressivo:

Mais aí depois que casou foi que aumentou as briga, aí depois que casou ficou ciumento, agressivo, bebia muito... porque o que destrói um casamento hoje é a bebida porque, são duas coisa intolerante, é a bebida e o espancamento, mas o espancamento geralmente ele só... só ocorre mais devido bebidas né? Se o homem bebe, ele usa aquela bebida para fazer o que ele tem vontade: de espancar, de xingar, né isso?(Marta) [...] É, só usa o pretexto né? Se esconde atrás... no caso do meu era isso. (Marta, grifo da autora)

O ciclo da violência é mesmo tão opressor que nós mulheres, imbuídas em um sofrimento profundo e uma cegueira social que nos é imposta, arriscamos ir até as últimas consequências, mesmo que contrarie a nós mesmas e/ou a todos os avisos recebidos:

*[...] ele sempre bebeu. **Eu largava, voltava, largava, voltava**, porque eu não tinha pa onde ir com meus filho, aí ficava voltano.[...] (Marta, grifos da autora).*

*[...] agora **a mãe dele dizia** que isso era herança de família, né? [...] (Marta, grifos da autora).*

Mesmo que dona Marta, neste caso, se refira à sua vivência de agressão como “coisas daquele tempo”, o patriarcado embutido nas convenções sociais do dever e domínio feminino

continua fadando às mulheres ao sofrimento, sobretudo as mulheres negras, que se submetem e/ou são aprisionadas a relações vilipendiosas porque lhes ensinaram que era melhor estas do que nada, que seus corpos foram feitos para uso, abuso e açoite. É fácil perceber nas narrativas, e no dia a dia, que no nosso inconsciente feminino permanece o ideal de necessitar do homem para proteger-nos, para procriarmos, para prestarmos conta à sociedade perversa de que casamos e não somos árvores secas, e que no inconsciente masculino prevalece o ideal que que é superior a nós e dominador, elevando os casos de feminicídio e violência de gênero, esteja a mulher ciente ou não deste invólucro opressivo. A prova disso é o crescimento do índice de feminicídio, principalmente da mulher negra, como publicado pela IPEA 2018³⁰ (p.51) que diz que: “a taxa de homicídios é maior entre as mulheres negras (5,3) que entre as não negras (3,1) – a diferença é de 71%”.

Ao meu ver, esse ideal é tão entranhado em nossas subjetividades que perpetuamos meio que sem perceber ao longo de nossas vidas. Marta, quando sua filha, também em um relacionamento abusivo, quis se separar, aconselhou-a a não fazê-lo, afinal, o que seria dela separada e com 3 filhos para criar? Aqui, a prova de que libertar-se das amarras patriarcais e machistas que nos circunscreve é um exercício diário. Em sua narrativa dona Marta se dá conta deste processo, justificando-o pelo medo:

*Ele só nunca espancou, mas moralmente, assim ... com palavras maltratadas, humilhação, ele fazia muito a ela, aí quando ela fez 30 anos ela e disse: “minha mãe eu tô tentando... não aguento mais”. **Aí eu ainda me coloquei contra né, porque... com medo né?** Quando ela disse: “não mãe, eu não guento mais não...” (Marta , Grifo da autora).*

Sem perceber, a filha de Marta seguiu os mesmos passos da mãe: casou cedo, pelo desespero de sair da pobreza, envolveu-se em um ciclo de violência, teve filhos etc. E apesar de ressaltar o orgulho por sua filha ter estudado mais do que ela e a considerar muito inteligente, a própria Marta nos diz:

*... e minha filha casou com 13 anos porque morava na... Dias d’Ávila na casa de minha irmã [...] [...] **mas a vida era muito pobres né, elas tinham uma vida muito... de muita pobreza,** aí minha filha começou a estudar, era muito inteligente, era não é, e aí com 13 anos ela já estava na oitava série já, **daí conheceu um rapaz, casou**[...] (Marta , Grifo da autora).*

Dona Marta, em paralelo ao seu casamento precoce, ao ciclo de violência e a todas as demandas que o casamento exige da mulher (casa, filho, etc), constituía sua trajetória

³⁰ Instituto de Pesquisa econômica aplicada 2018. Para ver o boletim na íntegra acesse: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432

profissional trabalhando com familiares no salão de beleza da prima. Entre unhas e cabelos, dona Marta dividia seu cotidiano entre aprender fazeres que hoje transformaram-se na sua ocupação principal. A entrevistada relatou ainda que seu marido a espancava na porta do seu trabalho e que por esse motivo não foi possível continuar lá.

Foram algumas separações e tentativas de recomeços entre o casal, até que dona Marta encontrou outro trabalho com a ajuda da sua professora da fazenda (aquela lá da sua infância), que a indicou para trabalhar na clínica de fisioterapia de sua filha no centro de Santo Antônio de Jesus-BA. Dona Marta ia bem no serviço, segundo ela mesma contou, estava prestes a ser promovida da limpeza para o setor administrativo, mas as agressões do marido mais uma vez a impediram de alcançar este lugar:

aí eu comecei a trabalhar na clínica como já falei, como já citei, eu era auxiliar já tava passando, já tava fazendo... trabalhando né, tirando os trabalho de fisioterapia já, já sabia mexer nos aparelhos que aí com 3 meses eu ia... eu entrei como auxiliar mas eu ia ser promovida né, porque eu já fazia aqueles serviços, só que aí ele chegou pert..., perseguia, me perseguia demais no meu trabalho, aí eu tive que sair de lá, de Santo Antonio de Jesus com meus filhos e vim pra Salvador como eu já contei a vocês o que eu passei e... (Marta , grifo da autora).

E foi a partir do fim do casamento que Marta migrou de Santo Antônio de Jesus para Salvador, transitou entre Dias D'Avila até chegar em Camaçari -BA, na sua atual conjuntura. Em Salvador, Marta nos conta seu caminhar profissional:

Fui trabalhando em casa de família, doméstica, restaurantes, inclusive eu trabalhei no Agdá, trabalhei no Bargaço, de Leonel Brizola, não sei se vocês lembra... Leonel Brizola que matou...que morreu em Brasília, era dono do Bargaço, lá em armação né... eu trabalhei lá, trabalhei na Guidá, que era só frutos do mar, lá na orla de Salvador Iemanjá quando faltava uma eu ia lá pro Iemanjá também, aí minha carteira foi assinada, primeiro, na casa de famí..., nessa clínica, depois casa de família como cozinheira, doméstica, depois fui pros restaurantes. (Marta)

Sempre que perguntamos sobre trabalho, as entrevistadas questionam, em um tom inseguro, se estamos falando de trabalho com carteira assinada. A compreensão acerca do que é trabalho legítimo ainda se alicerça sob o ideal da carteira assinada, do trabalho regularizado para o estado, fazendo com que aquelas mulheres muitas vezes esqueçam-se, por alguns instantes, que são trabalhadoras por conta própria, donas de seus próprios estabelecimentos comerciais.

Fato é que dona Marta reúne em seu currículo pessoal e profissional diversos saberes que a constituíram enquanto dona de salão de beleza. O trabalho com a prima que a possibilitou aprender a fazer unha e iniciar o trato com cabelos, o trabalho como doméstica, onde relatou

ter aprendido muito sobre as relações interpessoais, a venda de picolé na praia, onde aprendeu a arte de negociar, o trabalho como cozinheira, até chegar ao seu próprio negócio.

Ao traçar o seu caminho profissional, após sua separação e imigração de Santo Antônio de Jesus, Marta revela a dor, os medos e a delícia de responsabilizar-se por si e ser livre. Ao falar de seu estabelecimento, é capaz de resumir toda a sua história de vida, sua luta e seus aprendizados. Quando perguntamos a ela, logo no início da entrevista, qual o fato mais importante de sua vida, emociona-se e diz:

*Foi eu conseguir... (choro/emoção) [...] **Trabalhar para mim mesmo.** Que...Tem 30 anos, nós sempre trabalhando no dos outros. Às vezes trabalha no a troco de um prato de comida [...] (Marta, grifos da autora).*

Mais uma vez, assim como na infância, a rede de solidariedade e afetividade tece-se na fala de dona Marta quando tenta nos explicar como aprendeu a mexer com cabelos. A constituição de seus saberes-fazerem deram-se nas suas marcas e a partir das redes que ela estabeleceu ao seu redor, a prima em Santo Antônio de Jesus, a filha de sua professora de infância e depois, já em Camaçari, as amigas e amigos que se fizeram na caminhada:

*[...] foi **Lu Lopes**, foi a primeira pessoa que me ajudou aqui, quando eu cheguei aqui. Aí ela me colocou lá em **Américo**, depois não deu certo aí eu vim pro salão dela e lá fiquei uns 6, 7 anos, saia, voltava, saia, voltava... e depois trabalhei aqui com **Natasha**, uns 3 anos e depois vim para aqui. Aqui, **a colega** me deu para poder ficar porque ela tem um bebê, teve um bebê, e aí tem que ficar em casa cuidando. E aí eu fiquei aqui, aí depois quando foi esse final de ano, Deus me concedeu a graça de começar a dizer assim: tá perto de realizar teu sonho! [...] (Marta , grifos da autora).*

Como já foi dito, dona Marta começou a trabalhar com cabelo na sua cidade natal, Santo Antônio de Jesus-BA, no salão de sua sobrinha. Por lá fez alguns cursos profissionalizantes:

“de... design de sobrancelha, eu tenho o curso de depilação, de maquiagem, de monte de coisas...” (Marta), mas ela disse que aprendeu “a vender, a comprar, a fazer tela, fazer Tic Tac [...] a colocar mega [...]”, com a amiga Lu Lopes: “ isso foi minha amiga que me ensinou...” (Marta).

O fazer diário de dona Marta é primoroso e de muita qualidade. Apesar dela mesma reclamar de que já não atua mais como antes, o material exposto é feito por ela e nos diz o contrário, demonstra bastante técnica e experiência acumulada durante tantos anos de prática e aprendizado. O trabalho dela requer a técnica, mas requer também muita atenção, envolvimento e dedicação e ela orgulha-se em dizer que faz questão de produzir suas próprias telas de cabelo: “eu faço tela por tela separada para depois montar e esse trabalho é... muita habilidade nos dedos... ”.

O saber-fazer desta mulher carrega em si múltiplas formas de fazer-se mulher negra na informalidade do ser-viver-fazer. Atravessa todas as fases de sua vida, desde a infância cheia de dificuldades e de afetos que lhe impulsionaram a (re) fazer-se, até a vida adulta que permaneceu no *continuum* da rede colaborativa-afetiva e de marcas que lhe conduzem ao aprendizado constante, inclusive na vida profissional e no (re) inventar de si mesma.

Outra associação feita por dona Marta, a partir de suas lembranças foi referente à sua migração de Santo Antônio – Salvador que, apesar de lhe significar certa liberdade do ciclo de violência e opressão que vivia, lhe fadou a se separar de sua filha, fato recorrente entre as mulheres pobres, sobretudo as mulheres negras, já que ainda somos a classe social à margem hoje. A necessidade de trabalhar associada ao medo dos perigos que correm os corpos femininos negros, impulsionaram-na a deixar sua filha com uma irmã:

*[...] morava na... Dias D'Ávila na casa de minha irmã, eu deixei ela lá, minha irmã pediu, porque como eu trabalhava de noite...**pra não deixar minha filha ficar aí, no quarto sozinha né, em Salvador.** (Marta , Grifo da autora).*

Na fala de dona Marta, o estar longe da filha revela não só sua necessidade de sobrevivência, dela e de sua filha e seu filho, como os medos que a levaram a essa decisão dolorosa de afastamento. Os medos de uma possível violação ao corpo de sua filha mulher negra, revelam o peso do machismo que delega sob as mulheres a total responsabilidade da maternidade e o desespero diante da certeza de que mulheres (as negras então...) não possuem seus corpos salvaguardados e respeitados. A consciência, que nem sempre vem acompanhada de um repertório teórico que a explique, revela-se através de atitudes e falas como esta de dona Marta , quando a mesma não confiou em deixar sua filha sozinha enquanto precisava trabalhar, pois ela sabia dos riscos que o corpo feminino de sua filha negra corria, ainda que em território conhecido (casa de sua prima).

Para além desse iminente desespero, essa realidade de Marta reforça o que preconiza o feminismo negro sobre a realidade feminina negra, que mulheres negras, muitas vezes solitárias e chefes de família, são símbolo de luta, garra e trabalho e que, desde sempre, mostram que são elas que carregam suas famílias. Ainda assim, mesmo estando mais madura e já com 36 anos, o cansaço na história e no corpo de Marta a direcionou ao seu segundo casamento, agora já em Salvador e com um homem bem diferente do primeiro marido. Novamente o casamento do desespero aparece como solução e descanso. As incertezas, a labuta diária, o viver trabalhando em troca de comida, a distância da filha, revelam-se na sua fala como motivos para casar-se pela segunda vez:

*Quando..., quando eu comecei trabalhar numa faculdade em Salvador, de auxiliar de limpeza, aí depois trabalhando nessa faculdade, aí eu vindo para Dias D'Ávila final de semana que conheci uma pessoa, essa pessoa que é meu marido hoje. Aí como eu vivia de favor lá né, aí ele pediu logo em casamento (risos)... **Eu não tive outra opção pra não aceitar né?! Vivia nas casa dos outros, queria ter uma casa, eu não pensava... eu não... nem sonhava fia de ter casa... eu acho que eu teria né, porque hoje com minha casa, minha vida todo mundo tem né? Eu acho que eu não ia ser diferente, eu ia ter, mas naquele momento eu precisava da ajuda, de ajuda, eu precisava de um lugar para eu botar a minha cabeça.** (Marta, grifo da autora).*

Apesar dos motivos para o casamento parecerem os mesmos, dona Marta relata uma relação bem diferente com o segundo marido. Há cerca de 21 anos casada, denota em sua fala, em algumas passagens da entrevista, o companheirismo e a parceria desse segundo marido. Apesar de ressaltar que “Tem as brigas, as confusões de marido e mulher [...]”, ela deixa claro que é tudo dentro da normalidade e que sua postura também mudou frente à vida e a forma de se relacionar:

*É como eu digo, eu tenho os momentos bons, os lados bons e ruins né?, aqueles dias, da estresse do dia a dia, porque as vezes a gente diz assim: fulano tá nervoso, fulano fica desempregado e fica nervoso né? Ele tá trabalhando, o cansaço deixa nervoso **mas, ninguém, é obrigada a tá tolerando mais isso, essas coisas não existe, mulher mais...** Ele toma cerveja, só cerveja, final de semana. (Marta, grifos da autora).*

Quando o assunto é o seu empreendimento, seu marido também aparece como apoio importante na realização do seu sonho:

*Pra começar a venda de cabelo foi ele que ajeitou o dinheiro pra mim, que ele tava trabalhando numa empresa que levou um tempo, aí quando ele saiu que recebeu os tempo foi que ele me deu. **E sempre tá me ajudando, ajudando a criar meus netos**, porque meus filhos já são criados, mas minha filha como tem quatro filhos (Marta, grifo da autora).*

Apesar da infância pobre que unem as duas mulheres desse estudo, Sônia foi para São Paulo em missão da igreja e por lá permaneceu, onde trabalhou como doméstica e, após conhecer o homem que viria a ser seu marido, casou-se com 19 anos. Ao ser questionada sobre o fato mais importante de sua vida, sem muita delonga dona Sônia respondeu:

Quando eu me divorciei acho que foi um momento marcante, porque a gente casa e nunca pensa assim numa separação, acho que acontece com os outros e não vai acontecer com a gente... então foi um momento marcante (Sônia).

Após 22 anos de divórcio, a marca da separação permanece na vida de dona Sônia como algo indigesto. Ela casou-se apoiada nos ideais de sua religião (evangélica) e preparou-se para

uma vida inteira ao lado de seu marido que, até então, com 24 anos de convivência relativamente boa, não lhe parecia insatisfeito ou com desejo de separar-se.

Dona Sônia nos contou que começou a estudar a bíblia ainda nova e a partir da influência de seus tios, deixou o segmento católico e passou a dedicar-se à religião Testemunha de Jeová:

*[...] Antes nós erámos **católicos praticantes**: íamos para missa, comungava, fiz primeira comunhão, tudo isso... (Sônia, grifo da autora).*

[...]Eu fui morar com um tio que era Testemunha de Jeová, e daí eles me levaram né, e daí eu comecei a... quer dizer, mas antes quando eu morava com minha avó paterna, que meu pai faleceu, minha avó era da Assembleia de Deus e eu lia muita bíblia pra minha vó, entendeu? Isso daí foi...abrindo a mente né?! (Sônia, grifo da autora).

*Com 13 anos, de 13 anos até hoje... eu tenho 63 anos, faço 64 agora em junho, sou **Testemunha de Jeová!** (Sônia, grifo da autora).*

Esse saber religioso, e ancestral, sobressai na fala de Sônia como condição *sine qua non* de formação de si e suporte para sua vida e suas dificuldades. Aproveitando essa deixa, a professora Suely perguntou se a sua mãe, como vendedora de acarajé, não fazia parte do Candomblé e dona Sônia respondeu:

*[...] eu tava pensando nisso aqui. A família da minha mãe, toodos, quase todos, era do candomblé. **Éee, minha mãe ela não era assimmm praticante, mas ela gostava de estar no meio né**, geralmente tinha aquelas festa né deles, ela tava ali, a gente também. (Sônia, grifo da autora).*

De pronto, pudemos perceber que as religiões de matrizes africanas continuam sendo tabu e motivo de constrangimento para muitas pessoas. A ideia demonizada sobre o Candomblé não é coisa de um passado retrógrado, senão de um presente retrógrado repaginado. Quando o assunto é “o que penso sobre o candomblé”, Sônia continua:

*O Candomblé... veja, é uma coisa assim eu respeito né, o que as pessoas querem ser, o que gostam né, masss, **hoje eu encaro como uma coisa assim.. nããã bem vista pelo Criador**, entendeu? Eu encaro assim. (Sônia, grifo da autora).*

[...] Eu me dou com todo mundo: com espírita, com...(risos/ruídos) com qualquer outro, homossexual, com lésbica... eu não tenho essa coisa de preconceito não... . (Sônia).

O “eu me dou com todo mundo, mas...” também pode ser percebido na fala de dona Marta, que quando interpelada se segue alguma religião, disse:

*Eu não critico nenhuma, num... não digo a vocês quee.. **tem algumas que... que eu num... mas eu fico assim... para mim mesmo.**[...] (Marta , grifo da autora).*

*[...] Não tenho nada contra nenhuma, **agora a minha é a católica.** Se um dia eu for, eu vou pa a igreja da minha filha (risos). Aí ela fica mais feliz ainda. (Marta , grifo da autora).*

Segundo dona Marta , se tiver que ir para outra religião irá para evangélica por causa de sua filha, já dona Sônia relatou que algumas pessoas da família de sua mãe continuam seguindo o Candomblé, mas ela demonstra estar satisfeita como Testemunha de Jeová.

Citando a sua separação como fato mais marcante em sua vida, Sônia nos explicou como se deu o processo de mudar-se para São Paulo, conhecer seu marido e sua trajetória profissional. Foi para São Paulo com 17 anos, em uma missão da igreja e, corajosamente, decidiu estabelecer-se por lá por incentivo e acolhida de uma amiga:

eu tinha uma amicíssima lá, que morava lá, tava casada e tudo, aí eu achei bom e fiquei com ela... pronto. Aí depois nos reencontramos né, eu indo pro Salão do Reino encontrei com ele lá no Salão do Reino aí começamos a namorar... (Sônia).

Desse encontro dona Sônia casou, teve 4 filhos e iniciou sua trajetória de trabalho em São Paulo. Quando perguntamos a ela sobre seu primeiro trabalho, a resposta automática foi:

***Foi mesmo com cabelo... eu fazia chapinha né, chapinha.** E em São Paulo as pessoas davam muito valor né E não era cabelo “carapinha” não, era cabelo mais ou menos, e é bem caro lá, eu comecei a fazer, fazia fiila assim de carro pra eu fazer um cabelo né, era baiano... (Sônia, grifo da autora).*

Quando falou do “cabelo Carapinha” questionei sobre o que seria e, apontando para seu cabelo, ela disse que “Carapinha é um cabelo como o meu, crespo, duro (gargalhadas)”. A marca do “cabelo duro” e o saber-fazer do alisamento, como técnica para “ficar bonita” nos lembrando mais uma vez do nosso ideal de branqueamento perpetuado com a miscigenação. O padrão branco, cabelos alisados, a aceitação social, ainda nos mobiliza. Dona Sônia disse que começou a alisar os cabelos desde cedo: “Isso já faz pequena, geralmente commm 10 anos **você já começa a... novinha....**” (Sônia, grifo da autora). Essa prática foi descrita pela entrevistada como o momento de ficar bonita:

*Nós se sentia bem... **a gente ia ficar bonita né?! Cachear o cabelo né, deixar o cabelo cacheado, cacheado mesmo** (risos) (Sônia, grifo da autora).*

Seja pelo ideal do branqueamento ou pela simples repetição de padrões e saberes ancestrais, dona Sônia aprendeu na sua infância, com a sua mãe e com o embelezar de si e das

outras, o ofício que lhe transformaria em dona e proprietária de seu salão de beleza. O esquentar do ferro, a chapinha, fizeram com que Sônia desenvolvesse habilidades para trabalhar com cabelos e beleza de mulheres. Da chapinha dada no quintal de casa na infância, vieram as chapinhas, também no quintal de casa, na fase adulta, já casada e em São Paulo. Assim, do esquentar da chapinha, do saber-fazer estirar os cabelos, vieram os pedidos de cortes, escovas, etc.:

“Aí eu fazia, aí as pessoas vinham e queria que eu cortasse, aí eu fui pra... fazer o curso, aí eu fiz curso de cabelereira” (Sônia).

Esse fazer na cidade de São Paulo, rendia um bom dinheiro a dona **Sônia**. O fato de ser baiana, segundo ela, influenciava na valorização e reconhecimento do seu trabalho:

“[...] como baiana eles dão mais valor né, porque baiana que sabe né, fritar chapinha...” (Sônia).

Um fato que me chama atenção é que ao relatar sua trajetória profissional, ela refere-se que a iniciou em São Paulo, sem se dar conta, assim como Marta, que sua história profissional começou lá atrás... quando ajudava sua mãe a carregar as roupas que ela lavava de ganho e, posteriormente, na venda de acarajés. O corre-corre da sobrevivência as vezes leva as pessoas a fazerem suas trajetórias de vida de forma automática e até elas não percebem o quão profundas são suas raízes e quão anteriores se desvelam a construção de seus saberes:

*[...] eu tinha mais ou menos 8 anos [...] Ajudava... eu ia pegar as roupas, as roupas, **eu ia pegar as trouxa de roupa...** morrendo de vergonha eu ia com aquela trouxa assim... e agente com o pescoço assim enterrado né? Um peso danado, quando a gente chegava assim já jogava, não tinha nem força... [...] (Maria, grifo da autora).*

Ao nos contar como ajudava sua mãe no trabalho quando criança, Sônia nos ensina que é a cabeça que aguenta o peso: “porque na cabeça que guenta o peso né? Carregava muita água também para lavar roupa, tinha que carregar água...” (Sônia). O peso da roupa, o peso das responsabilidades, o peso da mulheridade, o peso das conquistas...essas mulheres mal percebem que carregam na cabeça e na alma o peso, mas também a garra e a força, de serem quem são.

Sobre o período que sua mãe foi embora para Camaçari-BA, Sônia ainda relembrou de seu trabalho junto a sua mãe na venda de acarajés:

*Aí depois aí minha mãe saiu de Mata pra vim morar aqui em Camaçari, ela foi a primeira vendedora de acarajé, aqui né, aí a vida foi melhorando, foi melhorando nós fomos ajudando né, **eu como filha mais velha fui ajudando** [...] (Sônia, grifo da autora).*

[...] Ajudava na lavagem dooo, feijão, da tapagem né, e.. eu passava o amendoim também e as vezes eu tinha que.../ela fritava e eu tinha que despachar, eu ficava tomando conta, morrendo de vergonha (gargalhadas)... (Sônia).

Neste relato, dona Sônia se deu conta de que nesse processo ela já ia se constituindo boa negociante, pois fazia vendas, passava troco e aprendeu, ainda que envergonhada, a interrelacionar-se com as/os clientes com quem precisava dialogar e despachar os acarajés. Esse saber da prática culmina em um saber quase intuitivo no seu fazer diário, onde precisou utilizá-los para prestar seus serviços como cabelereira, fidelizar sua carteira de clientes, colocar preços nos seus serviços e mercadorias etc...

De forma geral, dona Sônia passou 22 anos em São Paulo, dividindo sua vida entre o trabalho doméstico, a criação das/os 3 primeiras/os filhas/os, seu salão em sua própria casa e as faxinas que fez quando a situação financeira do marido não ia bem. Após esses proveitosos 22 anos, ela voltou para Camaçari-BA onde colocou uma loja de cosmético e um salão com o seu marido:

Aí tinha a looja né? Que vendia shampoo e todos os produtos de cosmético, e tinha um salão onde eu trabalhava e trabalhava mais com outros funcionários, aí trabalhava, trabalhei aqui assim. Aí depois eu deixei/engravidiei aí o médico pediu/porque eu trabalhava com muita química/aí o médico pediu para eu deixar um pouquinho as química né, aí eu deixei, fui para casa e depois de dois anos, aí eu voltei a trabalhar novamente [...] (Sônia).

Após essa fase é que veio a tão traumática separação. Dona Sônia nos contou que foi quando seu filho mais novo tinha 6 anos: “[...] elee se engraçou com a funcionária (risos), foi embora (gargalhada)” (Sônia). Ela relatou que sofreu muito, mas que teve de dar a volta por cima porque ele passou a não ajudar em casa e foi quando seu fazer de cabelereira voltou à tona e passou a ser o seu sustento:

Aí eu tive, aí ele começou a não dar as coisas em casa, então eu tive mesmo que mandar a ver né, tive que trabalhar. Aí eu comecei indo nas casas, fazer o serviço nas casas, pessoas que já conhecia meu serviço, aí eu fazia nas casas. (Sônia).

[...] e aí eu comecei a trabalhar né pra comer... Tinha que trabalhar para comer, comecei a trabalhar, fazia isso/ fazia trabalho nas casas das pessoas assim de coisa, fazia também... ia lavar, ia passar, ia faxinaaar... ia fazer tudo... o que precisasse de mim eu tava ali praa receber um trocado. Nisso minha filha tava fazendo curso, e precisava de dinheiro para condução, aiii, eu tinha que fazer mermo, todo dinheiro era pra condução. (Sônia).

Dona Sônia conta com orgulho que o esforço que fez por sua filha valeu a pena e que ela alcançou um belo lugar:

Elaaa..., na época ela faziaaa eletrônica, eletrônica é... que ela já tinha a contabilidade, ela já tinha o curso de contabilidade, tava fazendo, fazendooo eletrônica porqueee, ela disse que quando chegasse a Ford ia ser mais fácil, né? Realmente, foi mais fácil para ela, porque aí a Ford chegou, elaaa foi trabalhar na Ford, e da Ford, teve um curso lá dentro para quem tinha curso técnico como bem eletrônica, ela fez o..., lá o teste, passou em primeiro lugar lá e daí já já subiu já saiu da linha, já foi ser mais elevado, daí/ só que eles disseram que para ela continuar precisaria um curso superior, aí ela fez engenharia. Ela fez engenharia, telecomunicação... e hoje ela é supervisora da Ford, já viajou, já foi trabalhar na Ford lá de dos Estados Unidos, fez intercâmbio na Austrália... Então aí a vida foi melhorando né? (risos). (Sônia).

Como se não bastasse todo o esforço solitário de dona Sônia para seguir e vencer na vida pós separação, ela nos disse que o ex marido, não satisfeito em traí-la com uma funcionária da loja, sair de casa e deixar de ajudá-la, ainda quis inverter os papéis:

Não dá despesa, ele não deu despesa, e depois ainda ele mesmo foi pra justiça. Chegou na justiça, disse queeee... acho que ele achou que ia chegar lá ia dizer assim: “ abre qualquer trocado aí para ela”. Aí a promotora estipulou que ele deveria dar para mim R\$ 500,00, naquela época... era pra 22 anos atrás né, era muito dinheiro. Aí ele chorou chorou, aí ficou acho que por metade, R\$ 250,00, só que esse R\$250,00 ele só deu uma vez, dividido em quatro vezes. A segunda vez ele deu metade, na terceira vez já não deu mais [...] (Sônia).

Ao perceber que não receberia a ajuda estipulada na justiça, dona Sônia procurou a justiça, mas acabou deixando para lá uma vez que o ex-marido alegou estado de pobreza, então decidiu seguir a vida como já vinha fazendo, mesmo sem a ajuda deste. Aqui, mais uma vez, podemos retomar o perfil da mulher negra que é arrimo de família, força e porto seguro, ainda que solitária no campo afetivo amoroso. A maturidade e resiliência de dona Sônia para prosseguir após desfeito um laço que ela esperava ser eterno, chamou-a à responsabilização de si e independência emocional, proporcionando à mesma enxergar outras possibilidades e outros caminhos, reinventando-se diariamente.

Ter o seu salão de beleza, empreendimento próprio, veio como uma oportunidade. Dona Sônia que já trabalhava por conta própria desde sempre, já tinha seu salão de beleza no quintal de casa, abraçou a oportunidade de comprar o seu ponto comercial na mão de seu irmão. Seu irmão, que trabalhava na Feira, não quis mudar-se para o espaço do Camelódromo (após sua construção) e cedeu seu ponto ela. Após árduos 5 anos de trabalho, comprou o ponto e seu negócio só expandiu, hoje, ela possui o equivalente a dois pontos no Camelódromo, onde unificou-os e construiu seu salão de beleza.

Dona Sônia relatou a diferença para seu negócio entre trabalhar em casa e ter um ponto comercial:

A diferença que o número deee, de de pessoas que você atende é bem mais. Agora não que caiu mesmo né, assim... mais antigamente você não podia nem tá conversando comigo, porque era cheio mesmo, era lotado, era MUITA gente. E ainda tinhaaaa, um sócio que é o dono daqui, que ele trabalhava muito bem entendeu? Eeee... a gente não parava, até pra comer era uma correria... E agente trabalhava até quinze pra meia noite. (Sônia).

A queda no número de clientes, segundo ela, deve-se à crise política que se instaurou no Brasil desde 2015³¹, algo que dona Marta também mencionou em sua entrevista:

Menina, começou a diminuir... faz mais ou menos, aqui é o quê... unns... 5 anos. Cinco anos, foi que começou a diminuição, entendeu? embora eu atendo, eu tenho cliente né? (Sônia)

No segundo mandato foi que as coisas vieram... né? Mas na época mesmo do, doo Lula, ou do primeiro dela, do primeiro mandato dela que ainda tava valendo mais ou menos, então tava indo muito bem, a gente trabalhava muito bem aqui, tantoos nós, como as menina que é manicure, tinha duas manicure pa você ter uma ideia, no salão, duas manicures. E... não davam conta das pessoas, tinha que trabalhar... (Sônia)

Minha filha, é assim, eu não gosto nem de falar, porque eu sou microempreendedor individual, mas devido essa crise que começou em 2015, meu marido se desempregou, ficou dois anos, minha filha doente como eu já contei a história vocês [...] E aí, eu vivia bem, direitinho, tinha pagado minhas coisas tudo certo, meus coisa de banco, meu material tudo certo, meus trabalho de banco, tudo certinho, mas depois que aí aconteceu isso tudo, aí eu não pude mais pagar o INSS [...] (Marta)

Na verdade, a crise política e financeira forjada para embasar o golpe parlamentar, desestabilizou o País em todas as suas esferas sob a justificativa de ajustes fiscais para recuperação da economia nacional, fato que não aconteceu até os dias de hoje e continuam oprimindo as classes sociais menos favorecidas e a economia informal. Diante desse contexto, apesar do imenso eco que as vozes produzem no camelódromo, é perceptível que a utilização e compra dos serviços não acontecem na mesma proporção que o entra e sai de pessoas naquele ambiente.

Até os investimentos nos seus negócios estão acontecendo em menor escala, fazendo com que as trabalhadoras por conta própria improvisem no seu fazer diário, reinventando-se frente à crise econômica. As entrevistadas agradecem a carteira de clientes fidelizadas, mas

³¹ Momento de crise política em que se mobilizava o golpe parlamentar de 2016 que depôs a presidenta eleita, Dilma Rousseff, acarretando na assunção de Michel de Temer. A partir desse movimento, as classes sociais menos favorecidas, e sobretudo as mulheres, começaram a sentir os impactos negativos da retirada de direitos e garantias sociais (BIROLI, 2018).

admitem que já não usufruem de certos privilégios que antes tinham com o suor dos seus trabalhos como revela dona Sônia:

Antigamente a gente saia final de semana... quando saia aqui do salão, ia todo mundo prooo barzinho e tudo né, e hoje já nummm pode. Hoje assim, quando sair daqui vai pra casa mesmo (risos) Ahhhii... (Sônia).

O que resta a essas mulheres negras, donas de si e de seus próprios empreendimentos, senão a luta e labuta diária para sustentar tudo o que construíram com o suor dos seus rostos e com as marcas que lhes compõem? Ao fim, a emoção e o orgulho identificados ao longo de toda entrevista merecem uma sessão à parte porque nos diz dessa mulher negra que aprende a levar nas costas o peso do mundo e as cicatrizes da escravidão que lhe exigem vestir uma carapaça dura, resistente, a que tudo aguenta e suporta, mas que apesar de desenvolver todas essas características, é corpo, orgulho e emoção.

4.4 A emoção e orgulho de tornar-se quem é...

Em seu texto, Vivendo de amor, bell hooks (p.4) nos indaga sobre a necessidade de ser forte a qual as pessoas negras carregam consigo: “E se tantas crianças negras aprenderam desde cedo que expressar as emoções é sinal de fraqueza, como poderiam estar abertas para amar?” A autora nos diz da necessidade que as pessoas negras, sobretudo as mulheres negras, têm de manterem-se fortes a todo instante, como se expressar suas emoções, suas fragilidades e/ou pedir ajuda, as tornassem frágeis e impotentes diante da vida.

Eu não pude deixar de tomar esse texto de empréstimo porque a todo instante nas entrevistas, principalmente de dona Marta, as mulheres negras entrevistadas ao compartilhar suas histórias e se emocionarem com suas dores e conquistas, pediam desculpas, seguravam o choro e suas emoções, como se isso as fosse deixá-las vulneráveis, enfraquecer e descreditar suas personalidades fortes e guerreiras.

Ao recordar sua trajetória profissional, as dificuldades enfrentadas, todas as coisas que teve que fazer para sobreviver, dona Marta não consegue conter a emoção e diz:

... Já vendi até picolé na praia, mas deu certo. Eu tenho muito orgulho de dizer isso... (choro)... eu sou muito chorona, sou muito chorona... (Marta, grifo da autora).

No fim de sua entrevista, mais uma vez Marta sentiu necessidade de justificar suas emoções:

Peço desculpa a vocês porque eu sou chorona mesmo... (Marta, grifo da autora).

[...] Porque eu tenho essa filha com problema de saúde, perdi um irmão tem poucos dias, aí eu ainda não me recuperei, a sensibilidade tá à flor da pele. (Marta , grifo da autora).

Com um perfil mais reservado, mais contido, Sônia segurou mais a emoção, mas não deixou de demarcar aquilo que aprendemos (nós, pessoas negras) desde criança:

Naquele tempo a gente tudo bom né?... porqueee... era uma pobreza né, extrema, mas você gostava, não tinha cadeira, não só era uma mesa de, de, de... madeira e... tem um banco comprido e você tava ali, e você brincava, então vocêee, não achava nada de ruim, tudo era bom. Então.... (Sônia).

Nesse quesito, a dor e a delícia de ser o que se é, revelam-se em um saber Sentidor que traz na fala, no corpo e no ofício dessas mulheres, pegadas firmes e choro preso de quem nunca pôde “baixar a guarda”. Mesmo assim, essas mulheres mostraram-se guerreiras e eternas aprendizes na estrada de serem quem são. Suas vidas, seus saberes e seus fazeres, entrelaçam-se em um *continuum* devir de lutas e reinvenções que as definem como donas de si e de seu caminhar. Assim como a busca de seus próprios fazeres, seus próprios negócios, suas identidades autofirmam-se no engrenar de todas essas coisas e não apenas em si mesmas.

(IN) CONCLUINDO A PESQUISA

A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

(Conceição Evaristo, 2016, p.13)

Conceição Evaristo, em *Olhos D'água*, ao potencializar as vidas periféricas de mulheres negras e periféricas, leva sua personagem-narradora a questionar: “qual a cor dos olhos de minha mãe?”. A resposta na epígrafe acima nos diz da complexidade e profundidade de ser mulher negra, da dor e da delícia de (re) existir diuturnamente, (re) construindo-se em terreno minado e ao mesmo tempo mantendo a doçura do esperar, sem perder a potência do transgredir. A calma dos olhos umedecidos escondem em sua profundidade as tristezas e alegrias de subjetividades forjadas nas águas que contornam os obstáculos no seu (es) correr pela vida.

Essas subjetividades negras, habituadas a viver na profundidade do saber-fazer e existir, rejeitam todo tipo de superficialidade que as tome como frágeis e incapazes e, apesar dos olhos encharcados e corpos cansados, revelam-se potências transgressoras que transmitem de geração a geração a força necessária para ser quem se é. Acreditando nessa assertiva, o intuito nesta pesquisa foi, antes de mais nada, o de não permanecer na superfície das análises e apresentar vidas negras vivas e suas estratégias de (re) existência.

Nesse sentido, pus-me nessa tarefa árdua de fazer pesquisa partindo do lugar de pesquisadora Encarnada e Sentidora, e pude ver a cada instante da pesquisa a cor dos olhos de cada mulher entrevistada, seja no momento da aplicação dos questionários ou na seara do partilhar das histórias de vida. Olhos brilhantes das águas que lhes lavam a alma, profundos como um oceano que abarca tantas surpresas e desafios.

Partindo da premissa do não esgotamento das reflexões que apresento aqui, uma vez que a riqueza de dados nos permite explorá-los considerando diversos outros pontos de vista, coloco-me ao fim deste caminhar na posição de retomar nesta sessão os objetivos propostos e as considerações sobre o que alcancei do ponto de vista feminista por coadunar com a percepção da colega Amanaira Miranda (p. 38, 2019) de que “o feminismo tem a ver com ciências dos

sujeitos múltiplos, com um posicionamento crítico do espaço social heterogêneo e marcado pelo gênero”.

Distribuída em quatro capítulos e algumas subseções, ao buscar perceber e refletir sobre a construção das subjetividades e do saber-fazer das mulheres negras no mercado informal de Camaçari-BA, eu não tinha dimensão das descobertas epistêmicas que faria nesse caminho. Primeiro, a possibilidade de escrever em primeira pessoa e buscar em mim, no meu interior, as razões que mobilizaram minhas escolhas e fazer científico. A catarse da pesquisadora Sentidora me permitiu o despertar para uma pesquisadora Encarnada que esteve em mim desde que ingressei na graduação, ou antes disso, mesmo sem que eu me desse conta.

Para além disso, a proposição da pesquisadora encarnada enquanto exercício teórico-metodológico que descortina a possibilidade do fazer pesquisa sensível e sentidora, permitiu-me entrelaçar dados quantitativos e qualitativos de forma que ambos se complementam e fortalecem o debate sobre a mulher negra e suas formas de (re) existir, através de gráficos, números e subjetividades narradas e rememoradas, processo capaz de atribuir sentido e sensibilidade a toda análise realizada sem a rivalidade científica que compõem os modos tradicionais de fazer pesquisa. Aqui, ao meu ver, os dois puderam misturar-se em um processo alquímico e homogêneo, generoso e sensível.

No capítulo I, a metodologia foi exposta de forma a desenhar o percurso metodológico que foi trilhado. Primeiro refletimos sobre o processo longo e intenso do estado da arte, o qual expandiu minha consciência para importância de catalogarmos o que se tem falado sobre o que propomos estudar e contribuiu em muito para o fortalecimento de meu referencial teórico. Neste momento, desde o tomar as decisões sobre os descritores e a forma como os dados seriam articulados, o processo científico do fazer pesquisa sensível exigiu técnica, crítica e sensibilidade para o aproveitamento dos dados da melhor maneira possível.

Nesse processo, o conceito de saber-fazer imbricado às relações de gênero, mostrou-se para além do sentido técnico e/ou atitudinal, permitindo-me adotá-lo e explorá-lo na perspectiva do saber-Sentidor e do fazer das subjetividades que se liga ao sentido do saber-fazer que propõe o *modus operandi* do cacete armado, o modo do improvisado, o saber-fazer que se reinventa diante da necessidade e desafios. O saber-fazer Sentidor das subjetividades negras alicerça-se nas marcas do sentir diário e ancestral dessas mulheres negras que utilizam-se de suas marcas para reinventar e improvisar, para (re) existir,

O saber-fazer desenvolvido no trabalho por conta própria de Camaçari por parte das mulheres negras pesquisadas, revela-se como formas outras de existir em uma sociedade capitalista, desigual e patriarcal, que estrutura e designa nossa conduta e forma de viver de

forma indigna. O *modus vivendi* e *modus operandi* da vida dessas mulheres e de seus empreendimentos, em sua maioria, organizam-se como suas vidas, um cacete armado, baseado na memória de suas marcas e na base do improviso diário, gerando resultados de vidas e ações que se articulam nos seus saberes e vivências, transgredindo e autoafirmando-se, como nos respondeu dona Sônia quando questionada se a ideia do cacete armado seria negativa ou positiva em sua vida:

Não, não... eu acho bom. E eu tenho coragem de fazer isso... eu penso de sair daqui, ir para o interiorzinho e colocar um negócio, montar um negócio eeee trabalhar, eu eu penso. Eu penso seriamente de sair de cidade grande para cidade pequena e lá começar novamente, nova vida, mesmo com essa idade.

A ideia do cacete armado surge como fator de coragem e impulsionamento aos riscos necessários de (re) existência das vidas negras aqui compartilhadas. O reinventar-se e adaptar-se cotidianamente às suas necessidades, oportunidades e/ou exigências do mercado induz ao improviso e inventividade no intuito de ser cada vez melhor:

Isso porque você tem cliente de todos os tipos né? E tem aqueles clientes que é mais exigente né? Então você pensa se tem condição, o cliente tá vindo então você tem que dar é... o melhor para ele, aí foi que a gente pegou e comprou e começou com os armários, começou até os produtos né? Começou a ter produtos melhores né, então...

Ainda no campo metodológico, considero que a escolha pelas histórias de vida configurou-se como certa, pois me permitiu perceber as emoções e nuances de cada vida e mergulhar no mar dos olhos de cada mulher entrevistada, que ao exercitar a autorreflexão e resgatar suas memórias, puseram a si, a mim e a todas as mulheres de olhos brilhantes de frente ao espelho, chamando à responsabilidade todas, e cada uma de nós, no intuito de transgredir o que está posto e rejeitar o estereótipo de fracassadas que o sistema patriarcal, capitalista e racista insiste em nos atribuir. Reforço ainda que este traçado metodológico contribuiu para cumprir o objetivo da pesquisa em manter uma maior aproximação com as mulheres negras voluntárias da mesma e fortalecer os dados quantitativos coletados, além de desconstruir a celeuma cartesiana da imposição de um método de pesquisa sobre o outro, baseando-se na sensibilidade como eixo norteador do fazer científico.

Os capítulos II, III e IV se propõem à leitura e reflexões sobre os dados que sustentam essa pesquisa. No capítulo II, foram realizadas reflexões acerca do Estado da Arte, sobre as quais temos a prevalência da atribuição de determinadas atividades, ditas femininas, as mulheres coadunando com o mito da fragilidade feminina. Ademais, nesse processo foi possível perceber a pouca exploração e uso da categoria saber-fazer, o que me permitiu explorar e extrapolá-lo na minha proposta de pesquisa, algo que deverá seguir em construção. As relações

de gênero também foram problematizadas, entretanto, identifiquei a ausência de alguns referenciais importantes nas discussões de gênero, o que foi sinalizado nas análises.

O capítulo III refere-se à análise quantitativa, onde foram feitas a leitura dos dados. Os números deram conta de traçar o perfil das pretas de Camaçari, traçar a forma como aprenderam seus ofícios bem como o perfil dos seus estabelecimentos. Nesse sentido, os dados colocaram as mulheres no protagonismo do mercado de trabalho de Camaçari, apontando-as como maioria de profissionais por conta própria, o que, apesar de demonstrar as injustiças sociais das quais somos as mais afetadas em termos de gênero, raça, trabalho etc, também nos diz da força e competência da mulher negra em reinventar a si diante das crises e subverter as opressões que nos perseguem ao longo da história racista e sexista que estrutura a sociedade com uma espécie de saber-fazer bambu, aquele que enverga, mas não quebra.

O capítulo IV, como já foi dito, dispõe das narrativas de história de vida que possibilitaram conhecer vidas negras marcadas e cheias de saberes e fazeres de existência. Trajetórias imbuídas de ancestralidade e um saber-fazer que lhes abrilhanta os olhos e projeta suas vidas na força para serem que são. Não obstante, suas histórias também nos deixam ver as injustiças sociais e questões de gênero, raça, sexualidade, entre outras, que atravessam a vida das mulheres negras interferindo diretamente nas suas escolhas, atitudes e ofícios. A violência doméstica, a pobreza e as redes de (des) afetos sinalizam de que maneira as mulheres negras (re) inventam suas estratégias de transgressão e (re) existência, bem como definem seus *modus operandi e vivendi*.

De forma geral, tanto nos gráficos como nas histórias de vida, observei também que as religiões de matrizes africanas mal foram consideradas. Nas narrativas, ao perguntar sobre seus pontos de vistas sobre religião, as pausas e embaraços dão conta de nos mostrar o quanto entendemos pouco sobre a África que há em nós e do quanto o preconceito e discriminação existem em relação às religiões de matriz africana, tida como coisa ruim, errada e do diabo.

Em suma, considero que a pesquisa permitiu a compreensão do que me propus ao iniciá-la, ao passo que foi possível a construção do perfil social das mulheres negras, bem como a percepção de suas trajetórias de aprendizagem do saber-fazer, além da compreensão da relação entre suas histórias de vida e seus empreendimentos, tanto na parte quantitativa, quanto na qualitativa. A constituição de seus saberes desvelou-se de maneira a entrelaçar vida, trabalho, gênero e sexualidade, interseccionando diversos marcadores que nos possibilitam um crítica social e expansão de consciência sobre ser e estar no mundo.

Quando pensamos na questão do trabalho e de suas relações, o trabalho por conta própria, ou até mesmo o trabalho do desespero em alguns casos, apesar de serem questões

estruturais, desvelaram-se nessa pesquisa como fonte de empoderamento feminino, e de outras formas de (re) existências às determinações capitalistas e raciais de ser e existir. Encontrar na informalidade do ser e existir do trabalho por conta própria em Camaçari um *lócus* que possibilita à mulher negra resgatar parte da autoestima roubada pelo processo de dominação e subjugação escravista e de gênero, possibilitando a (re) estruturação de sua autoimagem e possibilitando, também, que possa transitar, ainda que de forma lenta, em outros níveis sociais, senão formar outra classe a ser estudada. Reverbera como possibilidade de desmonte e enfrentamento às barbáries e opressões antigas e atuais que afetam aos marginais e, principalmente, às mulheres negras. O mercado de trabalho que antes era foco de análises econômicas em sua primazia, torna-se lugar de renascença, criatividade e (re) estruturação social.

Dada a invisibilização e silenciamento da mulher negra, transgredidos pela luta feminina negra por espaços de fala e de saber, considero que esta dissertação deve ser tomada como possibilidade de trazer para a escuta e centro esse estudo sobre mulheres negras. E, apesar deste objeto de pesquisa ter sido fruto de uma escolha de minhas marcas, como exposto na pesquisadora encarnada, espero que a escrita também contribua para o exercício de visibilizar mulheres negras a partir de suas falas, numa tessitura que nos permita repensar nosso contexto social, nossas marcas e também nossa postura política-pessoal diante de questões inerentes a todas nós.

O desejo aqui, é que meu escrever aja como a água dos olhos das mulheres de Conceição Evaristo e, como água, possa contornar as barreiras e limitações do saber formal e alcançar as mulheres que me motivam na (in) formalidade de suas vidas e (re) existências a trazê-las para um lugar que é delas. Essa pesquisa, feita delas, por elas e para elas, é um retorno e um agradecimento pela representatividade de suas histórias, suas negritudes e mulheridades, com votos de que alcancemos rapidamente o dia em que teremos de volta a autoestima que nos foi negada e tomada de assalto pela escravização e pela misoginia que moldam a formação de subjetividades negras e periféricas, ao ponto de não nos reconhecermos como capazes, bonitas e/ou merecedoras, porque estas mulheres negras apresentadas aqui são um pequeno recorte de representatividade da força da mulher negra!

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Cristina. *A trilha do paradigma da responsabilidade compartilhada na educação universitária*. 2018. No prelo.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). *Processos de ensinagem na universidade*. Pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. ed. Joinville: Univille, 2007.

ARAÚJO, Adrianna Paula de Medeiros. Bordados do Seridó: uma experiência etnográfica com as bordadeiras do município de Caicó-RN / Adrianna Paula de Medeiros Araújo. - Natal/RN, 2013. 137 f.

BENTO, Maria Aparecida Silva. *Mulher Negra no Mercado de Trabalho*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 479, jan. 1995. ISSN 1806-9584. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16466/15036>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BIROLI, Flavia. *Gênero e Desigualdades: limites da democracia no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOLETIM *Especial Mulheres*. A inserção da mulher no mercado de trabalho da região metropolitana de salvador março de 2018. Disponível em: <<https://www.dieese.org.br/analiseped/2018/2018pedmulherssa/index.html?page=3>>.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de; MACEDO, Marcelo. *O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais*. Gestão e Sociedade. Belo Horizonte · volume 5 · número 11 · p. 121-136 · maio/agosto 2011 · issn 1980-5756 · www.ges.face.ufmg.br.

CAETANO, Hugo Silva. Na maré e na escola: Experiências Educativas de Marisqueiras de Salinas da Margarida-Ba/ Hugo Silva Caetano. Salvador. 2013. 110 f.: il.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, Raça e Ascensão Social. Estudos Feministas. N.2, 1995.

CARNEIRO, Sueli. *A Construção do Outro como Não-Ser como fundamento do Ser*. Tese de doutorado. Feusp, 2005.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres em Movimento*. Revista de Estudos Avançados, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003. Disponível em: . Acesso em: 17 set. 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Enegrecer o Feminismo: A Situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*. 2011. Online.

CARNEIRO, Sueli. *Epistemicídio*. 2014. Online. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>> Acesso em: 17 de setembro de 2018.

CARNEIRO, Sueli. *Mulheres Negras e Poder*: um ensaio sobre a ausência. Disponível em: <http://articulacaodemulheres.org.br/wp-content/uploads/2015/06/CARNEIRO-Suely-Mulheres-Negras-e-Poder.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e de gênero. In.: *Cruzamento: raça e gênero*. Painel 01, 2007. 7-16 p.

DAVIS, Ângela. *Mulher, raça e classe*. Tradução Livre. Plataforma Gueto. 2013

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação*: figuras do indivíduo projeto. Prefácio Pierre Dominicé; Tradução de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DICIONARIO ETIMOLOGICO. Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/busca/?q=DOR>

ESPINOSA, B. de. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo: literatura e consciência negra. Entrevista concedida a Bárbara Araújo (Blogueiras Feministas), 30 set. 2010. Disponível em: < <https://blogueirasfeministas.com/2011/11/22/conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 09 dez. 2018.

EVARISTO, Conceição. Malungo, brother, irmão. A noite não adormece nos olhos das mulheres. In: *Cadernos negros 19*: poesia. São Paulo: Quilombhoje, 1996. p. 23-27.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. *As pesquisas denominadas "estado da arte"*. Educ. Soc. [online]. 2002, vol.23, n.79, p.257-272.

FIGUEIREDO, Ângela. *Classe média negra: trajetórias e perfis*. Salvador: EDUFBA, 2012.

FIGUEIREDO, Ângela. Carta de uma ex-mulata à Judith Butler. In: *Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades*. Periódicus, Salvador, n. 3, v. 1, mai.-out. 2015- p. 152 -169.

FONSECA, Claudia. A mulher valente. *Revista Horizonte Antropológico*, Vol.1: 113-130. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre/RS, v.1, p. 113-130, 1995. <http://pt.scribd.com/doc/102794413/FONSECA-a-Mulher-Valente>

GALEFFI, Dante Augusto. Educação estética como atitude sensível transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. In: *Educação estética: abordagens e perspectivas*. Graciela Ormezzano (org.). Brasília: Em aberto, 2007. 21.v. n. 77. p. 97-111.

GONZALES, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. In: *Revista Ciências Sociais Hoje*. Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, Bell. *Alisando o nosso cabelo*. Revista Gazeta de Cuba – União de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do Espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. Vivendo de amor. 2010. Online. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. Daniel Cerqueira et. al (orgs.) Atlas da Violência 2018. Rio de Janeiro: Ipea, 2018. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=33410&Itemid=432.

KILOMBA, Grada. *Quem pode falar?* Tradução de Anne Caroline Quiangala. Documento online. Disponível em: <http://www.pretaenerd.com.br/2016/01/traducao-quem-pode-falar-grada-kilomba.html>. Acesso em: 16 de julho de 2018.

KILOMBA, Grada. *O racismo está sempre se adaptando ao contemporâneo*. Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/grada-kilomba/>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2019.

LARKIN NASCIMENTO, Elisa. *O Sortilégio da Cor*. Identidade, Raça e Gênero no Brasil. São Paulo: Summus, 2003.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia profana – danças piruetas e mascaradas*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

LARROSA, Jorge B. EXPERIÊNCIA E ALTERIDADE EM EDUCAÇÃO. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, p.04-27, jul./dez. 2011.

LARROSA, Jorge B. *Notas sobre a experiência e o saber de Experiência*. Tradução de João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação. n.19. Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

LIMA, Márcia. "Trajetória educacional e realização sócio-econômica das mulheres negras brasileiras". *Revista Estudos Feministas*. IFCS/UFRJ, vol. 3, n. 2, 1995.

LIMA, Márcia, et. al. Articulando gênero e raça: a participação das mulheres negras no mercado de trabalho (1995-2009). In: *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Org. Mariana Mazzini Marcondes et al. Brasília: Ipea, 2013. 53 -80 p.

LODRE, Audre. *Mulheres negras: As ferramentas do mestre nunca irão dismantelar a casa do mestre*. Texto lido pela autora numa conferência realizada em 1979. Tradução de Renata. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-dismantelar-a-casa-do-mestre/>. Acesso em: 18 de julho de 2018.

MESSEDER, S. A.. A construção do conhecimento científico blasfêmico ou para além disso nos estudos de sexualidades e gênero. In: Bruna Andrade Irineu. (Org.). *Diversidades e políticas da diferença: intervenções, experiências e aprendizagens em sexualidade, gênero e raça*. 01ed.Tocantins: EDUFT, 2016, v. 01, p. 06-17.

MESSEDER, S. A.. Memórias e cenas narradas sobre a infância e as relações de gênero na linha de vida da professora universitária e da pesquisadora encarnada. REVISTA PERIÓDICUS, v. 1, p. 122-133, 2018.

MESSEDER, S. A. . A construção da perspectiva multidisciplinar nas ciências sociais: um estudo sobre microempreendedores na cidade de Camaçari. In: Alfredo Eurico Rodrigues

Matta; José Claudio Rocha. (Org.). *Cognição: aspectos contemporâneos da construção e difusão do conhecimento*. 1ed.Salvador: Eduneb, 2016, v. 1, p. 225-242.

MESSEDER, Suely. A.. O processo alquímico entre o conhecimento localizado, a subjetividade corpórea e o compromisso: um movimento do poder direcionado às justiças. In: SEFFNER, Fernando; CAETANO, Marcio. (Org.). *Cenas latino-americanas da diversidade sexual e de gênero: práticas, pedagogias e políticas públicas*. 1ed.RIO GRANDE: Ed. da FURG, 2015, v. 1, p. 257-280.

MESSEDER, Suely. o retrato da masculinidade brasileira na/pela câmara dos deputados federais e o que nós pesquisadores(as)/ativistas temos a ver com isso?.. In: Katemari Diogo da Rosa; Marcio Caetano; Paula Almeida de Castro. (Org.). *Gênero e sexualidade: intersecções necessárias à produção de conhecimentos* [Livro eletrônico]. 01ed.Campina Grande: Realize, 2017, v. , p. 245-256.

MESSEDER, Suely. *Em cena o/a/x pesquisador/a/x encarnado/a/x: um conceito e/ou um instrumental teórico-metodológico em seu devir ético e estético*. EDUFBA, Salvador, 2019, no prelo.

MIRANDA, Amanaiara Conceição de Santana. As experiências/aprendizagens com/sobre as crianças no cotidiano escolar: a infância e as relações de gênero narradas por uma hermenêutica. 2018, 292 p. Tese (Doutorado). Doutorado Multi-institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMD), 2018

MOUTINHO, Laura. *Diferenças e desigualdades negociadas: raça, sexualidade e gênero em produções acadêmicas recentes*. Dossiê antropologia, gênero e sexualidade no Brasil: balanço e perspectivas. Cadernos Pagu (42), janeiro-junho de 2014:201-248.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever*. Revista de Antropologia, 1996, v. 39, n. 1, p. 13-37.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”; escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia. 317 f. il. 2008. Tese. Campinas, SP : [s. n.], 2008.

PAIVA, Élica Luiza. Narrativas de histórias de vida como formação de si: um jogo com adolescentes do Povoado do Maracujá. 175 f. il. 2015. Tese (doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

PEREIRA, Áurea da Silva. *Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho*. Tese de doutorado. Salvador, 2014. 196f.; il

PIEIDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PRONI, MARCELO WEISHAUPT; GOMES, DARCILENE CLAUDIO. *Precariedade ocupacional: uma questão de gênero e raça*. Estud. av. [online]. 2015, vol.29, n.85, pp.137-151. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142015000300010&script=sci_abstract>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

ROCHA, Giselda Maria Sacramento da. “Num só crio pra vender, não” : etnicidade, gênero e saberes domésticos em Moita Verde (Parnamirim, RN) / Giselda Maria Sacramento da Rocha. – Natal, RN, 2014. 128 f. : il.

SANTANA, Anália. *A Participação Política das Mulheres na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho* (1969/2001). Anália Santana. Salvador. 2013. f. 205

SANTOS, Gisele Cristina dos A. *Os estudos feministas e o racismo epistêmico*. Revista Gênero, Niterói, RJ, v. 16, n. 2, p. 7-32, jan./ jun. 2016. Dossiê Mulheres Negras: experiências, vivências e ativismos.

SANTOS JÚNIOR, José Nunes dos. *Pastora e Mulher - “ele me entregou o cajado”*: Processos de Ensino-Aprendizagem utilizados na Experiência Formativa do Pastorado Feminino Pentecostal. Salvador. 2013. 170f. :il

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O Espetáculo das Raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOARES, Cecília Moreira. *As ganhadeiras: mulher e resistência negra em Salvador no século XIX*. *Afro-Ásia* (17), Salvador, CEAO-UFBA, 1996, pp.57-71.

SOUZA, Janine Fontes de. *O avesso do bordado: no contar de si das “Pretas da Matinha/ Janine Fontes de Souza.- 2013. 231f.*

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942. *Pode o Subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina, Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SPIVAK, Gayatri. *Quem reivindica a alteridade?* In. BUARQUE DE HOLANDA, Heloisa (org.). *Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994.

WERNECK, Jurema. *Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo*. In: *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 07-17, jun. 2010. ISSN 2177-2770. Disponível em: <<http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/303>>. Acesso em: 27 janeiro de 2019.

APÊNDICES

APENDICE I – ANÁLISES INDIVIDUAIS DOS TRABALHOS SELECIONADOS PARA O ESTADO DA ARTE

- AD1 - “BORDADOS DO SERIDÓ”: UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA COM AS BORDADEIRAS DO MUNICÍPIO DE CAICÓ-RN - *ADRIANNA PAULA DE MEDEIROS ARAÚJO (2013)*.

Já na Introdução a dissertação traz o “fazer” como um potente dispositivo para construção e difusão de conhecimento e saberes, validados ou não:

Em torno do bordado foram construídas formas de interpretar o mundo: seja através da ótica das convenções de gênero, pautadas na atividade reconhecidamente feminina e doméstica ou da organização do trabalho a partir da comercialização do bordado. (ARAÚJO, 2013, p. 12)

Esta introdução nos remete ao “ler o mundo” que Paulo Freire (1997) nos evoca como forma de (sobre) vivência e liberdade, ao passo que demonstra a estereotipação de gênero e divisão sexual do trabalho que organizam a sociedade patriarcal na qual vivemos em “coisas de homens” e “coisas de mulher”.

Com uma abordagem hermenêutica de cunho interpretativo, a autora da dissertação relata a experiência etnográfica, seus encantos e desafios, ao passo que descreve sua temática e seu problema, o uso das narrativas e apoia-se em autoras/es como Myrian Sepúlveda, Roberto Cardoso de Oliveira e Grossi, para dar conta de deslindar sua metodologia que propõe a aproximação entre pesquisador e objeto, afastamento e estranhamento do familiar e apropriação de instrumentos que possibilitam estes objetivos.

De mãos dadas com a memória, utiliza-se de Halbwachs para embasar as passagens que trata deste instrumento e usa as memórias das bordadeiras para compor seus dados. Através das narrativas, as memórias individuais e coletivas são evocadas de forma a proporcionar o encontro da vida, da história e dos bordados. O entrelace entre esses elementos e o saber-fazer, desdobra-se em questões de gênero e de letramentos, cujas memórias de uma atividade femininamente preestabelecida, dá origem a um aprendizado social que culmina em saber ser, saber ler, saber fazer, embora a autora não tenha utilizado exatamente esta nomenclatura, referindo-se ao labor do bordado como aprendizado não formal, o que ratifica a dificuldade que ainda temos de considerar outros tipos de saberes, como válidos, que não o saber formal, que chamamos de formal e/ou escolar.

O aprendizado para as mulheres aparece situado no campo do privado, com atividades ditas femininas, o que reforça o estereótipo acima:

O aprendizado da prática dos bordados se dá dentro da esfera doméstica, dentro da casa, e seu ensinamento é transmitido, muitas vezes, de mãe para filha. É comum, segundo as pessoas ouvidas, aprender a bordar com familiares, vizinhas e amigos próximos, sem que para isso seja pago alguma quantia. A prática dos bordados acontece entre as mulheres e para as mulheres (ARAÚJO, 2013, p.23-24).

Em nota de rodapé a autora destaca ainda que não teve contato com nenhum homem que bordasse, mais uma vez destacando o caráter da feminização da atividade e insinuando sua característica no campo do privado, ou seja, ao meu ver, uma extensão do trabalho doméstico, o que a partir do momento que passa a ser comercializado contribui para o empoderamento e empreendedorismo destas mulheres. Contudo, a questão de gênero e da divisão sexual dos trabalhos continuam merecendo a ressalva feita devido à recorrência do saber-fazer das mulheres estarem, na maioria das vezes, vinculados a esta herança patriarcal que designa homens para umas atividades, mulheres para outras. As contradições das passagens abaixo podem denotar que, apesar dos avanços, o patriarcado continua atribuindo lugares e funções hierarquicamente diferenciados entre homens e mulheres:

Essas mulheres se percebem e se identificam de diversas maneiras, são representações de si mesmas que, em contextos distintos, se veem como produtoras de arte, empreendedoras, microempresárias e, sobretudo, bordadeiras. (Ibdem, p.29)

No contexto histórico do desenvolvimento da atividade no município são percebidas algumas características que são evidenciadas, principalmente, como atividade que permeia o âmbito familiar, e dentro desse aspecto, suas particularidades nas quais existiam bordadeiras que bordavam seu próprio enxoval, aquelas que bordavam com a finalidade de ornamentação do lar, aquelas que terceirizavam o serviço, outras que aprendiam com seus parentes e as que aprendiam em escolas profissionalizantes (década de 1970) e moças que aprendiam a prática para serem reconhecidas como “prendadas”. (Ibd.,P.30).

A prática dos bordados é uma atividade prioritariamente feminina e é desenvolvida no âmbito doméstico, dentro do lar. As bordadeiras bordam no âmbito doméstico produtos para sua casa e para a casa de outras pessoas. A casa pode ser vista como o lugar de excelência da bordadeira trabalhar, seja no início da prática quanto na atualidade. (Ibd.,p.43)

A autora também dá a entender que a maioria das mulheres são arrimo de família, que seus ganhos com os bordados sustentam casa e famílias. Destaca que o bordado tornou-se fonte

de renda e alimenta o PIB de Caiacó e que as mulheres, apesar da divisão sexual do trabalho, são protagonistas desta cena.

Apesar dos bordados terem iniciado como atividade informal, a autora cita ainda a influência de Instituições como o SEBRAE no campo da capacitação e organização mercadológica para distribuição dos produtos manufaturados, o que foge um pouco da minha pesquisa que visa o trabalho com as mulheres empreendedoras por conta própria, aquela que agencia todo seu espaço e trabalho, a seu modo. Entretanto, isso não invalida a contribuição deste trabalho no meu estado da arte pois permite pensar sobre a ideia de saber-fazer, suas configurações e (re) configurações, bem como as questões de gênero e relações de poder. Algo ressaltado algumas vezes e que merece destaque embora não tenha sido problematizado é o desemprego como propulsor para o investimento no setor informal.

Na sessão denominada *Relações de gênero: concepções de ser mulher e ser bordadeira* (p.42), Adriana Araújo dialoga com autoras como Scott apud Bento (2006), Almeida (1995), Nicholson (2000), Brito (2010) para tratar das questões de gênero. Retoma a tradição da aprendizagem familiar e feminina quando diz que o bordado era passado de mãe para filha nomeando este conhecimento de saber da tradição, uma vez que passa de geração a geração: “No ciclo de ensino e aprendizagem da arte de bordar, quem aprende, busca encontrar a quem ensinar e, sempre há mulheres dispostas a apreender essa prática” (ARAÚJO, 2013, p.43).

Ressaltando esse saber da tradição, Araújo (2013, p.42) defende que “há nesse caso, um discurso feminino no qual afirma que bordar é atividade de mulher”, problematizando os conceitos de gênero e sexo e trazendo à luz a divisão sexual do trabalho, que venho citando ao longo do texto, que delega funções diferentes à homens e mulheres, baseado em questões de gênero e privilegiando o sexo masculino.

Para além da produção comercial e de saberes, o *modus operandi* das bordadeiras, à priori da informalidade, aparece como lócus de produção afetiva, onde se estabelece redes e vínculos, “bordando com amor”. À posteriori, o saber-fazer passa a apresentar-se mediado por instituições como o SEBRAE que as orientam quanto a gestão e finanças, descaracterizando a informalidade e, institucionalizando os saberes através de cursos e profissionalização certificada. Ressalto essa característica como possibilidade de refletir sobre a necessidade de formalização dos saberes e processos com vistas ao atendimento à interesses capitalistas, conforme exposto a seguir.

No campo do saber, o trabalho que se tornou fonte efetiva de geração de renda e lucro para o município de Caiacó-RN, rendeu uma escola profissionalizante de bordado. O saber passa a institucionalizar-se, dentro da perspectiva formal de ensino e aprendizagem, trazendo à

tona a questão tão debatida do que é ou não conhecimento válido, sempre recorrendo à escolarização e formalização do ensino e do fazer como forma de validá-lo e formatá-lo.

Seja por necessidade, obrigação ou profissão o saber bordar aparece como forma de vida, como identidade e como parte constituinte das subjetividades das pessoas, principalmente das mulheres de Caiacó - RN, possibilitando as problematizações necessárias ao debate sobre a construção e difusão do conhecimento produzido e apreendido, bem como o destaque ao protagonismo feminino na cena do trabalho e da produção do conhecimento, muito embora ainda haja resistência em reconhecer a validade e importância dos saberes da prática, ou das vivências como prefiro chamar.

O referencial teórico e as questões de gênero poderiam ser melhor exploradas, uma análise interseccional caberia diante dos dados trazidos, contudo, a autora deixa esta lacuna explícita em suas considerações finais com possibilidades para pesquisas futuras. A problematização dos saberes e letramentos também poderia ser mais aprofundada.

- AD2 - “NUM SÓ CRIO PRA VENDER, NÃO”: ETNICIDADE, GÊNERO E SABERES DOMÉSTICOS EM MOITA VERDE (PARNAMIRIM, RN.) - NATAL-RN – GISELMA MARIA SACRAMENTO DA ROCHA (2014).

Com o objetivo de compreender o processo em que se constitui a participação e atuação política crescente de parte das mulheres, a pesquisa intitulada *Num só crio pra vender, não*: *Etnicidade, gênero e saberes domésticos em Moita Verde (Parnamirim, RN.)*, tece um diálogo entre saber, fazer e gênero de forma que “a atenção especial foi atribuída às mulheres, no que concerne o processo da construção de “novas identidades” embasadas em saberes domésticos” (ROCHA, 2014, p.6), através da venda de porcos.

A autora visou a compreensão da atuação política das mulheres a partir de suas atividades domésticas, considerando que “a vida doméstica é o espaço onde as “mulheres valentes” negociam relação e marcam posições (ROCHA, 2014, p.60)”. Para tal, utilizou-se da etnografia para “analisar em contexto os papéis desempenhados por elas, levando em consideração as suas condições sociais e os seus projetos pessoais e de grupo (IBDEM, 2014, p.6).”

No que diz respeito à divisão do trabalho, a pesquisa do Quilombo ratifica a premissa de Davis em *Mulher, Raça e classe* de que na história homens e mulheres negras/os trabalhavam juntas/os. Em seu trabalho, Rocha também sinaliza que antes homens e mulheres trabalhavam juntos, na agricultura e onde dava, e que

[...] Atualmente, os homens trabalham na construção civil, como pedreiros, serventes de pedreiro; no setor industrial/produção, biscates, ou trabalham próximos das suas casas, em abatedouros de galinha, na cozinha de restaurantes (ROCHA, 2014, p.42-43).

As mulheres, em contrapartida, são empregadas domésticas, diarista, lavadeiras (lavam roupa de ganho). [...]. Trabalham também em carro escolar, na prefeitura e nas fábricas no setor de produção. “A mulher em Moita Verde é polivalente: é mãe, dona de casa trabalha fora e é da associação” (IBDEM, p. 43).

Nas passagens acima, a mulher apesar de participar da vida pública, apresenta-se como multitarefa, demonstrando o acúmulo de “funções-obrigações” atribuídas à mulher ao longo da história da (re) organização social baseada em valores patriarcais.

Quando o assunto é construção de saberes, há distinção clara entre letramento tradicional e a consideração de outras formas de letramento. O texto narra a todo instante a construção e difusão de saberes diversos quando relata as práticas, costumes e formas de vida no Quilombo e, até mesmo, cita os diversos saberes não formais. Entretanto, as/os próprias/os sujeitas/os da pesquisa têm dificuldade de perceber estes saberes como válidos e significativos.

O saber escolar é tomado como prioritário e como se fosse mais válido pelas participantes da/na pesquisa. As envolvidas na pesquisa demonstram não ter consciência do quanto suas atividades domésticas e modo de vida possuem valor e validade enquanto saberes. A profissionalização docente, na perspectiva formal da educação, é componente intrínseco do imaginário social coletivo:

Para se autoafirmar como professora havia pré-requisitos, na perspectiva da educação formal: ser preparada formalmente para exercer a atividade, assim como a senhora Alice a sua filha Fátima reconheceram a sua atuação no que se refere a ensinar, repassar conhecimentos, mas não se autodenominaram professoras. (ROCHA, 2014, p.44)

Nesse sentido, o senso comum ainda toma conta dos ideais sociais que tendem a valorizar o saber acadêmico em detrimento dos demais, quando o saber doméstico, político, geográfico aparecem como premissas fundamentais para organização e desenvolvimento do Quilombo e das mulheres.

As narrativas misturam noções de tempo, espaço, cultura, imbricando subjetividades e letramentos, modus de vida, perfazendo saberes, letramentos e vida no contexto do saber vivido e aprendido. O *modus operandi* das mulheres, *categoria* com a qual trabalharei na minha dissertação, é relatado o tempo inteiro nas narrativas e no texto, mesmo sem que vincule-os ao saber - fazer propriamente dito.

Sobre os tipos de saberes encontrados na dissertação, entre o religioso, o político, etc, Rocha (2014, p.84) diz que

O processo de aprendizado ocorre no cotidiano, na ação prática do ver fazer e do executar o que se orienta, na observação, seguindo os conselhos. Para aprender, é preciso estar por perto, estar disposto a realizar as atividades. Os saberes repassados também operam como uma prática cultural, as quais passam por modificações por meio de elementos que são agregados, os quais adaptam as condições atuais por influências dos fatores ambientais, sociais, de resistência e contraposição às situações de conflito que envolve os grupos étnicos.

Os múltiplos saberes ressaltados no texto, como o saber religioso proporcionam também múltiplas aprendizagens, através da reza, do ramo, do tambor, rituais de cura, de fé, rezas para mortos. As formas de ser, nascer, viver e de morrer, tudo resulta em letramento, embora nem sempre referenciados como tal. Este processo vincula-se à tradição, todo aprendizado apreendido, passado, vivido, é repassado, como forma de perpetuar o saber:

este é responsável por gerar uma rede de articulação interna com alcance externo também, rede que desempenha o papel do aprendizado e da continuidade de um saber e sua prática, saber empregado para organizar e legitimar os procedimentos, articulações com base familiar, amigos e devotos. Neste caso participar significa comungar e apoiar o saber (ROCHA, 2014, p.118-119)

Outro exemplo é o saber político, aquele que forma outras mulheres, como a parteira-mãe mencionada no texto (p.55), passa seus saberes através da prática e da troca com as mulheres, ensinando outras mulheres a serem parteiras. A própria organização territorial evoca saberes individuais e coletivos, da experiência, que possibilitam não só sua organização, como a construção de identidades e saberes diversos, porém específicos ou compartilhados. “A organização territorial de um grupo étnico pode estabelecer os seus saberes específicos nas suas subdivisões, como pode ser desenvolvido e compartilhado por todos eles, no quilombo organizado por sítios” (ROCHA, 2014, p.82), o que a autora chamou de saberes de ganho e reciprocidade (p.81).

A relação intrínseca entre saber e poder também fica exposta quando diz, na mesma passagem, que “Para cada um há um tipo de saber que é referenciado. No processo de relação social estes estabelecem distinções e são hierarquizados gerando as suas lideranças. “ (IDEM, 2014, p.82).

O Saber da criação de porcos, intitulado saber doméstico, também coloca em evidencia o protagonismo feminino. O *modus operandi* do trabalho também é destaque na construção do conhecimento, podendo ser intitulado como saber-fazer, embora o termo não tenha sido

cunhado pela autora. O modo de conseguir a lavagem (alimentação do porco após o terceiro mês) ressalta o poder das redes e da coletividade, bem como salienta o poder do *modus operandi* na construção e troca de saberes. (p.89), além de situar a alimentação num ato social e tangente ao princípio de reciprocidade (p.96) o saber é compartilhado e avaliado à mesa, quando os graus de afinidade. Hierarquização, consideração e respeito cabem no pedaço de carne que cada um recebe quando vão comer o porco.

Nesse caso, o saber também é compartilhado através de presentes, o porco é dado de presente, convocando quem recebeu a implicar-se na criação do mesmo, para o qual terá de aprender fazê-lo. Os saberes familiares são aqui passados adiante.

O *modus de vida* também é salientado nas entrelinhas e possibilita as vivências que, entre erros e acertos, vão dando forma ao saber-fazer da criação de porcos, da vida em coletividade, dos afazeres laborais. Entre os diversos saberes possíveis, a autora ressalta que:

A complexidade do saber da criação de porcos perpassa por uma amplitude de conhecimentos que vão da estrutura física, medicação, parto, alimentação, venda, fabricação de remédio, tempo da reprodução, amamentação, cio, banho, da classificação dos animais. (ROCHA, 2014, p.92).

Ademais, destacou também o saber geográfico das pessoas que moram na região que por conhecerem as terras e espaços contidos ali, são capazes de desenhar mapas, organizar e metrificar os espaços.

A análise da autora problematizou o ambiente doméstico e os saberes que dele são provenientes, muito embora tenha sido uma análise pautada na eficácia e resultados, nas negociações. Importa porque trata da informalidade como possibilitador de superação de estigmas de gênero, inserindo a mulher na cena econômica informal de forma que a venda de porcos lhe possibilita, apesar de ser um saber considerado doméstico, entrelaçar diversos outros saberes como finanças, economia, negociação, higiene, meio ambiente, entre outros.

As questões de gênero são abordadas de forma que salientam a dureza de ser mulher – negra, bem como sua força:

A construção do gênero como mulher constituiu uma multiplicidade de atributos, alguns desses elencados da seguinte maneira: ser negra, morena, quilombola, não ser quilombola, casada, solteira, ter filhos, ser trabalhadora no mercado formal, trabalhadora no mercado informal, dona de casa, estudante, parteira (ROCHA, 2014, P.61).

Em sua pesquisa, gênero acaba sendo um pouco desvinculado de discussões outras como escola, entre outras, e focando muito nas relações de trabalho. Como sugere Scott (1989, p.5), gênero é um termo cheio de história, situado e político, marcador de lugares e espaços que

possibilitam ver como o gênero aparece nas relações humanas, qual sentido o gênero tem para/na história da sociedade e das mulheres. Ao meu ver, a análise poderia passear por outras áreas com mais afinco.

Em suma, o entrelace dos saberes pontados no texto (doméstico, religioso, político...) traz a cena doméstica como espaço de relações estereotipadas de gênero, mas também como lócus de resistência.

- ED1 - A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DAS MULHERES NA IRMANDADE DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS DO PELOURINHO (1969-2001) - *ANALIA SANTANA (2013)*

Problematizando a história das mulheres no Brasil e no mundo com vistas à ocupação de espaços e lugares ditos masculinos, Santana (2013) enfatiza a importância dos saberes mobilizados nesta caminhada, bem como as relações de poder que perpassam os mesmos dificultando que a mulher possa protagonizar as diversas cenas que circunscrevem a sociedade.

A Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Pelourinho (Bahia), lócus de estudo de Anália Santana (2013), é tomado neste estado da arte como ambiente informal de trabalho, por se tratar do relato de atividades de mulheres e homens dentro desta organização, cujos papéis são laborais-espiritualistas, mesmo a autora não tendo dado atenção ao aspecto da informalidade em si.

Nesta trajetória das mulheres, destacados os fatores e condições inerentes às mulheres na sociedade machista e patriarcal em que vivemos, foram elencados diversos saberes mobilizados para que estas mulheres chegassem a cargos representativos nesta comunidade, muito embora não estejamos diante de um caso de sucesso feminino em questões de equidade entre homens e mulheres, pois a todo instante foi ressaltado pela autora que o machismo esteve o tempo todo tentando oprimir as mulheres, sobretudo, quando exerciam cargos considerados importantes:

O uso da violência nas relações de poder, quando se refere às disputas de gênero, nos diferentes ambientes sociais é gritante, e, nas entidades religiosas, essa realidade não muda. Os homens, na maioria das vezes, não conseguem dialogar e nem querem perder os privilégios que têm mantidos. (SANTANA, 2013, p150)

Como foi visto nos relatos das irmãs, e em trechos anteriores, a Mesa de Honra não tinha autonomia financeira, todos os recursos arrecadados eram repassados para a tesouraria da Irmandade e depois repassados novamente para a Mesa de Honra realizar as atividades planejadas. Contudo, dependendo do tesoureiro e da gestão da Mesa, havia má

vontade ou acolhimento para disponibilizar os recursos financeiros para realizações da Mesa de Honra. (SANTANA, 2013, p.160)

[...] o assédio sexual ou, como ela bem chamou, a sedução para frear a possibilidade das mulheres continuarem a sua caminhada pela divisão do poder. Isso também foi relatado pela Irmã Rosinha: “alguns irmãos assediavam as irmãs ou queriam namorar com elas”. (Ibid., p.163)

Partindo da premissa de que poder é saber, e vice versa, Anália Santana (2013), respaldou-se nas discussões de autoras/es como Deleuze (1988), Bourdieu (1999); Oliveira (2005), Lagarde (1996); Foucault (1979), Perrot (1996), Machado (1979), Bourdieu, Sayão (2003), Freire e Faundez (1989), Aronowitz (1998), Batliwala (1998), Rowlands (1998), Ojeda (2003), Leon (1997;2001), Baqueiro (2012), no sentido de problematizar as relações de poder e a questão do empoderamento que perpassam toda a luta das mulheres da Irmandade (e do mundo) até que obtivessem certa representatividade no espaço religioso. Nesse sentido, o ato de empoderar-se aparece a partir de diversas dimensões: pessoal, coletiva, entre pares. Ressaltemos neste estado da arte, aquele que se refere aos saberes necessários ao “empoderar-se”, o eixo pessoal, definido pela autora como aquele que “refere-se à capacidade dos sujeitos de realizar ações para a transformação da identidade e à percepção da condição de opressão, na qual se encontra, para alcançar o empoderamento”(SANTANA, 2013, p. 120-121).

Para tal, a pesquisa destaca os diversos saberes envolvidos no processo, na perspectiva dos múltiplos letramentos e do saber escolar, como arma para desmontar as estruturas machistas e patriarcais que compõem a sociedade e seu imaginário. Ainda assim, apesar de mencionar diversos saberes como o social, a pesquisa detém-se ao saber religioso, referindo-se ao espaço religioso como *lócus* proponente de aprendizado e emancipação feminina quando assume que

é preciso compreender os espaços religiosos como fenômeno social que se transforma a partir das ações e reflexões dos sujeitos (homens e mulheres) aí inseridos. Cabe também entender que, nessas entidades, são potencializadas lutas com o intuito de conquistar a equidade nas relações de gênero e poder, que vão além das elaborações teóricas. (SANTANA, 2013, p.158).

Os saberes explícitos no espaço religioso justificam-se, segundo a autora, pela oferta de cursos como “crochê; manicure; ponto de cruz; corte e costura; aproveitamento de retalhos de tecidos” (SANTANA, 2013, p.158). Ademais, toda a escrita está permeada de diversos saberes que compõem as atividades desenvolvidas por cada mulher no *lócus* estudado. A não consideração ou devida relevância a esses saberes demonstram a dificuldade que ainda existe em considerar o saber-fazer como saberes válidos e tão importantes quanto aqueles que são

certificados e institucionalizados, inclusive, a autora dá destaque em sua dissertação, como forma de validar os aprendizados mencionados no texto, ao processo de institucionalização das práticas quando reforça que os cursos promovidos pela instituição religiosa montou turmas “formais” para aulas que culminariam em certificado de formação.

No que tange as atividades exercidas pelas mulheres, embora imbuídas de saberes diversos, são descritas como ações/estratégias para empoderar-se, mas nunca mencionadas quanto ao seu potencial de gerar e difundir conhecimento. As atividades, ao me ver, giram em torno de saberes administrativos, financeiros, emocionais, entre outros, mas somente são analisados mediante a atitude do empoderamento feminino.

Para discutir as questões de gênero e a história religiosa e do negro no Brasil, Santana (2013) utilizou o arsenal teórico a seguir: Perrot (1996), Del Priori (2010), Louro (1997), Bather (2003), Nascimento (20016), Beauvoir (1970), González (1985), Scott (1990, 1995, 1996), Chartier (1995), Carneiro (2003), González (1981), Yêda Pessoa de Castro (2001), Hooks (2004), Fanon (1983), Castro (2001), Souza (1983), Heleieth I. B. Saffioti (2001), além de outros referenciais.

As questões de gênero foram discutidas de forma a deixar claro que gênero, enquanto categoria analítica, abrange diversas dimensões e que ser mulher é uma delas. Além disso, explora a questão das relações de poder, até as consequentes questões da violência (ARENDDT,1969), para o que poderia dar um pouco mais de ênfase, falando mais um pouco e utilizando a dissertação como campo de luta e lugar de fala contra a violência de gênero.

As problematizações da pesquisa giraram em torno de ser mulher-negra e sujeita ativa na Instituição religiosa da qual faz parte, dando ênfase ao “processo de negociação intensa para que as mulheres pudessem hoje participar da Mesa Administrativa (SANTANA, 2013, p.37).

A pesquisa de campo realizada pela autora, utilizou-se da oralidade/ narrativas e análise documental (CERTEAU,1994; MINAYO, 2004; GATTI,2008; MARLI ANDRÉ,1999), como forma de resgate da luta e resistência das mulheres negras para chegarem a cargos elevados na Irmandade. Anália Santana nos fala de uma trajetória de lutas e resistências que tem surtido efeitos, embora as relações de poder sejam forjadas e atualizadas à medida que as masculinidades parecem ser sacudidas e desestabilizadas.

Em suma, merecem destaque e retomada, para fins de conclusão deste tópico, que as relações de poder estão em toda parte oprimindo e dificultando o acesso de mulheres, sobretudo negras, a lugares de grande representatividade, embora, a autora tenha ressaltado que boa parte do trabalho da irmandade sempre foi feito por mulheres, mas os homens levavam os méritos pois eram quem determinavam e respondiam pela Irmandade.

A fragilidade da masculinidade também chama atenção e faz parte do cotidiano. Quando uma mulher ganha visibilidade e representatividade, os vários tipos de violência são utilizados para impedi-la e/ou atrapalhá-la, da física à manipulação pela conquista amorosa.

Destarte, a luta feminina por seu espaço e por protagonismos que lhes são negados acontece, ainda que sob a sombra do patriarcado que rege a sociedade, suas instituições e sua cultura.

- ED2: NA MARÉ E NA ESCOLA: EXPERIÊNCIAS EDUCATIVAS DE MARISQUEIRAS DE SALINAS DA MARGARIDA-BA (SALVADOR) - HUGO SILVA CAETANO (2013).

Utilizando a perspectiva teórica da experiência como conhecimento válido e significativo, Caetano (2013) reflete sobre a experiência de aprendizagem das marisqueiras de Salinas da Margarida-Bahia, considerando os múltiplos processos da construção de conhecimento destas, como o conhecimento prático, a educação familiar, a educação formal, a pesca artesanal, entre outros. Apoiar-se no *conceito de experiência educativa de Dewey (2010)* o qual entende como existencialista.

Apoiar-se em Maria da glória Gohn (2010) para estabelecer paralelo entre os modelos dos processos educacionais: formal, não formal e informal, situando seu objeto de estudo na perspectiva da educação informal (práticas para o desvelar cotidiano) e objetivando perceber de que forma esse entrelaça-se com os demais. Sobre as possibilidades de aprendizagem o autor diz:

Mariscar implica viver aprendendo com a experiência, com os mistérios do mar, do mangue, da terra; com as longas caminhadas, suportando o peso dos mariscos na cabeça ou empurrando nas bicicletas. Exige conhecer os “caminhos da maré”, arriscar-se a atravessar correntezas, adentrar mangues, fabricar apetrechos de trabalho, cuidar da educação dos filhos, dos maridos e da administração da casa, ser mulher e enfrentar os múltiplos preconceitos, seja de gênero, de raça e de classe social(CAETANO, 2013, p.15).

O autor tensiona as formas de produção do conhecimento que só consideram válidos os saberes formais e tradicionais, ressaltando o valor da experiência marisqueira para a construção de saberes biológicos e geográficos, por exemplo.

A divisão sexual do trabalho apresenta-se quando mulheres catam mariscos (em terra firme) e os homens vão à pescaria alta (em alto mar), entretanto, ressalta a atual inserção de homens na prática da mariscagem, mas o alto mar continua sendo “lugar de homem”. A pouca rentabilidade do mariscar aparece como um dos fatores que levam as marisqueiras às duplas

jornadas, minimizando o papel da divisão sexual do trabalho calcada no patriarcado machista da cultura brasileira, mas atenuando também a sobrecarga feminina em múltiplas jornadas de trabalho. Sobre isto o autor diz: “mudanças econômicas e sociais foram quem introduziu a mulher pescadora à tendência de buscar um trabalho extra, fazendo com que a marisqueira tivesse de se adequar à dupla jornada de trabalho” (CAETANO, 2013, p.21).

A pesquisa em análise, classificada como qualitativa, instrumentalizou-se metodologicamente com entrevista e observações centrada na pessoa cujo aporte teórico que a respaldou conta com Bogdan e Biklens (1994), Triviños (1987), Bauer et al (2011), Duarte (2002), GASKELL (2011), Mota (2012), Levy e Hollan (1998), autoras/es que discutem e defendem a pesquisa qualitativa como significativas. A Experiência é discutida na perspectiva de Aquino (1989), Steiner (2004), Larrosa (2011), Gadamer (2007), Pagni (2010), Dewey (2010), tomando como cerne principal este último, para quem o aluno tem autonomia do aprendizado, a partir de suas experiências.

Amparado nas premissas de Gilberto Velho (1981), o autor ressalta seu processo de fazer pesquisa e a necessidade do estranhamento ao exótico, uma vez que também é filho de pescador e está, supostamente, totalmente familiarizado com o ambiente e as práticas marisqueiras, salientando que a escolha por sua pesquisa não é só acadêmica, mas pessoal e política.

Sobre o processo de ensino-aprendizagem, Caetano (2013, p.50) diz: “as pessoas que frequentam este lugar aprendem através da prática, da observação, do contato com o ambiente e da escuta aos mais experientes [...]”. Aqui, o saber dos sentidos, da ancestralidade, dos corpos e das práticas fundem-se em um mesmo processo de aprendizagem multifatorial.

A noção de grupo, coletividade, rede, também aparece na escrita do autor: “É nesse campo que se desenvolvem as redes de solidariedade, como a partilha da água, do lanche e do óleo e onde as marisqueiras trocam ideias sobre os costeiros mais produtivos” (CAETANO, 2013, p.56), e continua:

Ali, ou no caminho da maré, as marisqueiras discutem ideias (convergindo ou discordando), cantam, contam causos e piadas, falam sobre os filhos e a novela e debatem sobre direitos previdenciários, como o auxílio maternidade, a aposentadoria e o seguro defeso conclusões.

Embora considere a “maré” como “um ser feminino” (p.16) e intitule sua pesquisa fazendo menção às Marisqueiras de Salinas das Margaridas, o autor inclui um homem na amostragem, optei por permanecer com esse trabalho no meu estado da arte devido à relevância

das abordagens e conceitos trazidos. A explicação acerca da escolha da amostragem masculina, segundo o pesquisador,

justifica-se como referência de gênero e pela necessidade de se evidenciar a mulher marisqueira frente a uma sociedade marcada excessivamente por uma visão de mundo que toma como parâmetro o masculino, referencial clássico da validade das práticas sociais (CAETANO, 2013, p.39)

Na página 40, o autor afirma ainda que “[...] a inclusão de um pescador possibilita perceber não só os interditos das relações entre pesca e mariscagem, posto que ambos pertencem à pesca artesanal, como amplia o círculo de opiniões sobre o assunto”. Ainda assim, me chama atenção o envolvimento deste homem na pesquisa uma vez que o autor intitula o trabalho como “marisqueiras” e mesmo diante da justificativa, não faz, suficientemente, uma abordagem de gênero com referenciais importantes que lastreiem sua escolha metodológica. Diante de minha inquietação chego a pensar que, uma vez que quem escreve esta dissertação é um homem não lhe foi tolerável escrever apenas sobre mulheres.

Caetano (2013) abriu uma sessão para discutir gênero sob aporte teórico de Beck (1991), Woortmann (1991), Motta-Maués (1999) e Maneschy (2000, 2011), Oliveira (1993) como referências que tratam a questão de gênero em estudos sobre a mulher pescadora, relatando a forte influência da estrutura patriarcal e machista em que vivem as mulheres e salientando questões antigas e problematizadas na contemporaneidade, como os vários turnos e funções para superar a opressão:” trabalham na maré e em casa, cuidando da educação dos filhos, atuando como diaristas ou cuidando da pequena plantação nas horas vagas” (CAETANO, 2013, p.62).

Entretanto, apesar da tentativa de desmistificar o racional, a racionalidade científica, o autor acaba por titubear quando da explicação metodológica, assumindo a busca por objetividade e o medo da assunção dos dados subjetivos, de cunho qualitativo, que envolvem sensações, emoções, cultura:

De modo geral, todas as práticas metodológicas desenvolvidas para esta pesquisa tiveram a intenção de tornar a descrição a mais objetiva possível, porém, temos a consciência que existem aspectos que poderiam ser melhor explorados e que este período de estudo não foi tempo suficiente para esgotar todos os pontos desejados. (CAETANO, 2013, p. 45)

Como se pode inferir, assumir e apoderar-se da subjetividade como ciência ainda é impasse no fazer pesquisa, revelando nossa dificuldade frente às (des) construções necessárias na ciência e, analogamente, na vida. Se a pesquisa qualitativa, sobretudo, os instrumentos utilizados pelo autor na sua pesquisa, visam creditar validade e seriedade às pesquisas *quali*,

não faz sentido evocar “o máximo de objetividade possível” para justificar sua escolha metodológica, na verdade este fato pode acabar descredibilizando a construção do conhecimento e da pesquisa qualitativa. Fato que, mais uma vez, me sugere a tendenciosidade do autor ao inserir um elemento masculino na amostra pesquisada como um possível *shifit*³² positivista e heteronormativo.

O debate do público e do privado vinculado às mulheres, surge na pesquisa ao tratar das múltiplas jornadas das mulheres marisqueiras, fazendo surgir o imprevisto como fator preponderante no dia-a-dia das mulheres: pescar, lavar, passar, fazer comida, trabalhar em outros lugares e afazeres. Como forma de resistência e empoderamento feminino, o autor identifica que há uma participação feminina no campo dos direitos, encabeçando movimentos que lutam pelos direitos da mulheres pesqueiras, uma iniciativa para minimizar e transgredir a opressão masculina.

A constituição da identidade “marisqueira” também é posta em cheque na discussão sobre direitos e políticas públicas que asseguram a validação e valorização da atividade dita feminina. A opção é utilizar o termo “pescadora” como forma de expandir o sentido de “marisqueira” abrangendo mais funções asseguradas à mulher que não apenas a de catar mariscos em solo firme, mas também a pesca em alto mar que o autor cita no texto. Embora haja luta e resistência feminina, as relações patriarcais de poder dos homens sob as mulheres se reproduzem sob os mesmos argumentos de outrora, da virilidade masculina à sua força bruta como requisitos de sobreposição às mulheres em toda sua fragilidade e corporeidade vulnerável e exposta, conforme destacado abaixo pelo autor:

Força e agilidade são considerados atributos do homem, mesmo que existam mulheres que realizem cotidianamente diversas funções. Nesse sentido, o homem ressignifica a forma tradicional da mariscagem, modificando o jeito de realizá-la, atraindo para si a iniciativa de um novo modo de ser marisqueiro(a), a partir da introdução de outras práticas e de outros instrumentos que se tornam símbolos daquela dominação. (CAETANO, 2013, p.75)

[...] as relações sociais do homem com o corpo da mulher na mariscagem continuam atribuindo à última uma condição de subalternidade, no sentido que somente à ela cabe a exposição erótica do corpo, a ponto de ser um absurdo ao homem mariscar. [...] os glúteos ficam suspensos, lembrando uma postura que, normalmente, as pessoas atribuem a uma relação sexual anal. (Ibid, p.76)

³² Termo cunhado na área de psicologia para designar o momento em que o sujeito acessa um gatilho de mudança, uma espécie de lapsos mental deflagrado de forma inconsciente

A pesquisa denota a diversidade de experiências educativas a que um sujeito está exposto, deixando evidente, não com a atenção necessária, as relações de poder e o machismo que circunscrevem os espaços e as relações interpessoais. A abordagem de gênero deixa de discutir com mais profundidade autoras de grande relevância no campo dos estudos feministas e da educação, como Joan Scott, Donna Haraway, Berenice Bento, entre outras/os. Quanto ao saber-fazer Caetano (2013, p.79) diz: “o saber advindo da prática implica uma constante (re)elaboração do fazer, ora através da reprodução das ações cotidianas, ora através da reconstituição reflexiva dos atos praticados.”

- ED3 - PASTORA E MULHER - “ELE ME ENTREGOU O CAJADO”: PROCESSOS DE ENSINO-APRENDIZAGEM UTILIZADOS NA EXPERIÊNCIA FORMATIVA DO PASTORADO FEMININOPENTECOSTAL. – SALVADOR (2013) - JOSÉ NUNES DOS SANTOS JÚNIOR

O autor teve o objetivo de compreender os processos de ensino e aprendizagem na experiência formativa das pastoras pentecostais. A pesquisa foi realizada no município de Simões Filho, região metropolitana de Salvador, em uma igreja que possui uma liderança religiosa feminina.

Tratando do tema das lideranças religiosas evangélicas (MACHADO & MARIZ, 1997; NOVAES, 1985 e BURDICK, 1998), o autor salienta que a teoria deixa claro que são majoritariamente masculinas, apesar da maioria das fiéis serem mulheres.

Logo de início, Junior (2013, p.14) refere-se ao processo de aprendizagem das mulheres no pentecostalismo como uma espécie de aquisição de saber intuitivo, cujo professor é Deus, sobre o que infere: “O chamado para o ministério segundo as pastoras, como é caso da pastora Célia se dá por meio do sagrado (Deus) e este é o mesmo que capacita as mulheres para tal empreendimento religioso”. Ainda segundo o autor, o aprendizado “divino” “refere-se a experiências que se dão no *ethos* das pastoras pesquisadas, ou seja, em sua vivência enquanto mulher, mãe, esposa [...]”. O que ele chama de aprendizado sensorial, com uso do corpo (Ibid, p.121)

A partir de Freston (1994), Ricardo Mariano (2005), o pesquisador traça o perfil histórico do pentecostalismo, até o neopentecostalismo explicitando sua história, valores e evoluções ao longo dos tempos, com vistas a chegar no atual momento em que estuda a ocupação por mulheres de cargos de liderança religiosa.

A escolha metodológica qualitativa, de abordagem sociohistórica, foi discutida com o referencial teórico apoiado em Maria Teresa de Assunção Freitas (2002), Freitas (2003), Bogdan e Binklen (1994). As abordagens teóricas foram realizadas à luz da história, educação,

sociologia, antropologia, psicologia, baseadas na fenomenologia e utilizando o seguinte lastro teórico: Gohn (2010; 2011), Trilla (2008), Silva (2003), Romanelli (2005), Zózimo (2009), Hack (2000), Silva (1998; 2010; 2011), Teixeira (1983), Santos (2005; 2011), Bourdieu (2005), Durkheim (1968; 1974), Mauss (1981; 1974; 1979), Weber (2000), Mariano (1999), Geertz (2008), Evans-Pritchard (1986), Gonçalves (2007), Stiel (1996), Merleau-Ponty (2006), Rabelo (2004; 2011).

A análise social revelou que as mulheres, líderes pastorais, geralmente pertencem às classes menos favorecidas e atuam, igualmente, em regiões menos favorecidas do município em questão, denotando uma prevalência masculina em regiões mais exitosas, cujas classes sociais são mais privilegiadas. Na mesma análise, o papel “cuidador” sempre atribuído à mulher aparece como qualidade e diferencial na sua atuação pastoral, fundamentando a divisão sexual do trabalho através da atribuição de seus papéis: Em questões de emergência relacionadas aos moradores das adjacências de suas igrejas, é comum que elas sejam solicitadas para prestar auxílio, independentemente da religião de quem peça a ajuda” (JUNIOR, 2013, p. 25).

A pesquisa constata que dentro das instituições religiosas sempre houve as reproduções sociais da opressão do patriarcado e machismo, de forma velada ou explícita e reforçou a atribuição de tarefas e papéis supracitados:

a igreja sempre aceitou a mulher na liderança da Sociedade Feminina, professora de Escola Bíblica, líder de oração, professora em escolas confessionais e etc., mas o pastorado não lhe é permitido, uma vez que este foi pensado exclusivamente para o homem (JUNIOR, 2013, p. 30).

Analisando as questões de gênero o autor trouxe o potencial subversivo das mulheres com Heleieth Saffioti (1997), Deifelt, (2003), considerando gênero como uma categoria analítica na luta contra a naturalização das opressões sócio masculinas sob as mulheres, apoiou-se em Barbieri (1993); Saffioti (1997); Heilborn, (1999); Nicholson (2000), Sampaio (2005), Joan Scott (1995), Deifelt, (2003) e, para discutir as relações de poder, apoiou-se em Bourdieu (1995), Grosso (1996), Gebara (2000). No que tange as discussões sobre o feminismo religioso, conta com os autoras/es da área como Rohden (1995), Fiorenza (1992), Reily (1997), Reuther (1993), Almeida e Silva (2011), Stanton (1993), Passos (1999), e pontua também a questão das masculinidades e feminilidades dentro dos espaços religiosos, apoiando-se na bíblia.

Sobre o processo de aprendizagem, a trajetória profissional religiosa e privada, é considerada experiência de ensino e aprendizagem. Fato importante destacado foi que neste processo, a técnica da modelagem aparece como impulsionadora entre as mulheres ao serem interpeladas pelo autor da pesquisa em análise. O pesquisador transcreveu uma fala que

evidencia este fato: “Claro. A mulher do meu pastor, as outras pastoras né. A gente não nasce sabendo, vamos aprendendo. E esse aprendizado, pelo menos para mim, aconteceu por meio da observação” (JÚNIOR, 2013, p.119 – reprodução da fala transcrita pelo autor). Em uma reflexão crítica, ousou extrair desse dado pesquisado dois possíveis tipos de saberes: saber modulado e/ou saber da observação.

No que versa o protagonismo e resistência feminina no contexto do pastorado, Junior (2013) dialoga com Ingold (2010), Souza (2011), Rabelo (2004; 2011) para retratar o processo de aprendizagem das pastoras através da fenomenologia, um processo de percepção e ação que sugere uma transgressão feminina e desloca a noção de construção de saberes quanto à sua forma e seus proponentes.

As relações de força aparecem na pesquisa mesmo quando o protagonismo feminino é acentuado. Apesar de hoje haver mulheres no comando e mulheres abrindo igrejas, a pesquisa de Júnior (2013) mostra que o poder a elas conferido ainda é dado por um homem, Deus. Isto se repete durante todo o texto. A submissão da mulher nesse caso, sai dos homens (encarnados) e passa para as “mãos” de Deus, que faz uso dos corpos femininos em nome de sua santidade para dar-lhes ordens e direcionamentos.

Como nos ensina Foucault, é sempre sobre o corpo que se fala e na pesquisa podemos perceber que os saberes também são vinculados à experiência de vida e ao corpo: “Por meio da “santificação” [...] é que o crente pentecostal recebe o Espírito Santo. Este aprendizado aparece constantemente na fala da pastora Ana [...]” (JUNIOR, 2013, p.121). A possessão dos corpos para manifestação do satanás ou espírito santo coloca o corpo a serviço do homem (DEUS), como instrumento que precisa ser controlado a todo instante de forma a aprender com a este, quem, ou o que, deve possuir seu corpo, se o espírito santo, dono de tudo e todas as coisas boas, ou o satanás, pecador e libidinoso.

Para além disso, percebi no estudo supracitado que a demonização das possessões aparecem como forma de controlar os corpos e imputar a religião como única salvadora de seus fiéis, bem como para instituir a supremacia de uma religião sobre a outra pois, se para a religião evangélica (da pesquisa em questão) a possessão das mulheres aparece como se Deus usasse seu corpo para “alcançar a graça” e dar bênçãos, se relatado este episódio como sendo de outra religião possivelmente os evangélicos dirão que se trata da possessão pelo diabo, como forma de doutrinar a todos quantos possam. Colocar os joelhos no chão, cotovelos sobrepostos, curvar-se para orar, também colocam o corpo a serviço da doutrinação, como destaca o pesquisador.

O “livramento”, categoria que será teoricamente sustentada na tese de doutorado do colega Adilson Paz (Peixinho), aparece na dissertação analisada como forma de pedir redenção

ao Deus criador quando envolvidas em situações difíceis e/ou permissão para determinada ação, conforme demonstra na passagem: “Pedi a Deus “um livramento”, que diz ter vindo com a separação e, assim, pôde participar melhor das atividades na igreja em tempo integral” (JUNIOR, 2013, p.123). A subserviência da mulher ao homem, o posicionar-se abaixo dele e a necessidade de autorização para ser/fazer está implícita (e eu diria que até explícita), reforçada e sustentada pela igreja e pelos princípios religiosos, evidenciando o papel da igreja na (re) produção do modelo social patriarcal, machista e heteronormativo, enquanto aparelho ideológico do Estado (ALTHUSSER, 1979). Quando o homem encarnado não domina, há um outro que o faz, Deus, em sua inquestionável santidade, geralmente idealizada e apresentada na figura de um homem, branco, apodera-se dos corpos, influencia decisões e domina as mulheres.

Embora a pesquisa seja feita numa perspectiva feminista, denota a subjugação feminina a um Deus, homem, que tudo sabe, tudo vê, e condiciona o empoderamento feminino até “a página 1”, ressaltando a conformidade mediante algumas subjugações femininas por estarem propostas na bíblia, conforme demonstra a passagem a seguir:

De acordo com as pastoras, há na Bíblia uma certa desigualdade entre homens e mulheres que precisa ser acatada pelas mulheres. No entanto, o que elas reivindicam é um espaço que consideram seu, na medida em que Deusas capacita para exercerem o ministério, tanto quanto ao homem. (JUNIOR, 2013, p.128).

Ainda sobre o saber-fazer das mulheres pastoras, mesmo que Junior (2013) referencie a este como intuitivo e/ou sensitivo, penso que no fim das contas o autor fala de um saber formal, norteado e conteudista, cujo instrumento didático é a bíblia, documento que, para os religiosos, atua de forma normativa e para esta análise, atua de forma a perpetuar estratificações, normas e padrões que privilegiam homens, heterossexuais, brancos e ricos.

A obrigação da vida privada, o cuidado com a família e a necessidade de formá-la também aparece em várias passagens do texto, demonstrando o acúmulo de trabalho pelas mulheres e a sobrecarga emocional que se divide entre “coisas de mulher” e a transgressão proposta no interior das Instituições religiosas, como infere o autor também. O autor demonstra ainda que o exercício laboral do pastorado é uma extensão do trabalho do lar: “apesar das dificuldades muitas vezes em conciliar essa tensão, reconhecem que um ajuda o outro, ou seja, o aprendizado no ministério é fruto da convivência também no lar” (JUNIOR, 2013, p.131).

- ET1 - O avesso do bordado no contar de si das “Pretas” da Matinha – Salvador (2013) - *Janine Fontes de Souza*

A tese de Janine Fontes de Souza, tem como *locus* de pesquisa o distrito de Matinha dos pretos, em Feira de Santana- Bahia. Sua explanação perpassa pelo histórico de escravidão para salientar as características Quilombolas deste espaço, que luta para ser reconhecido como um Quilombo.

Trata-se da reflexão acerca da prática autobiográfica como método de pesquisa, muito embora isto não fique evidente no título, no resumo ou nos objetivos do trabalho em questão. Ressalta:

A dimensão formativa da autobiografia atravessa a dimensão histórica e psicológica, é uma experiência que possibilita ao sujeito apreender-se em unidade, uma vez que os fragmentos de temporalidades que estavam dispersos na vida foram reunidos na narrativa e podem agora ser “incorporados” (SOUZA, 2013, p. 213)

É nesse contexto que a autora encontra as mulheres de sua pesquisa e desenvolve seu trabalho baseado no método biográfico (DELORY-MOMBERGER, 2008; MIA COUTO, 2003; GALLEGO, 2010; HALBWACHS, 2009; POLLAK, 1992; MATURANA, 2004), destacando uma espécie de aprendizado a partir de um autoaprendizado, com ênfase nas Histórias de vida (PINEAU e LE GRAND, 2012; JOSSO, 2004; DOMINICÉ, 2008; PINEAU, 2006), cuja técnica utilizada para pesquisa foram as Entrevistas Narrativas (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002) e a análise destas centrada no conteúdo (BARDIN, 2004).

Sua discussão permeia a história da escravidão e a questão da desigualdade social do Brasil, reafirmando raça e gênero como critérios de exclusão instituídos histórica e estruturalmente. Pinsky (2006), Seyferth (2005), Queiroz (2001), Hall (2006) fundamentaram as reflexões sobre escravidão e desigualdade, já as questões de gênero basearam-se em Del Priore (1998) e Perrot (2007).

O protagonismo feminino e a resistência despontam diante do histórico de violência estrutural, física e simbólica que o negro, a mulher, e tantas minorias são atreladas. Segundo a autora, essas se veem incumbidas de autonegociar-se e autogerenciar-se, como afirma:

Nesse sentido, construir a própria identidade torna-se um processo de negociação individual e coletiva, entre memórias que repousam sobre ocorrências subjetivas e experiências vivenciadas no grupo social a que se pertence. Essa negociação exige do sujeito a assunção de sua própria alteridade em meio à diversidade cultural, como pontua Hall (2006) numa espécie de “resistência” que lhe permite conservar os aspectos fundantes de sua subjetividade. (SOUZA, 2013, p.36).

A autora analisa as narrativas das pretas da matinha observando as questões de gênero e das relações de poder que circunscrevem a dinâmica sócio-cultural-política das mulheres, destacando a falta de apoio de parceiros e familiares ao desenvolvimento de suas vidas, mas também a assunção e a resistência dessas mulheres que, contra tudo e contra todos, vão tecendo suas vidas e construindo seus saberes. Neste quesito, destaque para os saberes políticos e os saberes da convivência, título atribuídos por mim, pois a autora não abre uma discussão específica sobre a constituição dos saberes em si. Ela diz:

As mulheres da Matinha aprenderam a se articular politicamente por meio de atividades em pequenos grupos, geralmente ligados à igreja, e que promovia reuniões para discussão de temas de interesse da comunidade, mobilizando principalmente as mulheres que frequentavam as missas, grupos de catequese e pastorais. Essa vivência em grupo possibilitou a D.Natália conviver com outras mulheres engajadas no trabalho coletivo [...] (SOUZA, 2013, p.182).

O saber coletivo aqui aparece como fator de empoderamento feminino, vez que o surgimento de lideranças femininas traz à baila movimentos e discussões necessários ao processo de rompimento com o patriarcado e o machismo.

ANEXOS

ANEXO I – QUADRO NORTEADOR DE TESES E DISSERTAÇÕES

GRUPO ENLACE

QUADRO – PROJETO INICIAL

Itens	Conteúdo
Tema	Saber- Fazer e Gênero
Temática	O saber-fazer de mulheres negras no âmbito do mercado informal
Título	As pretas de Camaçari: a constituição do saber-fazer e das subjetividades de mulheres negras no mercado informal.
Pergunta de partida	Como se constrói as subjetividades e o saber-fazer das mulheres negras no âmbito mercado informal de Camaçari-BA?
Objeto de estudo	O saber-fazer e as subjetividades das mulheres negras, microempendedoras informais, de Camaçaria/BA,
Universo de pesquisa	Mulheres negras
Objetivos (geral e específico)	<p><u>OBJETIVO GERAL:</u></p> <p>Compreender o saber-fazer (modus operandi), os processos de cognição e a subjetividade das mulheres negras no âmbito do mercado informal na cidade de Camaçari-BA</p> <p><u>OBJETIVOS ESPECÍFICOS:</u></p> <p>Construir o perfil sócio- econômico e cultural das mulheres negras que compõem a cena do mercado informal de Camaçari-BA;</p> <p>Identificar os motivos que as levaram a obter um empreendimento informal;</p> <p>Reconhecer a forma como operam suas atividades e organizam o empreendimento;</p> <p>Refletir sobre os saberes empregados e adquiridos como mulheres, negras e proprietárias do estabelecimento informal;</p> <p>Compreender a relação entre as histórias de vidas das mulheres e seus empreendimentos;</p>
Metodologia	Quanti -Quali (observação participante, história de vida e aplicação do survey)
Conceitos teóricos a serem trabalhados	Mulheres Negras; Saber-fazer; subjetividades; Interseccionalidade.
Referência Teórica (AUTORAS/ES)	Ângela Figueredo (2015), Sueli Carneiro (2005, 2006, 2015, 2018) Bell Hooks (1995), Ângela Davis (2016).

RESUMO DO PROJETO	<p>Esta dissertação propõe-se a identificar o (saber-fazer) modus operandi, os processos de cognição e a subjetividade das mulheres negras no âmbito do mercado informal da Cidade de Camaçari-BA. A base teórica apoia-se na hermenêutica feminista, cujas discussões levam em conta diálogos interseccionais entre gênero, classe e raça de autoras como Bell Hooks (1995), Patrícia Collins (2015) e Ângela Davis (2016). Os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa quanti-qualitativa serão a aplicação de survey, em seguida, a análise dos dados coletados e estabelecimentos de critérios para seleção das mulheres a serem entrevistadas através do método de histórias de vida, ao tempo que se dará a observação participante. Como resultado espera-se compreender a dinâmica de atuação e de construção de saberes destas mulheres no mercado de trabalho, através dos relatos das histórias de vida.</p> <p>Palavras-Chave: Gênero. Saber-fazer. Subjetividades. Letramento. Interseccionalidade.</p>
--------------------------	---

ANEXO II – ROTEIRO DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA



ROTEIRO DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO DA PESQUISA:

A baianidade e o/a empreendedor/a em seu fazer cotidiano: um estudo sobre os/as microempreendedores/as e seus estabelecimentos na cidade de Camaçari.

SEGMENTO: SALÃO/BARBEARIA

Coloque a data _____

1. Olá, somos da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) estamos realizando uma pesquisa para melhor conhecer o comércio local – bares, restaurantes, salões, barbearias. Conhecer como trabalham, o funcionamento dos estabelecimentos e sua história;

2. Código do Questionário _____

3. Informe o endereço (Rua, Bairro)

4. Qual a sua Idade?;

- 11-20
- 21-30
- 31-40
- 41-50
- 51-60
- 61-70
- 71-80
- 81-90
- 91-100

5. Qual a sua nacionalidade?

- Brasileiro Nato
- Naturalizado Brasileiro
- Estrangeiro

6. Se não é brasileiro (a), informe o país de origem _____

7. Onde nasceu? (Município e Estado)?



8. Há quanto tempo você mora em Camaçari?

9. Qual seu nível de escolaridade?

- Não sabe ler e nem escrever.
- Ensino fundamental incompleto.
- Ensino fundamental completo.
- Ensino médio incompleto.
- Ensino médio completo.
- Ensino superior incompleto.
- Ensino superior completo.
- Pós-graduação.
- Técnico/Profissionalizante

10. Qual sua cor/raça (Visão do aplicador)?

11. Segundo as opções do IBGE qual a sua cor/raça?;

- Preta
- Branca
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Não soube informar

12. Você segue alguma religião? Qual?

13. Qual seu estado civil?;

- Solteiro/a
- Casado/a
- Divorciado/a
- União estável
- viúvo(a)
- Não soube responder

14. Declare sua experiência profissional:

a) Primeiro Emprego

- Ocupação _____
- Idade _____
- Tempo de trabalho _____
- Carteira assinada?



Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

a) Sim

b) Não

- O que aprendeu?

• Com quem aprendeu? _____

• Motivo da saída? _____

b) Segundo Emprego

• Ocupação _____

• Idade _____

• Tempo de trabalho _____

• Carteira assinada?

c) Sim

d) Não

- O que aprendeu?

• Com quem aprendeu? _____

• Motivo da saída? _____

c) Terceiro Emprego

• Ocupação _____

• Idade _____

• Tempo de trabalho _____

• Carteira assinada?

a) Sim

b) Não

- O que aprendeu?

• Com quem aprendeu? _____



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

- Motivo da saída? _____

**OBS: SE TIVER OUTRO EMPREGO ANTES DO BAR
COLOQUE NO FINAL DO QUESTIONÁRIO**

15. Como você aprendeu a trabalhar em
SALÃO/BARBEARIA?

- Na prática com orientação
- Na prática sem orientação
- Observando
- Pela mídia (TELEVISÃO, INTERNET...)
- Cursos
- Outros

16. Se marcou outros, especifique

17. Se marcou cursos, especifique;

18. Com Quem Você Aprendeu a trabalhar em

SALÃO/BARBEARIA?

- Mãe/Madrinha/Avó
- Pai/Padrinho/Avô
- Outros Familiares Femininos
- Outros Familiares Masculinos
- Homens fora do Círculo Familiar
- Mulheres fora do Círculo Familiar
- Outros

19. Se marcou cursos, especifique;

20. Há quanto tempo trabalha em
SALÃO/BARBEARIA?;

- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 6 a 10 anos
- Mais 10 anos

21. Há quanto tempo é dono/a de
SALÃO/BARBEARIA?;

- Menos de 1 ano



Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

- De 1 a 5 anos
- De 6 a 10 anos
- mais de 10 anos

22. Há quanto tempo tem este estabelecimento?

- Menos de 1 ano
- De 1 a 5 anos
- De 5 a 10 anos
- Mais de 10 anos

23. Já teve SALÃO/BARBEARIA em outras localidades? Quais?

24. Qual foi a principal razão para abrir o SALÃO/BARBEARIA?

- Desemprego
- Recebeu esse local de herança
- Complementação da Renda
- Autonomia (Não trabalhar mais para terceiro)
- Investimento
- Outros

25. Se marcou outros, especifique

26. Preferia ter outro emprego?

- Sim
- Não
- Outro

27. Se marcou outro, especifique:

28. Para montar seu SALÃO/BARBEARIA, você consultou: (diversas respostas)

- Familiares
- Companheiros/as
- Contador/a
- Sebrae ou Similar
- Orientação Religiosa
- Ninguém
- Outros

29. Se marcou outros, especifique:



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

30. Se marcou orientação religiosa, especifique:

31. Quais os dias de funcionamento do estabelecimento? (diversas respostas)

- Todos os dias
- Só final de semana
- A depender do movimento
- Outros

32. Se marcou outros especifique:

33. Qual dia da semana que você fecha para descanso? _____

34. Você frequentemente abre nos feriados?;

- Sim
- Não
- Não respondido

35. Quais os turnos de funcionamento?; (diversas respostas)

- Manhã
- Tarde
- Noite
- A depender da demanda

36. Qual o mês de maior movimento de clientes?; (diversas respostas)

- Janeiro
- Fevereiro
- Março
- Abril
- Maio
- Junho
- Julho
- Agosto
- Setembro
- Outubro
- Novembro
- Dezembro



Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

37. Inicialmente, alguém te ajudou financeiramente a abrir a SALÃO/BARBEARIA?;

- Sim
- Não

38. Se respondeu sim, quem?; (diversas respostas)

- Banco
- Amigos
- Agiota
- Empréstimo familiar
- Recisão/seguro desemprego
- Programas sociais
- Aposentadoria
- Outros

39. Se marcou outros, especifique:

40. Como você consegue os recursos necessários para financiar a continuidade das atividades da SALÃO/BARBEARIA (compras de matéria-prima, mercadorias de revenda, pagamento de impostos, salários, luz, água, aluguel e outras despesas)? (diversas respostas)

- Renda do bar
- Banco
- Amigo/a
- Agiota
- Empréstimo Familiar
- Programas Sociais
- Aposentadoria
- Não Informado
- Outros

41. Se marcou outros, especifique:

42. Há parceria entre você e os/as outros/as donos/as de SALÃO/BARBEARIA?

- Sim
- Não

43. Como funcionam essas parcerias entre vocês donos/as de SALÃO/BARBEARIA?

- Rateio Financeiro Para Segurança privada
- Compra Coletiva de mercadorias
- Empréstimo de mercadorias



- Rateamento para melhora do espaço coletivo
- Trocas de experiências
- Outros

44. Se marcou outros, especifique:

45. Qual o diferencial de sua SALÃO/BARBEARIA em relação aos seus concorrentes?

- Preço
- Atendimento
- Qualidade da Comida e bebida
- Ambiente
- Serviços Complementares
- Localização
- Outros

46. Se marcou outros, especifique

47. Quais os principais problemas que você enfrenta na sua SALÃO/BARBEARIA? (Diversas respostas)

- Problemas com clientes
- Falta de clientes
- Falta de segurança
- Problema com ajudantes
- Concorrência
- Vender fiado
- Questões familiares
- Relacionamento com fornecedores
- Carga de tributos
- Fiscalização de órgãos governamentais

48. Se há problemas familiares, especifique

49. Quais produtos você vende SALÃO/BARBEARIA?

- Produtos para cabelo
- Produtos para maquiagem

- Produtos para unhas



Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

- Produtos para o corpo
- Salgados/Lanches
- Bebidas
- Bijouterias
- Roupas
- Outros

50. Se outros, especifique:

51. Quais serviços são oferecidos na barbearia? (diversas respostas)

- Manicure
- Escova
- Corte feminino
- Corte masculino
- Relaxamento
- Massagem
- Hidratação
- Tratamento estético
- Barba
- Corte Infantil
- Tintura
- Outros

52. Se outros, especifique:

53. Como você faz o seu preço?

- Aparência do Cliente
- Estação do Ano
- Preço de Custo
- A depender do dia
- De acordo com os demais salões/barbearias
- Pelos Clientes locais
- Outros

54. Se outros especifique:

55. É possível manter o seu sustento e o de sua família com o seu SALÃO/BARBEARIA?

- Sim
- Não

56. Além do SALÃO/BARBEARIA, existe outra fonte de renda para o sustento da família?

- Sim



Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico

- Não
- Não Informado

57. Você costuma ter ajudante no SALÃO/BARBEARIA?

- Sim, diarista
- Sim, funcionário com carteira assinada
- Sim, sem carteira assinada
- Sim, serviços terceirizados
- Sim, amigos
- Sim, familiares
- Não tenho ajuda

58. Além de você, quantas pessoas trabalham no SALÃO/BARBEARIA?

- 1
- 2
- 3
- 4
- Acima de 4

59. Como você faz o pagamento destas pessoas?

- Não faço pagamento
- Diariamente
- Semanalmente
- Quinzenalmente
- Mensalmente

60. Você tem outras formas de pagamento que não seja dinheiro? Especifique

61. Como é feita a contabilidade do SALÃO/BARBEARIA?

- Caderneta
- Planilha
- Sistema Gerencial
- Escritório de Contabilidade
- Outros

62. Se outros, especifique:

63. Há separação do seu dinheiro com o dinheiro do SALÃO/BARBEARIA?

- Sim
- Não



Fundação de Amparo
à Pesquisa do Estado da Bahia

- Não Informado

64. Qual o faturamento mensal aproximado do SALÃO/BARBEARIA?

- até 1 mil
- Entre 1 mil e 2 mil
- Entre 2 mil e 3 mil
- Entre 3 mil e 4 mil
- Acima de 5 mil
- Não soube informar

65. Qual seu sexo?

- Masculino
- Feminino
- Outro
- Não soube responder

66. Se marcou outro, especifique

67. Como você se vê em suas atividades do SALÃO/BARBEARIA?

- Mais masculino
- Mais feminino
- Menos masculino
- Mais masculino

68. Como você enxerga sua aparência no dia-dia?

- Mais masculino
- Mais feminino
- Menos masculino
- Menos feminino
- Não soube responder
- Outros

69. Se outros, especifique:

70. Em algum momento de sua vida, você já manteve relações sexuais ou amorosas com pessoas do mesmo sexo?

- Sim
- Não
- Não Informado

71. Qual a sua identidade sexual/identidade gênero?

- Lésbica/Sapatão
- Gay/Viado/Bicha
- Bissexual/Gilete



- Travesti
- Transhomem
- Transmulher
- Heterossexual
- Não soube responder
- Não quis responder

72. Tire a foto do empreendimento

73. Aplicador, Pode ser um corpo abjeto?

- Sim
- Não

74. Vai participar da parte quali sobre Mulheres Negras?

- Sim
- Não

ANEXO III – SAMBA ENREDO DA MANGUEIRA**Mangueira - Samba-Enredo 2019 - Samba-Enredo**

[Enredo: História pra Ninar Gente Grande]

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa, as multidões

Mangueira, tira a poeira dos porões
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, jamelões
São verde e rosa, as multidões

Brasil, meu nego
Deixa eu te contar
A história que a história não conta
O avesso do mesmo lugar
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara
E a tua cara é de cariri
Não veio do céu
Nem das mãos de Isabel
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho
Quem foi de aço nos anos de chumbo
Brasil, chegou a vez
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Composição: Danilo Firmino / Deivid Domênico / Mamá / Márcio Bola / Ronie Oliveira / Tomaz Miranda. Fonte: <https://www.letras.mus.br/sambas/mangueira-2019/mangueira-samba-enredo-2019-print.html>